

ANNA  
KATMORE

Quebrando

TITÂNIO





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

---

**"Quando o mundo estiver  
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."**

---



# QUEBRANDO TITÂNIO

ANNA KATMORE

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, lugares, personagens e acontecimentos são produto da imaginação da autora ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, negócios, organizações, eventos ou locais reais é mera coincidência.

QUEBRANDO TITÂNIO

*Rafael & Sebastian*, livro 3

Copyright © 2019 por Anna Katmore

Copyright da arte da capa © 2019 por Anna Katmore

Traduzido por Alessandro Pizziolo

Todos os direitos reservados

Primeira edição: Junho 2020

Todos os direitos reservados sob a Convenção Internacional e Pan-americana de Direitos Autores. Nenhuma parte deste livro deve ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer sistema de armazenamento automático, sem que haja permissão por escrito da autora.

## Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Epílogo 1](#)

[Epílogo 2](#)

[Por fim](#)

[PLAYLIST](#)

Eu e Rafael... era como se um floco de neve caísse em sua mão, e no instante seguinte, ele já começasse a derreter. Não há nada que possa ser feito para salvá-lo. No fim das contas, você só vê aquela gota d'água na palma da sua mão onde o floco de neve estava. E isso machuca.

Deus! Machuca tanto...

# Capítulo 1

*Rafael*

Nunca me esquecerei do olhar no rosto de Sebastian. A sensação de pânico quando se está perdendo algo importante estampada. Um medo que eu mesmo sinto neste momento. Mas isso não muda nada. Não estou pronto para isto. Para ele. Eu apenas não fui feito para quebrar limites..

— Então o que você vai fazer agora? — pergunta ele com uma voz sofrida e suplicante, depois dos dois dias que passamos em Eastbourne. Juntos. Ainda estamos em seu carro, em frente ao meu prédio em Mayfair, nos encarando. Sua mão agarrada ao meu antebraço, me impedindo de sair. — Fingir que gosta de mulheres? Arranjar uma namorada? Casar e se resignar para o resto da vida?

Sim, talvez eu faça isso mesmo. Ou talvez não.

— Não preciso ficar com ninguém. — Tento enunciar as palavras calmamente, quando tudo dentro de mim está em cacos e numa tormenta. — Eu posso ficar sozinho. Muitas pessoas vivem assim.

— Rafael... — começa ele, mas tiro sua mão do meu braço e fecho os olhos. Não consigo nem mesmo dizer adeus ou qualquer uma das outras coisas que fervilham em minha mente, pois isso apenas tornaria a despedida ainda mais difícil. E já é um verdadeiro inferno.

Me desvencilho dele e então saio do carro — completamente ciente de que esta será a última vez que sentirei seu delicioso perfume de almíscar e pele bronzeada.

Bato a porta. A porta para um mundo onde eu poderia amar um homem.

Sem olhar para trás, jogo a mochila no ombro e me dirijo à entrada do prédio. Abro a porta me odiando, porque espero para ouvir o som do motor do Honda e dos pneus cantando no asfalto enquanto Sebastian vai embora.

Nada disso acontece. Ele ainda está aqui, atrás de mim.



*Atrás de mim.*

Fecho os olhos novamente.

Cerro os dentes na esperança de conter outra ânsia de vômito quando uma sensação ardente invade meu estômago, aperto o passo, e então começo a correr, passando pelo elevador e indo direto para as escadas. Subo correndo todos os nove andares. Já fiz isso muitas vezes como exercício para manter a forma. Agora, faço isto para exaurir de mim a dor que começou com a notícia de um casal sendo atacado na Parada do Orgulho Gay e uma adorável vovozinha achando isso justo.

Não importa o quão rápido eu corra, as imagens me perseguem com a mesma velocidade. Não há escapatória.

Uma vez em meu apartamento, jogo a mochila pelo hall, deixando escapar um grito violento e jogando as costas contra a porta fechada. Nem mesmo bater minha cabeça contra a madeira vai apagar as palavras daquela mulher hedionda ou acalmar este sentimento terrível dentro de mim. Me afundo em direção ao chão. Com as pernas dobradas, apoio meus cotovelos nos joelhos e enfio o rosto nas mãos. Não quero mais saber desse mundo cruel. Absolutamente nada. Tento engolir, mas minha garganta está fechada como se alguém tivesse amarrado um laço em meu pescoço.

Meus olhos ardem com o brotar de lágrimas, mas pressiono minhas pálpebras com as palmas das minhas mãos tentando impedi-las de cair. Não as quero. Merda, há tantas coisas que eu não quero.

Apenas uma.

Sebastian entrou na minha vida como se fosse um tipo de heroína feito só para mim. Sua presença passou a ser a única coisa certa nesse meu mundo fodido de conforto simulado. Alguém de quem eu sentia falta de estar junto, muitíssimo. Mas no final das contas, ele acabou sendo a única regra que não consegui quebrar. Não posso tê-lo para mim. Não da maneira que remediaría minha alma, porque isso significaria destruir tudo que sou. Um soluço dolorido irrompe entre meus dentes cerrados. Não sou capaz de fazer isso. A verdade é que ele estava certo o tempo todo, desde a primeira vez em que nos vimos. Eu sou um covarde de merda. Eu simplesmente não posso seguir por esse caminho...

Meu coração bate numa velocidade que machuca e meus pulmões não conseguem acompanhar. Meu peito se contrai e não consigo respirar.

Isso vai me matar.

E vai machucar até o fim.

\*

— Ei! Você está sozinho?

A voz serelepe de Tânia através do telefone não combina com o conteúdo em suas palavras. Porque, mesmo sem saber, minha melhor amiga acertou em cheio.

Segunda-feira de manhã, ainda no começo das minhas férias de verão da universidade, e eu deveria estar por aí festejando com meus amigos, me divertindo. Só que a verdade é que nunca me senti tão sozinho em toda a minha vida. Minha cabeça dói. Meu corpo dói. Meu coração dói mais ainda. Nem sei como consegui sobreviver a essa noite. Dormindo é que não foi. Ainda visto as mesmas roupas de ontem, jogado na cama, ouvindo o silêncio opressor em meu apartamento.

Parece que estou acordado há dias, apenas deitado aqui enquanto penso. Lembrando. E tento destruir o quebra-cabeça perfeitamente encaixado, para devolvê-lo a sua caixa e enterrá-lo no canto mais profundo que há em mim. Para sempre.

— Estou — murmuro no telefone. E então um silêncio mortal se segue. Minha única palavra é o suficiente para Tânia entender o fim de semana que ainda não consegui processar completamente.

No instante em que ela encontra novamente sua voz, é a carícia mais suave do outro lado de Londres em minha alma despedaçada:

— Você quer conversar?

Sobre o que aconteceu? Não. Balanço a cabeça e, mesmo que ela não consiga ver, sei que ela entende meu silêncio.

Um suspiro profundo e pesaroso ressoa do outro lado da linha, seguido de um sussurro rouco:

— Sinto muito, Rafa...

— Eu sei. — É difícil fazer com que as palavras saiam da minha própria garganta sem soar choroso. Não tenho certeza se consegui.

— Então, querido, quer saber? — sugere ela. — Você deveria vir hoje à noite. Cozinhamos juntos, eu, você e Félix. Há séculos que não fazemos isso. Que tal um frango assado, hein?

— Ótimo... mas não estou no clima. — Olho para baixo e disfarço mexendo com a bainha da minha camiseta de hóquei branca. — Eu

realmente gostaria de ficar uns dias sozinho desta vez. Fica para uma próxima, até o final do mês, pode ser?

Seu suspiro profundo é tão cheio de preocupação que me sinto mal por não deixá-la entrar na minha vida no momento. Mas é muito recente, preciso de tempo para processar. Porque eu realmente não consigo falar sobre o que aconteceu. A ferida ainda está aberta e longe de cicatrizar.

— Tudo bem, jantamos no sábado então — diz ela, finalmente.

Pressiono os lábios. Não tenho certeza de que minha dor terá passado até o fim da semana, ou mesmo até o Natal, mas conheço minha melhor amiga há tempo suficiente para reconhecer um ultimato. Não haveria espaço para me livrar dessa. Que ela tenha me concedido uma semana para choramingar é um ato generoso de sua parte.

— E se quiser conversar, é só me ligar. Estou aqui para te ouvir e até mesmo te abraçar. Você sabe disso, Rafael.

— Sim. — Eu sei. — Obrigado, Tânia. — Falar dói. E pensar no futuro, mesmo que este futuro seja apenas o próximo fim de semana, também dói. Então, finalizo a ligação e jogo o telefone na cama, ao meu lado. A pequena luz azul no canto superior direito pisca, está fazendo isso há horas. Sei bem quem está me mandando mensagens.

E assim como na noite passada, não respondo.

A exaustão de uma noite sem dormir finalmente recai sobre meus olhos, que se fecham.

Quando os abro novamente, é devido ao som da campainha tocando. O sol começou a se pôr sobre os telhados de Londres. Droga, quanto tempo eu dormi?

Esfrego minha testa, que lateja, e desço as escadas descalço para atender à porta. Que idiota viria me visitar sem convite?

Com a mão na maçaneta, congelo. Se for o Sebastian, ele veio na hora errada. Não há mais nada para ser dito entre nós, então por que ele...

— Anda logo, Rafa, abre essa porta! — A voz impaciente de Tânia avança pelo corredor e então outro toque agressivo da campainha se segue. — Eu sei que você está em casa.

Aperto a ponte do nariz e então abro a porta, cruzo os braços sobre meu peito e encaro diretamente seu rosto de porcelana emoldurado por uma cachoeira de cabelo sedoso e preto como seu moletom.

— Achei que tínhamos combinado no sábado. O que você está fazendo aqui? — resmungo.

Ela passa por mim, dispensando convites para invadir minha casa, e vai até a minha cozinha com uma sacola plástica que contém alguma espécie de caixa dentro.

— Combinamos de fazer o *frango* no sábado. Eu não trouxe *isso*.

Fecho a porta e a sigo, observando enquanto ela abre um pote extragrande de Ben & Jerry's e pega duas colheres na gaveta e me oferece uma:

— Isto aqui é sorvete.

Reparo imediatamente no sabor. Morango.

Ela pode até saber meu gosto, mas infelizmente, não sabe quando é melhor me deixar em paz.

— Eu não quero sorvete.

— Tudo bem, sobra mais para mim. — Inabalada com minha tentativa ranzinza de fazê-la ir embora, ela coloca a segunda colher de volta na gaveta e se dirige ao sofá. — Eu posso comer tudo isso sozinha, enquanto você me diz o que está rolando com você.

*É sério isso?*

É sério. Ela cruza as pernas enquanto senta, abre a tampa e enfia a primeira colherada de sorvete na boca, me olhando com uma expressão de expectativa.

Cerro os dentes. Às vezes ela é tão teimosa quando coloca uma coisa na cabeça, pior que um vírus resistente a antibióticos. Engolindo em seco, eu a sigo até o sofá e sento ao seu lado. Quietamente, a observo de soslaio, roendo minhas unhas. Ela já está na terceira colherada quando finalmente pergunta num tom um pouco mais suave:

— O que aconteceu no fim de semana, Rafa?

Respiro fundo. Não faço ideia de por onde começar. Fixo o olhar em meus dedos úmidos.

— Começa você. Como foi o lance entre você e Félix? — Novamente, meu olhos se movem para o lado para achá-la. Não que eu já não soubesse que meu outro melhor amigo planejava pedir Tânia em namoro enquanto eu estivesse fora.

— Foi tipo... não sei. — Ao encolher os ombros, ela evita meu olhar e raspa um pouco de sorvete do pote. — Depois que nos divertimos, ficamos deitados e, do nada, ele me puxou para perto dele e ficou tipo “*Ei, o que você acha de deixar sua escova de dente aqui no meu apartamento?*” e eu respondi “*Eu já tenho uma escova de dente no meu banheiro*”. Então ele

falou “Ok, que tal a gente comprar a sua pasta de dente favorita sabor chiclete, então?” e eu “Sério?” — Só agora é que ela levanta a cabeça e me olha como se tivesse feito algo de errado e esperasse algum tipo de crítica. Eu permaneço em silêncio. Isso é tão típico do Félix e dela que já consigo imaginar o final da conversa.

Tânia enfia na boca o equivalente a três colheradas que ela juntou na colher e balbucia algo muito rápido:

— Efenvi o que el cava faando, mas foi são esfranho. Eu não favia o que vizer.

Minhas sobranceiras formam um vinco e puxo a colher de sua boca.

— O quê?

Seu suspiro soa tão inseguro quando ela fecha os olhos.

— Isso tudo é tão estranho, Rafael. Estamos oficialmente num relacionamento há dois dias já, e ainda não consegui assimilar tudo isso. — Seu peito se eleva com mais um suspiro antes de ela se virar para mim novamente: — Sabe, ele é tão atencioso. Pensar na minha pasta de dente porque ele sabe que eu odeio o gosto amargo da dele.

Eu encaro seu olhar ansioso.

— É porque ele te ama.

E aí está. O sorriso de Tânia é capaz de derreter as geleiras da Islândia. Eles serão felizes como um casal, eu sei disso. Lanço a ela um sorriso reconfortante por estar feliz pelos dois, enfio a colher no sorvete e pego um pouquinho para mim.

Ela então me acerta com sua resposta sorradeira:

— Sabe, eu tinha certeza de que o Sebastian estava apaixonado por você também. Então, o que é que ele fez de errado para você estar sozinho aqui e não com ele?

Encaro o sorvete cor-de-rosa, enquanto minha mão paira segurando a colher sobre ele e percebo que o momento de felicidade despreocupada que me fora concedido chegou ao fim.

— Eu não posso ser gay, Tânia. — Fecho os olhos, lembrando de como pessoas foram queimadas por isso. — Nunca...

Enfio o sorvete na boca. Conforme o gosto de morango toma conta da minha língua, o aperto em meu peito retorna, e pressiono meu lábios. Sebastian havia lambido metade da casquinha de Michele antes de nos beijarmos no jardim. Naquele momento especial, eu soube que sorvete de

morango sempre teria o gosto dele. Só que eu não estava ciente do tipo de dor que me traria dali a dois dias.

Engulo, mas o gosto de Sebastian na minha boca não se esvai.

— Você sente falta dele, não é? — pergunta Tânia, tirando cuidadosamente a colher da minha mão. Ela a coloca na mesa de centro junto do sorvete e então se aconchega em meu peito.

Ainda é tão custoso engolir com esse nó na minha garganta. Envolver-a com meus braços e enterro meu rosto em seus cabelos.

— Sim, eu sinto...

## Capítulo 2

*Sebastian*

Não sei o que fazer da minha vida. Ficar deitado no meu apartamento vestindo calça de moletom e observando gotas de chuva tamborilando a janela não ajuda nem um pouco a acalmar a saudade dentro de mim. Nesta manhã, avisei que estava doente na academia. Certamente, trabalhar e me manter ocupado deveriam ajudar a tirar minha cabeça dos escombros do meu mundo devastado — ou assim dizem. Mas sinceramente, não fez merda nenhuma para me ajudar a me sentir melhor a semana inteira, então por que me preocupar? Só não estou a fim de ver ninguém hoje.

Jogado no sofá, encaro meu celular. A linda selfie que tirei de Rafael e eu no meu quarto em Eastbourne, onde estou beijando-o... e ele cobre os olhos. Ele sempre foi tão tímido. E tão fofo o sendo.

Meu coração sangra conforme leio as mensagens que digitamos um para o outro depois, tudo no celular dele. Quando nós dois estávamos felizes.

**Islândia**

*Nossa primeira foto como casal.*

**Islândia**

*Só que... não. Você sabe que não somos um casal.*

**Islândia**

*... ainda. Mas conversamos sobre isso quando voltarmos a Londres.*

**Islândia**

*Talvez. Boa noite, Sebastian.*

**Islândia**

*Boa noite, Rafa.*

Eu fungo e tusso enquanto mudou seu nome de *Islândia* para *Rafael* no meu telefone. Engolir é tão difícil com esse nó na minha garganta. Impossível... como se estivesse me sufocando.

Me afogando.

Depois que voltamos a Londres e Rafael desceu do meu carro, mandei uma mensagem no fim da tarde. Mais quatro durante a noite. Liguei na manhã seguinte, depois à tarde. Na terça-feira. Quarta-feira. Há três horas. Mas não importa o que eu faça, de que jeito eu tente entrar em contato, ele continua a me ignorar.

Ele me mantém fora de seu mundo, como se tivesse acabado tudo comigo.

Os muros de Rafael foram erguidos novamente, mais fortes do que nunca. No fim das contas, consegui quebrar o titânio, só não consegui manter o floco de neve a salvo na palma da minha mão. Porque a neve fez o que sempre faz: derreteu. Assim como os momentos que compartilhamos. Juntos. No País das Maravilhas.

**Eu:**

*Por favor, Rafa. Por favor... me dá uma chance de conversar com você.*

Sei que se ele não me responder desta vez, se os dois tiques ao lado desta mensagem — e de qualquer outra que envie antes — não ficarem azul, esta será a minha última mensagem para ele. Minha última tentativa de consertar o que foi estragado quando aquelas notícias apareceram na hora errada e uma velhaca perfurou o coração sensível de Rafael com uma espada forjada em ferro.

Nada acontece. A mensagem permanece não lida assim como todas as outras durante a semana. É óbvio que ele silenciou nossa conversa do WhatsApp, então ele nem deve estar recebendo notificação quando escrevo para ele. Eu provavelmente faria o mesmo se não quisesse falar com alguém.

Mas eu não entendo.

Nosso tempo juntos foi incrível. Sei que ele estava começando a se apaixonar por mim do mesmo jeito que eu estivera desde o dia em que nos beijamos pela primeira vez. Nós não brigamos. Não terminamos. Entendi que amar um homem é difícil demais para ele simplesmente deixar acontecer. Mas isso significa que não podemos ao menos conversar? Que



não podemos nos ver... apenas como... amigos? É, bem, foda-se. Não quero ser apenas amigo dele mesmo. Eu *quero* ele. Por inteiro.

Meus dedos apertam o telefone cada vez mais forte. Fechando os olhos, pressiono a ponta do aparelho contra a minha testa. Deus, eu sinto tanta falta dele...

Com um grunhido frustrado, estico as pernas no sofá e me sento, pousando os pés descalços no chão com um baque. Mais uma conferida na mensagem. Ainda não lida.

— VÁ SE FODER, RAFAEL!

Furioso, deixo o telefone de lado e passo as mãos pelo cabelo. Apoio os cotovelos nos joelhos e enfio meu rosto em minhas palmas. Por que ele tinha que aparecer na minha vida se não podia ficar?

Engulo as lágrimas porque, bem, eu nunca choro. Nem por ele nem por nada. Mas elas queimam por trás das minhas pálpebras e me deixam ciente de que não me sinto assim por alguém há um bom tempo. Tempo demais. A verdade é que nem tenho certeza *se* já me senti assim alguma vez.

Rafael adentrou meu mundo profundamente, rápido demais. É incomensurável o que ele fez comigo em apenas duas semanas e como me deixou arrasado, agora que se foi.

Arrasto minha existência inútil até o quarto para pegar algumas roupas limpas e em seguida vou para o banheiro. Talvez uma ducha quente consiga acalantar o buraco vazio dentro de mim.

Ou talvez não.

Quinze minutos depois, me enxugo sem muito entusiasmo, jogo a toalha no chão e coloco minha calça jeans rasgada. Gotículas de água ainda cobrem meu peitoral, então esfrego minha camiseta azul-escuro sobre minha pele. Sou pego de surpresa pelo meu reflexo no espelho que fica sobre as pias e, vagarosamente, minhas mãos descem com a camiseta. Permaneço ali, rígido.

A tinta preta do marcador no meu abdome está sumindo. O desenho que Rafael fez em mim na noite do último sábado. Estou perdendo o desenho assim como o perdi. A camiseta escorrega da minha mão e vai parar no chão. Focado no espelho, levanto a mão devagar e traço as linhas pretas em minha pele. *Bumblebee*. Uma caminhada à beira-mar. O borrão quando o toquei enquanto ele desenhava nossas iniciais. Tudo ainda está lá e em breve não estará. Está desvanecendo.

Sinto minha garganta apertar. Ainda não estou pronto para deixá-lo ir — nem meia semana se passou. Rafael apareceu na minha vida de surpresa e quero mantê-lo nela. Quero acordar ao seu lado nos fins de semana. Quero levar para ele uma xícara de chocolate quente à meia-noite depois de fazermos amor. Só quero beijá-lo debaixo de uma árvore e saber que ninguém terá para ele o mesmo significado que eu.

Porque ele passou a significar muito para mim.

Meus dedos acariciam o País das Maravilhas que ele desenhou sob meu coração. Não quero perder isto.

Com a cabeça pendurada, apoio minhas mãos na borda da pia. Fecho os olhos bem apertados, mordendo forte meu lábio inferior — algo que Rafael fazia com frequência. É estranho como são as pequenas coisas que mais sentimos falta. Meu peito arde com o suspiro profundo que dou em seguida, me endireito e deixo o banheiro. Não, não posso deixar que o País das Maravilhas desapareça ainda. É tudo que me resta dele agora, e juro por Deus, vou me certificar de mantê-lo enquanto puder.

Atravesso a sala de estar até a mesa no canto e abro a gaveta de cima, vasculhando entre as canetas e marcadores em minha caça. Finalmente, acho o que estava procurando. Sabia que tinha um marcador preto em algum lugar aqui.

Tiro a tampa, afundo no sofá numa posição meio deitado, o jeans ainda aberto, e olho para meu abdome desnudo. A cor pode até desbotar, mas não deixarei que se esvaia. Após outro suspiro profundo, começo cautelosamente a retrazar o belo desenho em minha pele carrega tanto da alma de Rafael... porque sei então que não posso deixar que esse seja o nosso fim.

\*

A academia foi uma chatice hoje, mas não dá para fingir que estou doente o mês todo. Ninguém escreveria um atestado médico por paixonite aguda. Às cinco tomo uma ducha, exausto por causa do meu coração partido, pronto para sair daqui e afundar no sofá novamente e ficar lamentando pelos próximos dois dias.

Atravesso a rua até onde meu carro está estacionado e pego o celular no bolso para ligá-lo depois de ter passado a maior parte do dia no silencioso. O WhatsApp se faz perceber através de uma luz piscando e uma série de

bipes. É tão irritante que meu coração ainda sobressalte quando já sei que nenhuma destas mensagens será de Rafael. Mas esperança é uma merda e ela me mantém presa num mata leão enquanto checo as mensagens.

Nada, nadinha de Rafael. Ele ainda não leu as minhas, como me informam os tiques duplos cinza. Mas há uma de minha irmã, que está preocupada comigo e Rafael desde que contei como as coisas terminaram no domingo. Ela escreveu para mim todos os dias desde o fim de semana.

Aperto o botão de chamada e quando ela atende, eu suspiro no telefone.

— Oi, Cláudia.

— Ei, maninho. Como você está lidando?

Destranco o carro e me posiciono atrás do volante, mas não dou partida no motor. Ao invés disso, fico ali encarando o para-brisa.

— Vim trabalhar hoje, então acho que é algum tipo de progresso.

— Nenhuma novidade do Rafael então?

— Nananinanão. — Faço soar mais indiferente do que realmente estou, mas o que toda lamentação do mundo pode fazer de qualquer jeito? Exatamente. Nada.

— Bem, pelo menos você levantou a bunda do sofá e saiu de casa. — Percebo uma pontinha de esperança e entusiasmo em sua voz. — Distração ajuda.

— Uhum.

Meu resmungo age como um taco de beisebol com as esperanças de Cláudia, e ela expele um longo e profundo suspiro.

— Você deveria vir de novo no fim de semana. Sair da cidade e passar um tempinho com a Michele. E sabe de uma coisa?

Ah, consigo ouvir claramente em sua voz quando ela tem uma daquelas ideias brilhantes. Fecho os olhos com outro grunhido abafado. O que será dessa vez?

— Lembra quando conversamos sobre expandir a sala de estar para um solário?

Lembro. Faz tempo que Cláudia quer mais espaço no primeiro andar. Paredes de vidro na ala sul da casa para deixar entrar mais luz do sol deixariam os longos invernos mais aconchegantes.

— Talvez você devesse pegar uma marreta e derrubar algumas paredes.

Ah, boa ideia. Até me arranca um sorriso, bem pequeno. Infelizmente, não é assim tão fácil.

— Não dá para simplesmente sair marretando uma parede, mana. Isso precisa ser planejado. Por uma empreiteira.

Há um breve silêncio na linha, então sua voz fica mais suave.

— Ou por um arquiteto?

Passo a mão pelos cabelos, fecho os olhos e suspiro. Já saquei o joguinho que ela está fazendo. Ou com *quem*.

— Não vai rolar, Cláudia. Ele é um estudante. É preciso uma pessoa certificada para fazer isso da maneira apropriada, até para fins de seguro. Rafael não é uma opção.

Um suspiro de decepção precede suas palavras.

— Que pena.

Corro meus dedos pelo volante, observando-os. Sim, é uma pena. Seria uma grande chance.

— Encontrarei outra pessoa para o serviço. Há arquitetos o suficiente em Londres. Você terá seu salário e quando tudo estiver resolvido e planejado, eu mesmo vou com a marreta, prometo. — Meus ombros elevam-se com uma arfada. — Dê um beijo em Michele. Te aviso quando estiver pronto para uma visita novamente.

— Ok. Se cuida, irmãozinho.

Desligo e levo um momento para me recompor, então abro a próxima conversa, que na verdade é um grupo: *Motoristas*. Elliot Northrob me adicionou à lista depois que concordei em competir sozinho contra Rafael em algum momento num futuro próximo. Ao que parece, as pessoas apostariam muito dinheiro na corrida.

Rapidamente percebo que é aqui que ele e aquela garota alta, Nikki, postam a hora e o local das corridas ilegais de Londres. Eles costumam anunciar as datas bem em cima. Acho que é para diminuir o risco de que informações vazem para a polícia de Londres. Ninguém quer que eles apareçam antes e estraguem a festa.

Um racha qualquer acontecerá hoje às dez da noite. O local será informado mais tarde, de acordo com a mensagem de Nikki.

Há cerca de duzentas pessoas neste grupo. Dois terços delas já leram esta mensagem, inclusive Rafael.

Esta não é a corrida estrelada por Rafa e eu, então não pretendo ir. Não estou a fim de correr contra estranhos quando é grande a chance de perder o Honda ou mesmo uma grande quantia em dinheiro, já que minha concentração está uma merda ultimamente.

Por outro lado...

Meu telefone vai parar no banco do passageiro. Faço uma careta para ele por algum momento antes de dar partida no motor. Rafael pode estar lá esta noite. Já que ele se recusa a ler minhas mensagens ou atender a minhas ligações, talvez haja uma chance de encontrá-lo mais tarde para que possamos conversar. Deus, me arrepio só de pensar em vê-lo lá.

Quando chego em casa, visto um moletom preto sobre minha camiseta e pego uma bebida na geladeira. É engraçado como a prateleira do meio que costumava abrigar algumas garrafas de cerveja, está agora abastecida de latas verdes de Sprite. Abro uma enquanto faço um sanduíche de peru com alface e maionese. Só que quando termino, meu estômago se revira. Não tive apetite a semana toda e agora, com a ansiedade de talvez encontrar Rafael, ele desaparece de volta em sua caverna. Dou uma pequena mordida, mas é o máximo que consigo engolir. Embalo o resto e coloco na geladeira. Talvez mais tarde, quando eu voltar para casa.

Feito um viciado esperando a próxima dose, continuo a checar o telefone à espera da mensagem com o local da corrida. Graças a Deus, Nikki não demora muito e logo, logo estou a caminho de Wandsworth Common, a parte de Londres onde o público cativo dos rachas vai se reunir esta noite.

Enquanto passo pelos muitos carros tunados no terreno próximo ao parque, mantenho os olhos abertos, procurando em todas as partes por um Corvette cinza-grafite e seu motorista platinado. No entanto, a única cor que se destaca na multidão é o vermelho profundo do cabelo de Félix junto da belezura com cabelo de ébano ao seu lado.

Encontro uma vaga perto deles, saio do carro e mal tenho tempo de fechar a porta quando Tânia vem correndo em minha direção. Ela se joga em meus braços e enterra o rosto em meu ombro, me deixando sem reação, até que sua voz chorosa ressoa ao meu ouvido:

— Ai, Sebastian, isso é tão triste. Sinto muito pelo que aconteceu e como isso deixou você e Rafael.

Ah... sim.

Félix vem logo atrás, com as mãos nos bolsos de sua jaqueta de couro preta e levanta as sobrancelhas em saudação. Seus lábios permanecem selados. Acredito que Tânia tenha dito tudo. Eu o cumprimento de volta com um aceno quase imperceptível, e então fecho os olhos, exalando um suspiro profundo enquanto aperto Tânia um pouco mais forte. O simples ato

de abraçá-la me traz uma sensação de conforto e estabilidade. Não sei por que exatamente. Talvez seja porque ela é tão próxima de Rafael e, através dela, me sinto um tantinho conectado a ele.

Quando ela me solta, seu rímel está borrado no olho direito e eu limpo a sujeira com o polegar. Parece que ela pode fazer tão facilmente o que eu não posso. Estar com Rafael, ligar para ele, receber suas mensagens... chorar por sua perda.

— Não fique triste. Está tudo bem — minto para ela e forço um sorriso. Mas um segundo depois eu engulo, e outra pergunta me escapa, a voz afinando diante da emoção. — Como ele está?

— É difícil para ele. — Conforme minha mão deixa seu rosto e desce por seu braço, os dedos dela pegam os meus e os apertam por um momento. — Ele não sai de casa, mal atende nossas ligações. — Tânia suspira e pisca, mas a bondade em seus olhos brilham como uma xícara de chocolate quente no inverno. — Ele sente sua falta.

Também tenho saudades dele...

— Mas como você está, querido? — pergunta ela, agora com um tom mais controlado na voz, conforme dá um passo para me examinar. — Você parece mais magro. Quando você comeu pela última vez?

— Eu comi um sanduíche — respondo, mas então considero que o pequeno pedaço mais cedo não conta de verdade. — Ontem de manhã.

— Você deveria cuidar mais de si mesmo, Sebastian — diz ela, conforme andamos até o Alfa vermelho cereja em que ela e Félix estavam encostados antes, tão rebaixado que está quase lambendo o asfalto. — As coisas não vão melhorar se você passar fome até virar uma vareta. Eu vivo dizendo o mesmo para o Rafael também.

Então ele também perdeu o apetite? É patético que eu encontre conforto na ideia de que pelo menos temos isso em comum atualmente? Enfio as mãos nos bolsos, falhando ao tentar não soar tão desesperado quando pergunto a ela:

— Ele vem hoje?

Seu olhar triste me responde antes mesmo que ela comece a balançar a cabeça. Passo a mão pelo cabelo e deixo escapar um suspiro cabisbaixo. De repente, seu rosto se ilumina com uma expressão de excitação quando ela se debruça no capô do carro e se apoia usando as mãos.

— Mas quer saber? — diz ela. — Ele virá à minha casa amanhã à noite para jantar. Vamos cozinhar frango assado juntos. Você deveria vir também.

— Ei, ei, princesa! — intromete-se Félix, a reclamação vem junto de uma risada insegura. — Você acha que essa é uma boa ideia?

— Acho — responde ela, mas agora tenho que ficar do lado de Félix.

— Ele está certo. Não me parece um bom plano — digo a ela, as sobrancelhas arqueadas. — Não quero colocar o Rafa numa situação desconfortável.

Para minha surpresa, Félix ri novamente e põe a mão no meu ombro.

— Não foi isso que eu quis dizer, cara. Para ser sincero, acho que Rafael precisa de um empurrãozinho e ele realmente deveria conversar com você. Vir cozinhar com a gente amanhã pode ser uma ótima oportunidade. — De qualquer maneira, a careta que ele faz em seguida me confunde. — Mas ele vai ficar furioso. — Ele lança um olhar sério para Tânia. — Com a gente.

Os olhos de Tânia se estreitam e sua boca faz um bico enquanto ela reflete a respeito do que ele acabou de falar. Em seguida, ela nos oferece um sorriso caloroso e confiante.

— Nós somos a família dele. Ele supera.

— Bem, eu não sei... — digo, mesmo assim, e então felizmente somos interrompidos pelo rugido de alguns motores conforme os motoristas se preparam para a corrida. Minha deixa. Que o Félix não vá participar não é nenhuma surpresa, com seu carro deslumbrante. Foi feito para exibir, não para correr. Eu particularmente gosto do desenho de zumbi feito com aerógrafo no capô. De qualquer maneira, avançamos em direção à linha de partida para assistir à largada com o resto do pessoal.

Quando Nikki abaixa as bandeias, um Seat amarelo, uma BMW prateada e dois Toyotas disparam, voando pela rua que Mestre B e Elliot mantiveram vazia para eles. Descobri na minha primeira corrida em Londres que eles são dois gênios da computação que conseguem hackear facilmente o sistema de trânsito e controlar os semáforos de todo o bairro. Caminho livre para os motoristas.

Assistimos eles acelerarem pela estrada, acompanhados pelos gritos do público animado. Não sei onde vai dar a volta exatamente, mas com certeza vai trazê-los de volta a este mesmo lugar para a chegada.

Todos observam atentos, eu também. Até que percebo uma sensação estranha atravessar minha pele. Um arrepio percorre desde minha nuca até a ponta dos meus dedos.

Com calma, me viro. Nem sei mesmo o porquê, só sinto que o que quer que esteja causando essa sensação estranha está atrás de mim.

A multidão está escassa aqui atrás e meu olhar percorre os poucos rostos que vejo. Nenhum deles me dá atenção. Exceto um. Entre as pessoas, lá no fundo, um par de olhos azuis árticos brilha sob a luz do poste do outro lado da rua.

Meu coração dispara.

Rafael.

Seu cabelo louro nórdico está levemente caído sobre sua testa, combinando com a cor de sua camiseta de hóquei branca que ele veste sobre sua calça jeans azul-claro. Ele fica parado ali como o anjo da Islândia de quem me lembro.

Inclino a cabeça, o ar de repente parece muito rarefeito para respirar. Ele aperta algo escuro contra a barriga e me olha, mas fica claro que ele não virá até aqui. Não quero deixar escapar esta chance, mas e se eu atravessar a rua agora? Ele vai se mandar? O risco me assusta, enquanto cada parte de mim quer se aproximar dele.

Com cuidado, dou um passo em direção a Rafa. Ele permanece ali. Minha barriga se contorce de ansiedade. Dou mais um passo e mais um. Em todo o caminho, tento manter meus passos lentos e cautelosos. Com o olhar um tanto amedrontado, ele me observa chegar cada vez mais perto, até ficarmos separados por apenas um metro, e eu paro.

Puxo os lábios entre os dentes, ponderando o que dizer, e enfio as mãos nos bolsos da minha calça, engolindo em seco. Encaramos nos olhos um do outro por um tempo infinito. É bizarro como é fácil se desligar do mundo com todas essas pessoas e todo esse barulho acontecendo. Rafael não se mexe, mas consigo ver como sua respiração instável transparece tanto medo quanto a minha. Lentamente, meu olhar vai descendo. Ele ainda segura o negócio preto contra a barriga e só agora eu percebo que são minha camisa e minha camiseta, aquelas que deixei em seu apartamento da última vez que estivemos juntos em seu quarto de jogos.

Então ele veio devolvê-las. Minha garganta fecha.

Quero perguntar tantas coisas a ele: *como você está? Por que não atende minhas ligações? Posso te abraçar, por favor?* Mas nenhum som de verdade sai da minha boca, a não ser um suspiro pesado e doloroso.

Estamos sozinhos sob a luz do poste. Uma brisa quente passa por nós uma única vez, fazendo com o que o cabelo de Rafael se mexa. Uma mecha cai sobre seu olho esquerdo e ele pisca, eu então sigo seu olhar até suas mãos conforme ele olha relutante para baixo. Como se estivesse decidindo



o que fazer em seguida, ele apenas encara as minhas roupas em suas mãos, até que, lentamente, estende uma mão segurando minha camisa preta. Sua mão esquerda recai, ainda segurando minha camiseta cinza.

Pego a camisa de sua mão, meu olhar cravado na única coisa que ele não me devolveu, e uma pequena faísca de esperança deixa minha respiração acelerada. Encontro seus olhos novamente. Estão fixos no meu, e refletem um triste anseio que ele nunca ousaria enunciar em voz alta. Sua garganta se contrai enquanto ele engole em seco, então pisca algumas vezes e dá meia volta em direção à rua onde seu carro está estacionado. Ele não olha para trás nenhuma vez sequer, nem mesmo quando entra no carro. Momentos depois, o Corvette solta um ronco abafado, se afasta do meio-fio e vai embora num ritmo lento.

Não consigo ver se Rafa olha para trás através do espelho retrovisor, mas espero que sim. Parado ali por segundos a fio, observo até que as luzes da traseira desapareçam na esquina no final da estrada. Só então o tumulto atrás de mim me traz de volta à realidade e me viro.

Os quatro carros de corrida cruzam a linha de chegada vindos de outro beco, o Seat amarelo detendo a liderança. Ele vai ganhar uma bolada hoje, algo que fará inveja a muitas pessoas aqui. Mas não a mim. A verdade é que ganhei algo muito melhor.

Eu ganhei esperança.

Porque Rafael decidiu ficar com minha camiseta.

## Capítulo 3

*Rafael*

Subo as escadas correndo enquanto me agarro à camiseta de Sebastian. O elevador demorou demais para descer e estou sem paciência hoje. Não consegui devolver a camiseta a ele. É um... não sei. Um memento? E a única coisa que ainda tenho dele. Preciso disso. Para me manter de pé.

E superar este momento doloroso.

Com a respiração ofegante, entro em meu apartamento e fecho a porta, me encostando nela. Merda! Tudo dói dentro de mim. Trago a camiseta até meu rosto e inspiro profundamente. Um suspiro me escapa. Cheira ao sabão líquido que Rosa usa em minhas roupas — não a ele, mas não importa. Só de pensar que Sebastian usou isto muitas e muitas vezes, e saber que seu perfume já embebeu este pedaço de tecido ajuda a me manter de pé e não cair de joelhos. Devagar, meus olhos se fecham. Não quero ceder por causa disso... de novo. Não posso. Consegui passar uma semana sem ele. Vou aprender a viver com isso.

Preciso aprender.

Engolindo com dificuldade, me desencosto da porta, tropeço no sofá e desabo. O estofado afunda sob meu corpo largado e me reclino, apoiando a cabeça no encosto do sofá. Tudo tão quieto e escuro aqui. As luzes do teto só acendem automaticamente quando a porta do elevador privativo se abre no apartamento. Como usei as escadas, não me dei o trabalho de acendê-las. Neste momento, prefiro a escuridão. De alguma forma ela é reconfortante, e não me deixa ver o que sinto falta. O que não pude ter. E nunca poderei.

Vou superar isso, digo a mim mesmo. Eu vou superar. Com o tempo. Vai chegar o dia em que não pensarei mais em Sebastian... nem na dor de perdê-lo. Eu vou superar.

\*

O combinado foi chegar às cinco horas na casa de Tânia. Estou retornando ao hábito de ser pontual novamente, mesmo que eu não esteja no clima de passar uma noite agradável com meus amigos, cozinhar frango ou o que quer que eles tenham planejado. Porque cozinhar juntos também significa comer com eles e, sinceramente, não consigo lembrar a última vez que tive o menor resquício de apetite.

Minto. Claro que eu lembro. Foi na casa de Cláudia em Eastbourne, quando todos nos sentamos à mesa e comemos pizza caseira. Dei pedacinhos da minha pizza à sobrinha de dois anos de Sebastian, Michele. Ela achou que eu era um unicórnio. Eu acho que ela é um anjo.

Endireito meu moletom branco e então toco a campainha do apartamento de Tânia e espero. Ela abre a porta alguns segundos depois e me manda entrar com um sorriso no rosto. Uma pequena antessala recebe os convidados, decorada com um espelho redondo e algumas de suas pinturas de fadas nas paredes brancas. A porta se fecha com um clique quase imperceptível. Puxo Tânia pelo pescoço e dou-lhe um beijo na testa como saudação. Ela posiciona as palmas das mãos no meu peito, seu olhar procurando o meu.

— Obrigada por ter vindo, Rafa. Sei que você não queria.

— Só espero que você tenha alguma Sprite aqui, daí vai ficar tudo bem.

Ela dá um passo para trás e inclina a cabeça, me lançando um olhar de reprovação.

— Eu *sempre* tenho Sprite para você na geladeira, você sabe disso.

Dou um sorriso de leve, que logo se apaga quando ouço vozes vindo da cozinha. Duas vozes. Há dois homens lá, onde deveria haver apenas um.

— Quem mais está aqui? — pergunto, as sobrancelhas franzidas, mas ela não precisa nem responder. Quando o estranho em sua cozinha diz “*obrigado*” a Félix, sua voz lança uma onda de arrepios em minha espinha. Só uma pessoa me afeta desse jeito.

Cerro minha mandíbula mediante a culpa presente nos olhos cor de chocolate de Tânia.

— Que porra que você fez? — vocifero e me viro instantaneamente, sem esperar por sua resposta. Estou determinado a sair o mais rápido possível, mas ela é mais rápida.

Tânia me ultrapassa, bloqueando a porta com seus braços e suas pernas abertos formando um X.

— Por favor, Rafael, não vá. É só uma noite. Cozinhando e comendo juntos. Você consegue sobreviver.

É, duvido.

— Sai da minha frente, Tânia, antes que eu te arranque daí — rosno entre os dentes.

Seu rosto empalidece com o pânico até que algo atrás dela chama sua atenção. Merda!

— Já vai embora de novo? — Uma voz suave, mas triste, acaricia meus ouvidos a alguns metros de distância.

Fecho bem os olhos e respiro calma e profundamente. Quando os reabro, Tânia pisca para mim, esperança estampada em seu olhar. Ela se aproxima e segura minhas mãos por um breve momento.

— Por favor, só uma noite — sussurra, e então passa por mim, sumindo da antessala e me deixando sozinho com Sebastian.

— Filha da mãe! — esbravejo entre os dentes, mesmo que ela não possa mais me ouvir. Com os lábios pressionados, fecho os olhos novamente e minha cabeça pende para frente, um punho cerrado encostado na porta. Não acredito que fizeram isso comigo.

— Por que está tão bravo com ela? — A voz de Sebastian chega até mim. A gentileza nela só me faz cerrar os dentes com mais força.

— Porque você não deveria estar aqui! — Bato minha mão na maçaneta e olho por cima do ombro, cruzando-o com um olhar sinistro. Ele simplesmente fica ali, me olhando. Depois enfia as mãos nos bolsos de sua calça jeans rasgada, fazendo a camisa preta subir um pouco. Quero gritar porque tenho tanta saudade dele. — E *eu* mesmo não deveria estar aqui também.

Quando viro a maçaneta e abro a porta, uma mão forte a fecha, me assustando.

— Rafa... Não fuja.

Tudo que faço é olhar para ele.

— Não podemos apenas tentar ser amigos? Pessoas normais que se encontram na casa de amigos em comum? Comem. Conversam. E curtem uma ótima noite juntos? — A falha em sua voz já responde essa pergunta por si só. Nunca poderemos ser amigos.

— Que bem isso faria? — Uma risadinha áspera me escapa, mas então eu suspiro fundo e, lentamente, levanto a cabeça e encontro seus olhos castanhos, incapaz de fazer qualquer coisa contra a delicadeza que invade minha voz. — Você sabe que não há maneira de voltar ao normal. Não para nós. — Não para *mim*.

Seu braço está próximo ao meu rosto, e o perfume de seu gel para banho me acerta como uma sequência de memórias trágicas.

— Então, não podemos ser amigos e nem podemos ser um casal — afirma ele, categoricamente. — Não existe um meio termo em que você não precise agir como se eu estivesse morto?

Obviamente, Sebastian não vai me deixar sair e, honestamente, não estou no clima para uma discussão que vai me deixar mais agitado do que já estou.

— Se eu pensar em algo, te aviso. — E assim, me viro e vou para a cozinha, seguindo a trilha de pequenos tapetes cor-de-rosa em formato de margaridas que Tânia tanto ama.

Os rostos de meus amigos estão tão vermelhos que deve doer estar na pele deles agora. Nunca vi Félix corar antes, e o rubor definitivamente não combina com a cor de seu cabelo. Pego um refrigerante na geladeira, abro a lata e fuzilo os dois com meu olhar, mas deixo o sermão para depois, quando estivermos só nós três juntos.

— O que eu faço? — rosno, e então deixo Tânia me arrastar para a bancada da cozinha onde ela quer que eu descasque algumas batatas e pique pimentões e cenouras. Vou manter minha atenção na minha tarefa e apenas fazer o que ela pede. É só por algumas horas, digo a mim mesmo. Vou sobreviver a isso — e então recusar qualquer convite que eles façam pelos próximos meses, até que todo esse turbilhão emocional dentro de mim tenha acabado.

Apesar de manter a cabeça baixa enquanto trabalho, de soslaio, percebo como o corpo de Tânia fica rígido atrás de mim. Sebastian deve estar perto, provavelmente na porta. Está com medo de entrar, de repente? Deixo um riso escapar, roncando.

Tânia silenciosamente abaixa sua faca e se dirige até a porta. Seus sussurros indicam preocupação, mas é difícil decifrar tudo que ela diz. A única coisa que eu realmente entendo é que Sebastian pretende ir embora. Félix, que está de frente para mim, massageando o frango com um tempero avermelhado, assiste ao que está acontecendo de canto de olho e balança a

cabeça imperceptivelmente. Jesus Cristo, será que eles conseguem ser mais óbvios que isso?

— Pelo amor de Deus — deixo escapar, frustrado, sem olhar para frente ou mesmo parar meu trabalho matando cenouras. — Ela convidou você para cozinhar com a gente, então pega uma faca e seja útil.

Um silêncio estarrecedor toma conta do ambiente como uma onda, e sei que estão todos me encarando estupefatos. Reviro os olhos e olho para cima, e então assisto impaciente Sebastian cruzar a cozinha e parar ao lado de Félix. Seus olhos estão fixos em mim o tempo todo. Cautelosos. Bem, acho que *esse* é exatamente o nosso *meio termo*. O estágio de nossa amizade impossível em que não finjo que ele está morto.

— Pode segurar o frango por um momento enquanto eu enfio recheio na bunda dele? — Félix quebra o silêncio, eventualmente. Ele segura a ave de cabeça para baixo e entrega para Sebastian.

Sebastian segura um pequeno riso por causa da escolha de palavras de Félix, e na mesma hora eu quero sair daqui, porque a visão faz meu coração doer. Não consigo apagar a pequena chama que se acende em meu peito, então me concentro ainda mais na minha tarefa enquanto Sebastian abre as coxas do frango para que Félix não tenha nenhum problema em bombear o recheio na ave.

A tensão na cozinha diminui rapidamente, graças a uma brincadeirinha que Félix começa com Tânia. Ele nunca perde a oportunidade de roubar um beijo quando passa por ela, ou mesmo de morder seu pescoço. Sempre vi os dois fazendo isso antes de se tornarem um casal, então continua não sendo algo desconfortável. A única diferença é que agora eu não posso mais morder Tânia, o que, para falar a verdade, está totalmente ok.

O que não está ok são os olhares contínuos de Sebastian em minha direção. Eles me deixam cientes do quão arduamente estou tentando não olhar para ele — e falhando. Após excluí-lo de minha vida por quase uma semana, é tão estranho estar a apenas a alguns passos dele. Mesmo que eu não esteja olhando para ele, consigo sentir sua presença me pressionando e implorando para falar com ele. Mas o que há para ser dito? Que meu coração ainda sangra sempre quando penso nele? Porque esta é a triste verdade. E ainda assim, não muda nada. Não fui feito para amar um homem. Nunca serei. Não neste mundo.

Então, quando nossos olhares se cruzam novamente, engulo toda saudade que ele desperta em mim, endureço as feições ao redor da minha

boca e então levo a tábua com os vegetais cortados para onde Tânia quer fazer uma cama com eles e colocar o frango em cima na travessa.

Um passo de cada vez. Me manter ocupado. É assim que vou sair vivo dessa.

Enquanto lavo a tábua e a faca, ela enfia um saca-rolhas numa garrafa de vinho. Seu gemido quando tenta puxar a rolha chama para ela a atenção de todos.

— Bancando o Hulk? — provoco ela.

— Preciso de um pouco de vinho para o molho — responde Tânia.

Conforme seco minhas mãos com pano de prato, Félix para atrás dela e aperta seu braço, zombando dela:

— Gelatina? — Aos risos, ele estende os braços ao redor dela e pega a garrafa e o saca-rolhas de sua mão. — Você deveria ter passado mais tempo treinando com o Rafa do que levando chibatadas na bunda o tempo todo.

A ideia me faz sorrir e faço uma careta para ele no caminho até a bancada da cozinha.

— Talvez *você* deva dar uma passada lá em casa qualquer dia desses para eu dar umas chicotadas na *sua* bunda.

No mesmo instante, ouço o estampido da garrafa se abrindo e sinto um impacto ao lado direito do meu maxilar quando Félix me acerta com seu cotovelo devido à força que faz ao puxar a rolha. Sinto a dor disparar um raio por todo meu rosto.

O golpe me desequilibra e, atordoado, esbarro no balcão e cuspo sangue na pia. Felizmente, meus dentes ainda estão todos aqui. Passo a língua pelos meus lábios e faço uma careta, percebendo o corte que se encontra em meu lábio inferior. A coisa lateja no ritmo dos meus batimentos.

Félix põe a mão no meu ombro.

— Foi mal, cara — Ele está quase chorando de tanto rir.

*É, vá se foder.*

Hoje não é a minha noite. Enxáguo a boca com água fria e limpo a pia também.

— Se meteu na sua primeira briga de verdade, Islândia? — Ouço a risada de Sebastian do outro lado do cômodo. Realmente, eu também acharia graça se isso tivesse acontecido com um de meus amigos, ou Sebastian.

Só Tânia fica ao meu lado, o rosto pálido, como se eu tivesse sido partido em dois. Dou-lhe um pequeno sorriso, mas meu lábio inchado dói.

— Estou bem.

Ela faz que sim com a cabeça e abre espaço para Sebastian, que abre a geladeira e retira um pacote de ervilhas congeladas. Depois de fechar a porta, ele envolve o pacote com um pano de prato, se aproxima e o coloca contra minha boca. Com a outra mão na curva entre meu pescoço e o ombro, ele me faz ficar parado. Não há hesitação, apenas a exatidão de alguém que sabe como cuidar de ferimentos de guerra. E um olhar muito carinhoso.

Engulo a seco.

Não faço ideia do que me impede de recuar. Talvez seja porque ele simplesmente me dominou nesta situação, ou porque a sensação do gelo contra meu maxilar latejante seja boa. De todo modo, me mantenho rígido perante ele e reluto para não me perder em seus olhos.

O latejar em meu lábio é ofuscado pelo bater de meu coração e, de repente, estamos a sós na cozinha. Ouço risadas vindo da sala de estar, onde Félix está certamente mordiscando Tânia enquanto eles bebem uma boa taça de vinho. Tenho certeza que foram para lá a fim de *nos* dar privacidade, não para ter um pouco para eles mesmos.

— Sente-se melhor? — pergunta Sebastian, num tom gentil, quebrando o silêncio entre nós.

Eu faço que sim e posso sentir o calor de sua mão em minha garganta mais ainda agora. Com calma, levo minha mão ao pacote de ervilhas a fim de tirá-lo da sua e pôr um fim a este momento intenso. Mas ele apenas acaricia com o polegar a parte não machucada de meu maxilar, me deixando ainda mais tenso. Seu olhar recai sobre meus lábios. Não estou seguro de que ele vê somente o machucado ou algo completamente diferente, que ele deseja. Quando ele passa a língua em seu lábio inferior, a verdade não é mais tão difícil de enxergar.

— Estou bem — digo a ele, tentando soar qualquer coisa, menos o quão rouco estou. — Pode soltar agora.

— Eu sei... — diz ele suavemente. Suas mãos permanecem em mim, uma no meu pescoço, a outra sob a minha no pacote de ervilhas congeladas. Há um anseio tangível em seus olhos que desejo acalmar, pelo meu próprio bem. Maldito seja por isso!

Respiro fundo. Se Sebastian quer mesmo que essa noite dê certo, que consigamos passar um tempo no mesmo ambiente, ele não pode me colocar numa situação dessas. E ele sabe disso.



Lentamente, afasto sua mão e o saco de ervilhas do meu rosto, e nossos braços abaixam juntos.

— Será que você consegue parar de me olhar como se estivesse pensando no nosso último beijo a noite inteira?

Ele solta o pacote e entrelaça nossos dedos, mantendo a carícia em meu pescoço com a outra mão. Seus olhos têm um fogo que queimam minha pele. Meu coração bate freneticamente conforme ele chega mais perto, de pouquinho em pouquinho, e sussurra:

— Será que *você* consegue?

Minha garganta estremece quando engulo, porque a verdade é que não sei. Então meus dedos cravam em suas mãos, apertando como se tivessem vontade própria.

Notoriamente encorajado por minha falta de resistência, ele desvia novamente o olhar dos meus olhos para minha boca, antes de acariciar carinhosamente a ponta do seu nariz na ponta do meu. Deus, ele cheira tão bem. Seus dedos fazem uma leve pressão sobre meu pescoço, o que só me permite me mover em apenas uma direção a partir daqui.

— Você guardou minha camiseta, Rafael. — As palavras vêm como uma brisa suave em meus lábios. — Por quê?

Meu olhar baixa. Não quero responder.

Não quero beijá-lo.

Não quero pará-lo.

E não quero estar aqui!

— Titânio! — A palavra escapa num sussurro, porque sei que ele nunca cruzaria esta linha. No segundo seguinte, ele tira a mão do meu pescoço. Lentamente, ele desenlaça nossos dedos e eu perco a única força vital que me permite respirar. Ele.

Tudo volta a doer, mais ainda do que antes.

Relutante, olho para frente novamente. Sebastian deu passo para trás. Ele se escora no balcão da cozinha como se precisasse de apoio. Seu rosto está pálido, mas sua respiração lembra a de alguém que acabou de correr uma maratona.

— Me desculpe — murmura.

Sei que ele diz a verdade, posso ver em seu rosto. Como se ele não pudesse evitar dar um passo longe demais. Ele provavelmente não planejou me colocar novamente nesta situação quando aceitou o convite de vir aqui esta noite. Mas é exatamente isso que tenho tentado deixar claro.

— É por isso que uma amizade entre nós não funcionaria, Sebastian. — Preciso respirar fundo antes de completar, com a voz mais falha que já saiu da minha garganta: — Porque você vai sempre tentar me fazer mudar de ideia.

Se ele me tocar, sei que vou ceder.

Ele enrijece, e vejo que ele finalmente entende. A verdade reflete um choque amedrontado em seus olhos. Que não tenhamos nos tornado um casal nada tem a ver com o que aconteceu entre nós. O que quer que tenhamos feito em Eastbourne, qualquer linha que ele me fez cruzar era perfeita para aquele momento.

Eu sempre vou amá-lo.

Mas sei que não devo amá-lo.

E ele não pode me forçar a querer um relacionamento com ele.

O momento se estende por uma eternidade, e eu gostaria de ter dito à Tânia que não poderia ter vindo hoje. Que saco, poderia ter inventado uma dor de cabeça como desculpa. Quando começo a considerar ir embora mais cedo, dois bipes simultâneos em nossos telefones quebram o silêncio e nos fazem franzir as sobrancelhas. Se fosse apenas o meu, eu teria deixado para checar mais tarde, mas como alguém escreveu para nós dois ao mesmo tempo, ambos pegamos os celulares em nossos bolsos, e eu olho na direção da porta, para a sala. Será que foi Tânia verificando se era seguro voltar à cozinha?

— Elliot — diz Sebastian, abrindo o WhatsApp primeiro.

Ele tem razão. Elliot Northrob nos colocou num pequeno grupo de três.

**Elliot:** *Topam a corrida na quarta?*

Está claro a que corrida ele se refere, ou ele não nos teria isolado. Mas meu coração para por um instante quando leio as palavras e percebo que, não importa o que eu faça, não há como evitar Sebastian no futuro. Ele se tornou parte do meu mundo — mesma cidade, frequenta os rchas, mesmo círculo de amizades. Tânia já o tornou membro de nosso grupinho. Nunca vou escapar dele.

Quando levanto meu olhar para Sebastian, seus olhos estão fixos em mim. Há uma pergunta neles que não tenho capacidade de responder. Minha garganta fica seca.

Acho que ele percebe que não tenho condições de conversar sobre se quero ou não correr contra ele no momento. Não em voz alta, pelo menos. Então ele digita algumas palavras e meu celular vibra com sua mensagem. Respiro fundo antes de ler e digitar minha própria resposta.

**Sebastian:**

*Se o Rafa concordar.*

**Eu:**

*Claro.*

Elliot manda um emoji de joinha e nos diz que teremos os detalhes no começo da próxima semana. Não posso dizer que estou ansioso para isso, mas nunca fui um estraga-prazeres, então que seja na quarta. Guardo o telefone e me afasto do balcão da cozinha, de maneira a colocar um espaço entre Sebastian e eu. Se pretendo sobreviver a esta noite, preciso de espaço para respirar. Ele não facilita as coisas para mim.

Também seria de grande ajuda se eu não estivesse sozinho com ele na cozinha, então levanto o queixo e grito para a sala de estar:

— Parem de beber o vinho todo e voltem para cá, vocês dois. Alguém precisa tomar conta da ave.

Há mais risadas no outro cômodo, antes que Félix e sua namorada voltem para a cozinha, dedos entrelaçados. Tânia o solta e me abraça por trás. Ela me provoca, pressionando sua bochecha contra as minhas costas, dizendo com uma voz infantil que me faz rir:

— Pode deixar que eu cuido de você, pombinho.

— Tire sua namorada impertinente de cima de mim — chamo Félix ao meu resgate, mas ele apenas pisca para mim por cima do ombro.

— Você sempre pode chicotear a bunda dela se ela não te agradar.

Ignoro o grunhido de protesto de Tânia, pego sua mão e a puxo para a minha frente, envolvendo-a bem apertado com um braço e puxando seu cabelo com a outra mão, fazendo-a inclinar a cabeça para trás e repousar o queixo em meu peito.

— Ouviu isso? — Com uma expressão maligna, balanço as sobrancelhas e lanço um sorriso sinistro para ela. — Ele disse que eu posso.

— Faz isso e eu coloco um gambá assustado no seu Corvette.

— Argh! — Com uma careta enojada, eu a solto, para que ela possa se ocupar com a verdadeira ave ao invés de debochar de mim. Quando meu olhar a segue e repousa em Sebastian no caminho, encontro-o sorrindo com nossa brincadeira. Novamente, vê-lo me faz perceber quanta saudade tenho dele e de nossos momentos casuais juntos.

Mesmo assim, isso não altera nada.

Abaixo meu olhar e começo a cortar o que Tânia me entrega em seguida. Cebolas desta vez.

Depois de fazermos tudo, o frango ficar pronto, e prepararmos uma variedade de saladas, nos sentamos todos à mesa de jantar e Félix fatia a ave. O clima volta a ficar leve enquanto comemos. Sebastian e eu conversamos muito com nossos anfitriões, embora mal troquemos palavras entre nós. Rimos de suas piadas. E logo, percebo o quão faminto estava, já que não fazia uma refeição de verdade há dias, enquanto nos servimos de um segundo prato da deliciosa comida.

A noite desenrola de maneira agradável e, pela primeira vez, é bom não estar sozinho. Por um breve momento, me permito ficar feliz.

Isso, no entanto, muda após o jantar. Enquanto nós quatro arrumamos tudo, Sebastian fica muito quieto. Seus olhares em minha direção aumentam, e na maioria das vezes em que o pego me olhando, ele parece estar envolvido numa aura meio taciturna. Uau, eu achava que o taciturno era *eu*. Não saber o que ele pensa começa a me deixar muito desconfortável.

Já são quase onze horas, e Tânia certamente já bebeu vinho o suficiente para embalar seu sono esta noite. Decido dar por encerrada a noite e me despeço dela e de Félix. Sebastian calça seus sapatos junto comigo, então suponho que vamos sair juntos. No momento, me pergunto se ele estava esperando esta última oportunidade para conversar comigo sozinho. Mas eu me diverti esta noite, posso conceder a ele uns dois minutinhos.

Nós dois abraçamos Tânia e agradecemos pelo convite e pela comida deliciosa. Ela responde com um sorriso de pileque e um olhar que escaneia todo o recinto, incapaz de focar em nada.

— Isso foi *tão* legal — grita ela. — Vamos fazer disso um hábito, tipo... uma vez por semana. Só você, você e você. — Ela aponta para todos nós, rapazes, um de cada vez e então finaliza apontando o polegar para si mesma — E eu.

Automaticamente, meu olhar desconcertado desloca-se de Sebastian para ela.

— É... não. Melhor não. — Faço uma careta, mas mantenho um pequeno sorriso pelo bem de Tânia. E talvez para Sebastian também, porque sei o quão pesada essa recusa soou.

— Durma bem, tampinha — digo para Tânia, pegando seu queixo com os nós dos dedos para desarmar seu bico. Então bato os punhos com Félix e ele aperta as mãos de Sebastian.

Por fim, a porta se fecha quando saímos, e Sebastian e eu ficamos sozinhos no corredor. É impossível evitar olhar para ele. Seus olhos resplandecem sob a luz do corredor. Merda, como o silêncio pode ser tão cruel?

Lanço um olhar agradecido para o teto e deixo escapar um suspiro silencioso de alívio, já ele limpa a garganta e eventualmente começa a descer as escadas. Com uma distância segura entre nós, eu o sigo, meu olhar cravado em sua nuca.

Quando chegamos no térreo e ele ainda está à minha frente, ele se vira de repente e começa a andar para trás, mãos nos bolsos, lançando-me um sorriso com os lábios selados.

— Então quer dizer que você não quer repetir esta noite porque tem medo que em algum momento eu vá te beijar...? — Ele para, abaixando o queixo, o que confere um brilho obscuro e furtivo a seus olhos. — Ou porque sabe que em algum momento *você vai*.

Porra, o quê? É difícil não engasgar na minha própria saliva. Ultrapasso ele e consigo manter uma expressão de indiferença.

— Vai sonhando! — digo, aos risos, antes de chegar à porta principal, grato pela brisa da noite que resfria meu rosto que já está quente demais.

Seu Honda branco está estacionado do outro lado rua. Felizmente, o Corvette está na outra direção e podemos nos separar aqui. Merda, já passou da hora dessa noite acabar. Não sei o quanto mais de sua presença consigo suportar antes de começar a considerar de verdade o que ele acabou de falar.

— Boa noite, Sebastian — digo, por cima do ombro, conforme ele vai embora, atrás de mim. Então, também saio, subindo a rua.

Ele não se despede o que, por estranho que pareça, faz esta noite parecer incompleta para mim. Além do mais, não consigo ouvir seus passos. Ele deveria estar atravessando a rua até o carro. Arrepios formigam minha nuca.

*Diz alguma coisa, merda. Me dá boa noite e me deixa ir embora*, eu rezo silenciosamente para as estrelas no céu. Eu preciso de um

encerramento. Agora.

Mas ele não me dá essa paz de espírito. Bem, não estou nem aí. Três passos até o meu carro. Pego o chaveiro e destravo as portas. O painel pisca uma única vez, como uma saudação calorosa. Pego na maçaneta.

— Te desafio, Rafael.

E o ar congela em meus pulmões.

Como se alguém tivesse pausado o filme que é a minha vida, permaneço paralisado ao lado do Corvette, o olhar perdido, através do telhado. *Vá se foder, Sebastian!* Minha mão solta a maçaneta e cruzo os braços sobre a lataria do carro, apoiando minha testa nele. Por que ele não me deixa em paz?

— Você é um covarde? Ou é o cara que pensei que fosse?

Sua voz vem de muitos metros atrás de mim. Ele provavelmente não se moveu desde a entrada do prédio. Lentamente, me viro, respirando fundo para reprimir minha irritação.

— E *quem* você pensa que eu sou? — pergunto, andando até ele, meu olhar fixo no seu. Odeio como ele aparenta estar relaxado, com as mãos enfiadas nos bolsos do jeans rasgado e um ar de superioridade emanando diretamente de seus olhos.

— Bem, houve um tempo em que pensei que você fosse alguém que simplesmente corria riscos para explorar a vida em sua totalidade.

— Riscos... — rio, roncando, e cruzo os braços sob meu peito conforme paro a alguns passos dele. Uma irritação vibra através de meu tom de voz não tão calmo. — Então me diz, Sebastian, que risco você gostaria que eu corresse?

Lentamente, ele levanta e deixa abaixar uma sobrancelha. Neste momento, a superioridade cai de seus olhos para o canto de sua boca.

— Você acha isso engraçado? — Eu não vou andar pela cidade de mãos dadas com ele, dizendo a todos que somos um casal. Nem mesmo vou beijá-lo em segredo.

— Seu sorriso adquire um ar mais caloroso.

— Um pouco.

— Bem, eu não. — Não há qualquer suavidade em minhas feições ou no meu tom. — Agora me diz que porra você quer de mim, para eu poder ir para casa.

Sebastian deixa de sorrir e respira fundo pelo nariz, os lábios comprimidos. Seus ombros relaxam.

— Tudo bem, é o seguinte. Se você vencer a corrida na semana que vem, você fica com o meu carro.

É o quê?

— Você está me oferecendo o Honda? — Em total choque, meus braços se abrem e tiro os cabelos da minha testa.

— Se você ganhar, sim — diz ele, com a maior calma do mundo.

Mordo o interior do meu lábio enquanto me recomponho.

— Foi mal, mas não vou mais apostar o Corvette. — Com os polegares presos nos passantes da minha calça jeans, encosto no prédio, levantando uma perna e encostando meu pé na parede. Um tom de cinismo soa através de minha voz, novamente. — Eu já o perdi uma vez. E nós sabemos onde isso me levou.

Seu rosto se fecha completamente.

— Não é o seu carro que eu quero.

Ok. Sempre fui *eu*, não foi?

— Também não vou te forçar a me beijar também — acrescenta ele, claramente percebendo no que eu estava pensando, ou simplesmente interpretando corretamente meu revirar de olhos.

Cético, inclino a cabeça e cruzo os braços novamente.

— Então o quê?

— Se eu vencer... — Ele faz uma pausa, lançando um olhar que dispara uma onda de arrepios por toda a minha pele. — ...você vai ter que ler e responder cada uma das mensagens que eu te mandar no futuro.

Meu Deus do céu! Eu quase rio, mas não me atrevo porque ele parece tão sério quanto uma ordem judicial.

— E se eu não concordar?

Sebastian dá de ombros, indiferente.

— Então não haverá nenhuma corrida. Fica a seu cargo querer que Elliot e os outros saibam que você é um covarde ou apenas mentir para eles.

Filho da puta!

— Então? — exige ele, obviamente curtindo ter o ás em suas mãos. — Qual é a sua resposta?

Por que ele só não me deixa em paz? Já estava farto dele. De ser gay. Já estava lidando com isso. Depois dessa noite, eu tinha certeza absoluta que chegaria o dia em que eu não pensaria mais nele e nem sentiria mais saudades.

Mas, aparentemente, ele não. Com apenas uma sobrancelha arqueada, ele provoca minha resposta.

— Sinceramente, você deve ser louco, desistir do carro por algumas mensagens idiotas.

Com dois passos largos, Sebastian chega tão perto que me deixa sem ar. Quero me afastar, mas a parede atrás de mim me impede imediatamente e me perco no perfume de sua loção pós-barba. Com uma mão apoiada na parede na altura dos meus olhos para impedir minha fuga, sua boca está do meu outro lado, próxima à minha orelha, acariciando minha pele com sua fala arrastada.

— Eu não pretendo perder.

Calafrios perpassam pelo meu corpo.

Conforme ele se endireita, vejo de relance seus olhos brilhantes, e ele inclina a cabeça de maneira curta e travessa, o canto de sua boca formando um sorriso malicioso.

— Te vejo na quarta, Rafa. — Então ele se vira e atravessa a rua.

Me afasto da parede e dou um passo para frente, mas então paro, minha mente rodopiando.

— Então era isso que você estava tramando quando estava tão quieto há algumas horas? — disparo.

Sem parar, Sebastian gira e continua a caminhar de costas, ostentando um sorriso convencido.

— Cuidado, floquinho. Ou vou presumir que você também ficou me observando a noite toda. — Uma piscadela e três segundos depois, ele está atrás do volante e seu carro sai em disparada.

E eu permaneço ali, me esforçando para recuperar o fôlego.



## Capítulo 4

*Sebastian*

— Pode me mandar por e-mail os planos para a casa? — pergunto a Cláudia, colocando meu celular no viva-voz, em cima da mesinha de centro. Meu apartamento está uma bagunça. Hora de passar como um tornado, aqui e na minha vida também.

— Claro. Já achou um arquiteto em Londres?

— Já — digo, ajeitando as almofadas do sofá. Pesquisei alguns na internet hoje de manhã e mais tarde eu ligo. — *Phill Scott & Sons* parece um bom escritório para começar. Gostei do portfólio deles... — Merda, quase tropeço em duas latas de Sprite vazias próximas ao sofá. Cato elas do chão e jogo-as no lixo. Há também uma pia cheia de copos usados que estão gritando para serem lavados há dois dias já, e eu esqueci de guardar a maionese na geladeira. — Vamos ver se eles conseguem deixar sua casa mais ensolarada.

Há uma pequena pausa na ligação, antes que o sorriso iluminado de Cláudia transpareça em sua voz com suas próximas palavras:

— Você parece feliz hoje. Teve uma noite boa com Rafa e os outros?

Contei a minha irmã que aceitaria o convite de Tânia para cozinhar e jantar com eles. Ela provavelmente ficou a noite passada toda esperando por uma mensagem dizendo como tinha sido. Esqueci completamente de escrever para ela. Principalmente porque fiquei deitado na cama, braços dobrados sob minha cabeça e sorrindo feito um lunático para o teto. Rafa pode ter achado que sair do meu carro e ignorar minhas mensagens por toda a semana seria o suficiente para nos separar. Mas tenho novidades para ele. Nossa história ainda não está nem perto de terminar.

— A melhor das noites — digo, com um sorriso. — E sabe de uma coisa? — Pego o moletom preto usado do braço do sofá e faço uma careta

ao cheirá-lo. Eca, máquina de lavar já. Há algumas manchas ressecadas de Sprite na minha calça de moletom. Caramba, o que eu fiz comigo mesmo durante essa semana?

— O quê? — pergunta Cláudia, e eu posso ouvir Michele brincando com seu xilofone ao fundo.

Despejo as roupas fedidas numa pilha de meias e camisetas no chão, e então ponho as mãos na cintura, focando no celular com determinação.

— Está na hora de reconquistá-lo.

Rafael teve uma semana inteira para superar o choque e se reerguer. Fui paciente e dei a ele a chance de sair de sua toca. Ainda assim, ele se recusa. Não vejo outra alternativa a não ser agarrá-lo pelas mãos e eu mesmo arrancá-lo de lá.

— Uhuuu! Esse é o meu irmãozinho! — comemora Cláudia do outro lado da linha. — Então, o que aconteceu para inspirar seu instinto lutador novamente?

Pego o telefone da mesa, desligo o viva-voz e o seguro contra meu rosto para falar com ela.

— Quase nos beijamos ontem à noite.

— Vocês *o quê*? — diz ela, rindo. — Como que isso foi acontecer?

— Não importa. — Ando até a janela e fico ali admirando o céu azul. — A questão é que ele poderia ter simplesmente me empurrado. Ou mandado eu me foder e não tocar mais nele. Mas ele não o fez.

— Então você o beijou?

— Não, ele usou a palavra de segurança comigo.

Posso praticamente enxergar ela franzir as sobrancelhas dado o tom de confusão em sua voz:

— E isso é melhor do que mandar você se foder?

— É sim. — Com certeza. Mas é claro que ela não entende. — Esteja o Rafa ciente disso ou não, significa que nosso lance ainda não terminou. Lembra quando te contei que seus amigos sugeriram que deveríamos explorar sua nova sexualidade juntos no quarto de jogos dele? Porque é um lugar que não altera a vida dele permanentemente se algo não funcionar lá dentro.

— Sim?

— Então, ele acabou de estender o quarto de jogos.

Em silêncio, Cláudia pondera a respeito disso por três segundos, e eu fecho os olhos, inspirando profundamente ares de uma esperança renovada.

— Você pode estar certo sobre isso — diz ela finalmente, soando estranhamente gentil. — Só tenha cuidado com Rafael. Ele ainda está muito fragilizado.

— Eu terei. — Com um sorriso sem mostrar os dentes, abro os olhos novamente, desafiando o sol a brilhar mais forte que meu entusiasmo. — Mas não vou desistir desta vez.

\*

Na segunda de manhã, antes de sair para a academia, abro meu laptop e pego o telefone. Cláudia me enviou o e-mail com os planos para a obra na casa no domingo, então me sento no sofá e puxo o notebook na mesa de centro mais para perto. Ela é esperta, enviou também fotos da sala de estar, de dentro e de fora. Em outra aba, abro o site da *Phil Scott & Sons* que salvei nos favoritos ontem. Eles parecem ser o melhor escritório para este trabalho, então ligo para o número de sua página de contato e espero alguém atender.

— Alô. Escritório de arquitetura Phil Scott & Sons, Noah Scott falando. Em que posso ajudar? — O homem fala rápido e parece que já repetiu esse texto muitas vezes antes. Mas mesmo que eu não tenha entendido muito do texto de boas-vindas, há algo de familiar em sua voz que me faz franzir a testa.

— Oi. Eu peguei esse número no site de vocês. Minha irmã tem uma casa em Eastbourne e ela quer expandir a sala de estar para um solário. Vocês costumam fazer esse tipo de projeto?

— Err, fazemos sim. — O Sr. Scott parece um pouco desorientado. Ele dá uma breve pausa e então pergunta do nada: Desculpa, mas o senhor poderia me dizer o seu nome?

Com o e-mail da minha irmã aberto no computador, encosto no sofá e estreito meus olhos para a pequena rachadura no canto superior da tela.

— Sebastian Rhyse.

— Sebastian... — Ele repete meu nome em voz alta e então continua com um sorrisinho audível em sua voz: — A gente se conhece de algum lugar?

*Noah Scott. Noah Scott. Noah Scott.* Porra, de onde será que o conheço?

— Devo confessar que você me soa familiar — digo, coçando a cabeça.

— O Knockout. Você estava lá há duas semanas, não estava? Você é amigo do Rafael Björnsson.

Meus olhos se arregalam.

— Porra. Você é o cara que eu dei em cima na balada?

— E quase me levou para o seu carro. — Noah ri do outro lado da linha.  
— Que bom que você não estava tão bêbado a ponto de esquecer de mim tão rápido.

Minha surpresa inicial dá lugar a um tom mais ameno.

— Eu não estava nada bêbado.

— Sorte sua. Eu estava, completamente. — Em seguida, ele rapidamente limpa a garganta, mas mantém um tom agradável e pessoal em sua voz. — Mas ninguém bebe aqui no escritório. Somos muito profissionais aqui na Scott.

— Phil Scott & Sons, hein? — Relaxo sobre as almofadas do sofá e apoio meus pés na beira da mesa de centro. — Então você é o *sons*?

— Um deles, sim. Meu irmão Aaron já trabalha em tempo integral com meu pai. Eu só estou fazendo um estágio durante as férias de verão da universidade. — Ele ri novamente. — Em dois anos, meu velho vai me deixar fazer mais coisas do que só atender o telefone. — Ouço um farfalhar de papéis do seu lado da linha e ele fica um pouco mais sério. — Então, o que podemos fazer por você, Sebastian? Você falou sobre a expansão de uma sala de estar.

— Na casa da minha irmã, isso mesmo. Nada muito complexo. Apenas para entrar mais luz e dar à bebê um lugar para brincar.

— Ótimo. Com certeza podemos fazer isso. Você sabe de que material a casa é feita? E a sua irmã tem alguma preferência específica de material? Como construção de metal, parcialmente feita de alvenaria, ou ela prefere madeira?

Mesmo ainda sendo um estudante, Noah parece saber do que está falando, o que me dá a sensação de ter escolhido o escritório certo para o trabalho. Digo a ele tudo que sei e então anoto seu e-mail para enviar as plantas e as fotos da casa. Ele pede que eu envie também fotos de exemplos de solários que Cláudia gosta, para eles terem uma noção.

— Ok. Assim que eu receber tudo que pedi, começo a trabalhar nisso e envio para o meu pai — informa Noah, todo profissional agora. — Um primeiro esboço das plantas deve ficar pronto na semana que vem. Você pode vir na segunda ou na terça para discutirmos a respeito?

Faltei o trabalho na maior parte da semana passada, então terei que compensar as horas pelo resto do mês.

— Até que horas o escritório de vocês fica aberto?

— Fechamos às quatro.

Merda.

— Não vou poder sair do trabalho antes das cinco pelas próximas semanas.

— Não tem problema. Se você quiser, posso ir até você com as coisas do projeto depois do seu trabalho.

— Isso seria ótima, na verdade. — Um brinde às conexões pessoais. Obviamente, dei em cima do cara certo.

— Que dia é melhor para você?

— Qualquer dia está bom. Devo estar em casa depois das seis a semana inteira, então venha quando quiser. — Dou a ele meu endereço e ele me diz seu número particular. Por fim, desligamos e me preparo para ir trabalhar.

O dia passa rápido e sem muita agitação, o que me dá tempo demais para pensar no último sábado e o verdadeiro significado de Rafael não ter recusado meu desafio. Sabia que podia atraí-lo com o Honda, principalmente porque ele não corre o risco de perder seu próprio carro. Ele pode pensar que algumas mensagens bobas nunca terão o mesmo valor pessoal — e monetário, não podemos esquecer — que tenho pelo meu carro. Mas é aí que ele não poderia estar mais errado.

As mensagens são apenas o começo. Sei que não perdi Rafael por inteiro, não quando ainda consigo abalá-lo tão forte só com uma aproximaçãozinha. Só preciso de uma chance de quebrar suas barreiras novamente. Trocar mensagens significa passar um tempo juntos, mesmo estando a quilômetros de distância, e me manter em seus pensamentos. Já conquistei seu coração uma vez e o farei novamente. Agora, tudo que preciso fazer é cruzar essa maldita linha de chegada primeiro. E torcer para Rafael não cair fora da corrida, afinal.

Tomo uma ducha às cinco e me visto para ir para casa. Depois do excelente jantar na casa de Tânia no fim de semana passado, meu apetite voltou com tudo, então pego uma refeição para viagem no restaurante tailandês a caminho de casa.

Uma vez no meu apartamento, devoro o macarrão asiático enquanto assisto a um episódio de *The Witcher* na Netflix e engulo tudo com uma quantidade exagerada de Sprite. Caramba, passei a amar essa bebida.

Graças a Deus não tenho problemas com açúcar. Embora eu possa adquirir um se continuar nesse ritmo.

Depois de levar o prato para a cozinha até a lava-louças, volto e me afundo novamente no sofá, pegando o celular na mesa porque a luz azul do WhatsApp está piscando. Esperava que fosse Cláudia perguntando sobre os arquitetos, mas minha respiração acelera um pouco quando vejo que na verdade é uma mensagem de Elliot Northrob em nosso pequeno grupo de três.

**Elliot:** *Quarta-feira. 23h. Estacionamento, Wick Ln. / St. Marks Gate. Vocês ainda topam?*

Rapidamente digito as coordenadas no Google Maps para checar a localização. Parece que a corrida vai dar a volta no Victoria Park. Nada mal. Pelos pontinhos aparecendo em minha tela, sei que Rafael está digitando uma mensagem. E merda, ele está demorando. Só espero que ele não vá dizer agora ao Elliot que está fora da corrida porque no fim das contas decidiu não aceitar meu acordo. Droga, ele não faria isso, faria?

Segundos passam e Rafael ainda está digitando...

Sinto meu coração na garganta o tempo todo até que sua mensagem finalmente aparece. E então são apenas duas palavras.

**Rafael.**  
*Estou dentro.*

Fecho os olhos, me encosto no sofá e expiro um suspiro profundo, esfregando minhas mãos no rosto. Puta merda, ele sabe como me dar nos nervos. Pensando bem, aposto que essa não era a resposta original. Contento que ele aceitou o acordo de qualquer maneira, envio minha própria mensagem no grupo.

**Eu:**  
*Vejo vocês na quarta.*

Depois que Elliot envia dois emojis de joinha fica claro que não haverá mais nenhuma mensagem, principalmente de Rafa. Falar neste grupo significa falar comigo, e depois da nossa última conversa no sábado, tenho

certeza de que não ele escreveria para mim, nem que fosse para provar um ponto.

Passo o resto da noite verificando o possível trajeto da corrida ao redor do parque no Google, tentando memorizar tudo. Comprimento da estrada, grau das curvas. Seria de grande ajuda saber em que direção Elliot pretende nos mandar. No entanto, como ele não deu nenhum detalhe, resolvo usar a noite de terça para dar algumas voltas em cada direção, para ter uma ideia do trajeto.

Ainda há muito trânsito à noite e me pergunto que mágica Elliot e seu amigo asiático Mestre B farão para deixar as ruas vazias para nós amanhã. Uma ponta de ansiedade percorre minhas veias quando chego em casa e vou para a cama. Conheço a pista, conheço meu carro. Consigo fazer todo o percurso em menos de dez minutos mesmo com o trânsito pesado de uma noite de terça. Essa é minha única chance e, se Deus quiser, eu vou usá-la.

No último sábado, Nikki anunciou nossa corrida no grupo oficial e convidou as pessoas a fazerem suas apostas diretamente num site que Mestre B criou para elas. De vez em quando, dou uma espiada para ver o status, só para ver em quem a maioria aposta.

Quando dou uma olhada na manhã antes da corrida, 489 pessoas já fizeram suas apostas e 53% delas acredita que o cara com o Corvette cinza-grafite vai ganhar. 47% apostam em mim. Nada mal.

Durante o dia todo, só consigo pensar em refazer a volta ao redor do Victoria Park em minha mente. Estou tão longe da realidade que Tobias e Carl, os adolescentes que assinaram o plano de seis meses, precisam dar um tapinha em meu ombro para chamar minha atenção porque eu certamente ignorei três de seus gritos.

Eu os ajudo a ajustar os pesos no puxador com remada, dou uma mãozinha a uma jovem fazendo abdominais e quase quebro minha mão auxiliando um cara com uma barra antes do meio-dia. Ótimo. Mexo os dedos e vejo se está tudo funcionando. Ainda dá para usar, embora eu perceba que há um hematoma violeta se formando no dorso da minha mão durante a tarde. Segurar o câmbio voltando para casa dói um pouco, mas engulo a dor. Não posso deixar isso me afetar agora nem mais tarde na corrida.

Antes que eu deixe meu apartamento novamente mais tarde, Cláudia me liga, já que ela sabe o que está em jogo para mim esta noite, e me deseja sorte. Até Michele manda um beijo através do telefone, gritando “Vai,

*Bast!*”. Certeza que foi a mando de Cláudia, pois posso ouvir sua risada no fundo.

Após prometer uma visita a elas em breve, levanto do sofá e me preparo para a noite. Arrumo meu cabelo preto com um pequeno toque de cera e então abotoo a camisa preta que Rafael me devolveu na semana passada. Como de costume, dobro as mangas até os cotovelos e deixo o primeiro botão aberto, dando uma prévia da camiseta cinza por baixo.

Conforme saio e entro no carro, sei muito bem que essa pode ser a última noite em que dirijo meu Honda. Foi imprudente oferecer meu carro a Rafael em troca de mensagens de texto? Provavelmente. Se eu me arrependo? Não.

Não há nada neste mundo que Rafa aceitaria para que esse acordo funcionasse. Claro, ele ficou insatisfeito com o Honda quando teve que trocá-lo por seu Corvette, mas sem esse risco, ele pode faturar um belo carro. Ele adora o meu carro, mesmo que sempre o lembre da noite em que nos conhecemos.

E se não quiser ficar com ele, basta vender e faturar uma grana alta. Ele só tem a ganhar.

Pena que ele vai perder.

Não tenho intenção de deixá-lo ganhar. Esta é a minha noite. A única chance que tenho de definir o curso da nossa segunda chance. Sem chances de cruzar a linha de chegada atrás dele.

Quando chego no estacionamento próximo a St. Marks Gate, ainda não são onze horas e o lugar está vazio. Bem, quase.

Sob a penumbra de dois postes está um Corvette cinza-grafite. O motor está desligado, as luzes apagadas. Ninguém no carro. Devagar, dirijo próximo a ele e estaciono ao lado, então saio e olho ao redor. Apenas alguns pedestres caminhando. Exceto por um ou outro carro passando, as ruas estão silenciosas, a correria do dia esquecida.

Com a testa franzida, ando em torno do Corvette e deslizo meus dedos pelo capô. Ainda está quente. O carro não deve estar aqui há mais de dez minutos. Me pergunto se Rafa foi para um pub aqui perto para esperar pela corrida, olhando por cima do ombro.

E então eu o vejo. Com as pernas dobradas e os braços levemente apoiados nos joelhos, ele está sentado na grama sob um poste no parque. Sua cabeça está ligeiramente inclinada para trás, encostada no poste, os lábios pressionados e os olhos fixos em mim.



# Capítulo 5

*Sebastian*

Com as mãos nos bolsos de minha calça jeans desfiada, deixo o estacionamento, passo pelo portão e entro no Victoria Park. Mesmo estando escuro, os postes de luzes criam uma atmosfera de claridade perto da entrada. Rafael está sentado embaixo de um deles. Ele não me cumprimenta quando me aproximo, apenas seu peito se expande quando respira fundo.

Este suspiro pode significar qualquer coisa. Talvez ele esteja feliz em me ver, embora a expressão em seu rosto me diga outra coisa. É mais provável que ele esteja desejando o fim desta noite, de maneira que ele não tivesse que correr contra mim daqui a meia hora.

— Islândia... — murmuro, sem esperar uma resposta. E não recebo nenhuma mesmo. Rafael apenas me acompanha com os olhos. Estão fixos em mim como se ele tivesse medo que eu fosse me mover rápido demais no momento em que ele deixasse de me olhar.

Me agacho na grama em frente a ele, com uma trilha entre nós. Como estamos no mesmo nível, deixo meu olhar passear de seu rosto até seu pescoço e seus ombros, ao longo de seus braços até seus dedos levemente entrelaçados. As mangas de seu moletom branco estão puxadas até acima dos cotovelos, revelando sua pele pálida e nórdica sob a luz do luar.

Mesmo sem um poste para encostar, espelho sua posição. Os fios da minha calça jeans rasgada se esticam no meu joelho esquerdo. Com os cotovelos apoiados nas pernas, descanso o queixo nos polegares e entrelaço os dedos cobrindo minha boca. Não precisamos falar. Só de poder olhar para ele novamente significa tudo para mim. Saber que ele está a apenas quatro passos de distância.

E que não está correndo...

Seu cabelo platinado recai sobre o olho esquerdo, assim como em todas as ocasiões em que estivemos juntos. As laterais e a parte de trás estão mais curtas que da última vez que nos encontramos. Durante o jantar na Tânia, ela se ofereceu para aparar. Pelo que percebi, ela costuma fazer isso com frequência. Ele obviamente voltou lá em algum momento entre o sábado e hoje para aceitar a oferta. Ele está lindo. Gostaria de poder acariciar seus cabelos mais uma vez. Adoro a suavidade deles.

— Tem notícias da Michele? — pergunta ele, bem baixinho, sob as estrelas, me arrancando dos meus pensamentos.

Preciso engolir antes de poder respondê-lo e deixar um sorriso praticamente imperceptível mover meus lábios.

— Ela fala muito sobre o unicórnio.

Rafael também sorri. Atinge até mesmo seus olhos, embora pareçam tristes. Memórias melancólicas? Estamos no mesmo barco.

Ele abaixa um braço e acaricia a grama.

— Você vai vê-las novamente em breve?

Encolho os ombros, pensando a respeito de minha última ligação com Cláudia e das horas que ainda preciso compensar na academia.

— Não tenho certeza. Talvez em uma ou duas semanas.

Rafael assente, mas permanece em silêncio. Passado um tempo, ousou fazer uma pergunta cautelosa:

— Gostaria de ir comigo?

No ato, seus dedos param de se mover pela grama e sua atenção volta para mim. A delicadeza ao redor de sua boca desaparece.

— Essa... — murmura ele com determinação. — É uma péssima ideia.

Não concordo com ele, mas era óbvio que ele ia dizer isso. Voltar ao País das Maravilhas comigo e nos dar uma segunda chance é pedir demais... por enquanto.

Rafael cruza os braços sobre os joelhos e repousa a testa neles, escondendo o rosto. Tenho a sensação de que essa conversa o esgota mais do que deveria. Será que foi um erro vir até aqui? Considero me levantar em silêncio e deixá-lo em paz, mas no mesmo instante, ele levanta a cabeça novamente e apoia o queixo nos braços.

— Você quer mesmo prosseguir com essa aposta? — pergunta ele com a voz um tanto falha, soando triste e cansado. Seu olhar funde-se com o meu e ele continua sem me dar chance de resposta. — Eu sei o que o Honda

significa para você. Mas não posso deixar você vencer, Sebastian. Não desta vez.

Deus, só queria engatinhar até ele e colocá-lo em meus braços. Ele aparenta estar tão desamparado. Desolado. Como se sua alma e seu coração fossem frágeis demais para este mundo para o qual foram enviados. Se ele ao menos me permitisse ajudá-lo a encontrar seu lugar. A mostrá-lo que tudo aquilo que ele anseia é possível também.

— Eu sei — digo a ele suavemente e abaixo as mãos, entrelaçando os dedos. — Mas não é uma questão de você me deixar vencer, Rafael. Não posso perder. Isso é importante demais. Para nós dois.

Por muitos segundos, ele me estuda com a cabeça ligeiramente inclinada.

— Mensagens, hein?

Faço que sim.

Seus longos cílios louros cobrem seu olhar conforme ele rói as unhas.

— Você vai mesmo abrir mão do seu carro por mim?

Como posso explicar isso para ele?

— No momento, eu abriria mão de tudo por você.

Um músculo pulsa em sua jugular e ele engole. Sei que minhas palavras têm um efeito nele. Posso ver isso, mesmo que ele lute contra. Eventualmente, ele volta a encostar a cabeça no poste e inspira profundamente o ar da noite.

O som de vozes próximas a nós me chama atenção para o fato de que o estacionamento está começando a encher de pessoas. Elas vieram assistir ao nosso show, e sei que logo não terei Rafael só para mim. Mas há uma última coisa que preciso perguntar a ele. Eu preciso saber...

— Rafa?

Ele desvia o olhar das estrelas e me encontra.

— Hã?

Mordo meu lábio interior, procurando pelas palavras certas. Elas saem calma e tranquilamente:

— Você pensa em mim quando está sozinho? Em nós? E no que tivemos? — Minha voz quase não sai com as últimas palavras. — Você sente falta de... nós?

Rafael continua a me olhar, piscando de vez em quando. Seus olhos azuis árticos reluzem sob a luz do poste, e as milhões de estrelas no céu

refletem neles. Ele inspira e expira. Inspira e expira. Então, ele levanta calmamente e caminha em direção ao estacionamento.

Minha cabeça tomba e deixo escapar um suspiro. Bloqueio minha decepção e o sigo para cumprimentar Tânia e Félix que acabaram de chegar, acompanhados de Elliot e o resto da galera.

Após Tânia abraçar Rafael, ela vem até mim, onde estou parado próximo ao meu carro, lançando um olhar de compaixão tanto para mim quanto para o Honda. Cruzo os braços sobre o teto do carro e descanso meu queixo neles.

— Rafa nos contou o que você apostou nessa corrida — diz ela calmamente para que só eu a ouça. — Você é doido, sabia disso?

— Não se preocupe. — Eu rio. — É só um carro.

— E são só mensagens, pelo amor de Deus! — grita ela, fazendo uma careta e levantando os braços numa tentativa frustrada de enfatizar a loucura na minha aposta.

Mas é aí que ela está errada.

— Não, Tânia. É o coração dele.

Resignação se instala como uma névoa de carinho em seu olhar. Em seguida, ela estende os braços sobre o Honda e repousa a palma da mão no teto. Estendo a minha e aperto gentilmente a dela.

— Você é um cara legal, Sebastian. Espero que você ganhe.

Eu faço que sim e olho por cima do ombro porque Félix acabou de parar ao meu lado.

— O Rafa freia se algo o surpreender pela lateral — diz ele bem baixo, então tira a mão do bolso de sua jaqueta de couro preta e aperta a minha. — Boa sorte, cara. Você vai precisar.

Tudo que consigo fazer é murmurar um agradecimento antes que os dois sumam de novo. Demora um tempo até eu compreender inteiramente o que Félix acabou de falar.

— Vocês estão prontos? — A voz de Elliot interrompe meus pensamentos. Quando me viro, a multidão já abriu caminho para Rafa e eu assumirmos nossas posições. Deve ter cerca de quinhentas pessoas aqui para testemunhar a corrida, algumas com seus carros tunados, outros de bicicleta ou mesmo a pé.

Meus dedos deslizam sob a maçaneta do Honda, mas lanço um último olhar em direção a Rafael próximo ao seu Corvette. Ele retribui o olhar,

então eu apenas aceno com a cabeça e me posiciono atrás do volante, abrindo as janelas em seguida.

O burburinho desaparece ao nosso redor e incontáveis pares de olhos se concentram apenas em nós dois.

— Senhores, liguem os motores. — Elliot faz um movimento com as mãos indicando a posição para onde devemos manobrar, bem em frente à saída do estacionamento. Quando o Corvette e o Honda posicionam-se diante dele, ele faz um rabo de cavalo com seus dreadlocks e vem rindo em nossa direção. Ele coloca a mão na janela aberta de cada um dos carros e se agacha um pouco para nos olhar. — A volta vai ser por todo o parque. Mão esquerda. O primeiro a passar por aquela faixa de pedestres — diz ele, apontando para uma faixa bem atrás dele. — É o vencedor.

Com Rafael em minha visão periférica, vejo que nós concordamos juntos e então deixo meus olhos escanear o estacionamento. Mestre B, o asiático baixinho com o cabelo preto arrepiado e camisa polo, está parado ao lado de Nikki na calçada e nos observa com os braços casualmente cruzados sobre o peito. Sua expressão jocosa me causa um estranho embrulho no estômago. Ele não deveria estar hackeando os semáforos em seu laptop ou algo assim?

— Preparados? — anuncia Elliot. Meu olhar alerta volta-se imediatamente para ele. — Tentem não matar ninguém. — Após uma última piscadela, ele tira as mãos de nossos carros e se endireita. — Valendo!

Como assim *valendo*? O trânsito está aberto, passando pelo estacionamento. Alguém precisa resolver isso!

Ou talvez não.

O sangue dispara como formigas em marcha pelas minhas veias. Porra! Rafael e eu percebemos no mesmo instante que fomos atirados ao lago das piranhas.

Ninguém vai deixar essa corrida fácil para nós. Posso ouvir a mudança de marcha sob o capô do Corvette no exato momento em que coloco o Honda na primeira marcha. Os pneus cantam um som estridente no asfalto conforme nós dois aceleramos, nos imbricando no trânsito numa manobra imprudente.

Dane-se esses moleques! Eles querem ver a nossa morte?

Até onde pude ver, um caminhão fechou Rafael quando ele tentou mudar de faixa, mas com um Jeep preto e uma minivan vermelha na minha

frente, ele rapidamente recupera os dois segundos de vantagem que eu tinha sobre ele e vem acelerando à minha esquerda. Minha mão machucada foi ficando bastante roxa durante o dia e, agora, a cada vez que mudo a marcha, sinto uma pontada que vai dos dedos até o meu braço agora. Cerro os dentes, bloqueando a dor, pois essa é a última coisa em que posso me concentrar agora.

A estrada fica mais estreita nessa parte da volta, e só suporta apenas um carro, mas Rafa e eu ainda estamos tête-à-tête. Merda! Um de nós vai ter que ceder na próxima curva.

Islândia é teimoso como um touro que viu vermelho, então sou eu quem fica para trás por um segundo. Desde que escureceu, o trânsito da hora do rush diminuiu, mas ainda tem carros demais nesta corrida que simplesmente não deveriam estar aqui. Buzinas soam de todos os lados possíveis e pedestres nas calçadas viram suas cabeças, nos olhando.

Na parte mais larga do parque, há mais espaço na estrada, mas também mais trânsito, e nós temos que passar cinco cruzamentos controlados por semáforos. Um Toyota e um carro francês deixam um espacinho à direita. Sem pensar, piso no freio, acelero e me enfio no pequeno espaço entre os para-choques. Rafa fica detido por uma moto, mas não por muito tempo, porque ela logo entra na curva seguinte. Aproveito a chance de me posicionar à sua direita e então nós dois avançamos o sinal amarelo do cruzamento seguinte como gêmeos siameses.

A partir daqui, temos o caminho livre por meio quilômetro, e pisamos fundo no acelerador, nenhum de nós cedendo um centímetro sequer. Nos dois cruzamentos seguintes, o sinal está verde, mas depois deles a rua gradualmente enche de carros de novo. Rafa e eu nos espreitamos entre eles, desviando de veículos em ambos os lados como se isso fosse uma simples corrida de treinamento num videogame. Puta que pariu, eu quero sair daqui!

Antes da curva seguinte, duas SUVs pretas bloqueiam a minha pista. Dou uma guinada para a outra pista porque não posso me dar ao luxo de ficar atrás de Rafael de novo e, graças ao quebra-molas que o retarda por um milissegundo, assumo a liderança. Ele gruda na minha traseira porque o meu lado da estrada está vazio, enquanto o dele fica bloqueado por alguns motoristas lerdos. A maior parte da corrida já ficou para trás. Disparamos em direção ao próximo sinal cinquenta metros à frente que muda de amarelo para vermelho.

Estou cheio de adrenalina, nem fodendo que eu tiro o pé do acelerador agora. Os carros das pistas laterais já começaram a se mover. Porra, é aqui o *Grand Theft Auto* elevado à enésima potência!

Um caminhão azul acelera da direita. Senhor, desacelere ele ou eu vou bater nele, me matando agora mesmo. Rafael vai definitivamente bater nele, se não parar no sinal vermelho também. Como um metrônomo frenético, meus olhos alternam entre o cruzamento à frente e o Corvette cinza no meu retrovisor.

*Freia! Freia! Freia, Rafael!*

Mas quando disparo pelo cruzamento com o coração quase saindo pela boca, ele me segue como se estivesse amarrado à traseira do meu Honda. Uma buzina alta vem do caminhão azul conforme passamos por ele, que faz um pequeno movimento para a lateral, evitando o Corvette por meros centímetros.

Caralho!

Duvido que Rafa queira tanto meu carro o bastante para se matar por ele. Ainda assim, não tenho a menor dúvida de que ele faria qualquer coisa nesta noite só para se livrar de ter que responder a todas as minhas mensagens de agora em diante e manter a conexão entre nós.

*Por favor, Rafael! Desista!*

Mas é claro que ele não vai. Não está no seu sangue. Nem no meu. Nós vamos terminar esta corrida, custe o que custar.

Três minutos depois, nossos pneus cantam ruidosamente, conforme fazemos a última curva e chegamos ao momento da verdade. A Wick Lane está vazia agora. Temos o caminho livre para nós. A faixa de pedestre da chegada está a apenas cento e cinquenta metros à frente. Estamos quase emparelhados novamente, mas Rafa tem uma pequena vantagem.

Merda! Não posso deixar ele vencer, mas o Honda já está dando tudo de si. Rafael vai chegar na faixa de pedestres primeiro, e lá se vai a minha chance de construir um relacionamento com ele novamente. Em cinco segundos, tudo estará perdido.

A não ser que...

Ouçõ as palavras de Félix novamente em minha cabeça. Qualquer pessoa normal agarraria o volante se algo viesse rápido da lateral. É o reflexo. Mas Rafael aparentemente não. Seu amigo disse que ele freia. E eu entendo o porquê. Ao dirigir a vida toda na pista rápida você não corre o risco de derrapar para fora da estrada.

Não sou um trapaceiro. Normalmente. Mas a cinquenta metros do cruzamento, cerro os dentes conforme diminuo a distância entre o Honda e o Corvette. Então faço um movimento falso em direção à sua direita como se fosse empurrá-lo para fora da estrada.

Félix estava certo. Rafael não sai da pista nem por um centímetro... mas no primeiro instante de choque, ele pisa no freio. Não é mais do que um leve toque com seu dedo do pé, mas é o suficiente para me dar um metro de vantagem na linha de chegada.



# Capítulo 6

*Rafael*

Foi apenas um leve toque. O menor toque possível no freio e, ainda assim, vou perder a corrida. Merda! Sebastian me ultrapassa e passa pela linha de chegada.

Aquele filho da puta!

Viro a esquina e entro no estacionamento logo atrás dele, freando bruscamente o Corvette. Após desligar o motor, saio do carro, bato a porta e, fervilhando de raiva, caminho em direção ao grupo de pessoas que já se forma em volta dele. Félix e Tânia estão lá também, e Sebastian sorri enquanto eles o parabenizam.

Eu vou quebrar a cara dele!

Assim que me vê, seu sorriso murcha um pouco e ele recua, levantando as mãos como se estivesse se rendendo. Não me importo. Como um touro, me aproximo gritando:

— Está achando graça?

A três passos à frente dele, Félix interrompe meu rompante e me puxa, rindo.

— Vai com calma, cara.

Ele puxa meus braços, prendendo-os atrás de mim e não consigo me soltar. Merda, ele é forte. Tânia se afasta da multidão em festa e vem correndo em nossa direção como um duende se afogando na jaqueta de couro do namorado. Quando ela repousa as mãos no meu peito, lançando um sorriso pacificador, expiro um longo suspiro. Por cima da cabeça dela, vejo Sebastian, cerrando meus dentes.

— Você trapaceou! — exclamo, finalmente libertando meus pulsos de Félix. No entanto, tudo que consigo fazer é abraçar Tânia porque ela se agarra em mim como um macaco-aranha. Tudo bem, sem briga hoje. Ainda

assim, fuzilo Sebastian com os olhos e aponto o dedo para ele. — Você trapaceou porque sabia que não tinha a menor chance! É injusto, porra!

Sebastian se aproxima, portando um sorrisinho que quero arrancar da cara dele, e aperta minha mão respeitosamente me deixando perplexo demais para recusar.

— Me desculpa, Rafa — diz ele alto o suficiente para todo mundo ouvir, então coloca a outra mão na minha nuca e me puxa para um pouco mais perto, murmurando no meu ouvido: — Mas vale tudo no amor e na guerra.

Gostaria de poder mandá-lo para o inferno com uma réplica malcriada, mas não tenho nenhuma. Pego de surpresa, apenas passo a língua no meu lábio inferior quando ele me solta. Conforme Elliot e Nikki se aproximam para parabenizá-lo, Tânia implora por trás de um sorriso cheio de dentes:

— Por favor, Rafa, deixa para lá. Nós vimos como você se saiu bem, e se você se comportar agora, te pago um cappuccino com açúcar extra.

Jesus, como ela consegue me enrolar tão fácil? Reviro os olhos para mim mesmo, mas ela acaba me acalmando.

— Fica para próxima — retruco. Ainda não estou no clima de comemorar a vitória de Sebastian com meus amigos. — Está tarde. Semana que vem a gente sai e toma um café pela minha derrota.

Aos risos, ela me dá um tapinha no peito e então se afasta para as outras pessoas poderem apertar minha mão também. Não estou muito a fim de bancar o bom perdedor, então sou breve e educado nas palavras que troco com elas. Quando finalmente me deixam em paz, Félix é o último a dar um tapinha no meu ombro.

— Boa corrida, cara.

Sim, foi mesmo. Até cinquenta metros antes da linha de chegada.

— Você falou para ele fazer aquilo, não é? — resmungo, fuzilando-o com uma careta de lado.

Ele envolve um braço frouxamente em volta do meu pescoço, rindo como um idiota.

— Ei, alguém tem que tomar conta de você se você não cuida de si mesmo.

Tomar conta, até parece!

— Você realmente acha que valeu a pena? Eu poderia ter ganhado o Honda dele — reclamo, fazendo uma careta conforme nos afastamos do resto.

No caminho pelo estacionamento, Félix pega Tânia e a puxa para o outro lado dele, e diz:

— O que você pode ganhar agora é muito melhor que um carro. Mas me faça um favor, Rafa...

— O quê? — pergunto, me desvencilhando de seu braço. Me viro para encará-lo em frente ao Corvette.

Ele sorri, dando um abraço apertado em Tânia na minha frente, e repousando o queixo na cabeça dela.

— Aproveite as mensagens. — Seu olhar desvia rapidamente para minha lateral. Imediatamente, ele finge uma saudação militar corriqueira, cobre a boca de Tânia com a mão, impedindo-a de dizer qualquer coisa, guiando-a até seu Alfa vermelho escuro. Eu, por outro lado, não me atrevo a virar porque já sei quem está se aproximando e fez os dois saírem tão rápido.

Respiro fundo, então meus olhos são atraídos imediatamente para a mão de Sebastian no teto do Corvette, toda roxa e machucada.

— Porra, isso está horrível — deixo escapar. E agora que já quebrei o gelo, estreito meus olhos em sua direção e acrescento: — O que foi que você fez com a sua mão?

— Ah sim... — Ele se encosta na porta do carro, olhando para a mão, abrindo e fechando algumas vezes. — Tive um desentendimento com uma barra esta manhã. A corrida também não ajudou muito na recuperação.

Meu estômago revira só de pensar em como deve ter machucado ao segurar no câmbio. Não há tempo para ser gentil numa corrida. Me encosto no carro ao lado dele, olhando para a multidão que aparenta estar metade feliz e metade frustrada. Muito dinheiro mudando de dono por ali.

— Você deveria bater uma chapa disso — murmuro sem pensar.

— Nada. O que não mata... — diz ele rindo, e então tira o telefone do bolso de trás. Ao que parece, a mão ainda está boa o suficiente para digitar, então não há por que se preocupar.

Três segundos depois, meu celular vibra no bolso da minha calça jeans. Com a testa franzida, pego-o e leio a mensagem de Sebastian. Que porra é essa?

**Sebastian:**

Oi. ;-)

Meu queixo quase bate no peito. Viro minha cabeça para ele.

— SÉRIO?

— SÉRIO. — O pequeno sorriso em seus lábios combina tanto com ele, e eu continuo o odiando por isso. Deixo o celular de lado, mas não consigo enfiá-lo inteiramente no bolso, porque Sebastian segura meu braço. O sorriso some um pouquinho. — Nada disso, Rafa. Você sabe o que deve fazer.

*Ler e responder*, esse era o acordo. Com um sorriso cínico, digo:

— Você não estipulou quando eu deveria responder *exatamente*.

— Muito bem. Como você também não definiu isso antes da corrida, vale quem falar primeiro. Cinco minutos depois de ler. No máximo — anuncia ele a regra adicional, com uma expressão de seriedade no olhar. E, Deus do céu, o brilho castanho neles me faz querer largar tudo e apenas me render.

Merda, era tão óbvio que ele se seria o primeiro a falar.

Mordo o interior da minha bochecha enquanto suas feições voltam a ficar amenas.

— Te vejo por aí, Rafa — diz ele, então pisca para mim, se afastando do Corvette e atravessando o estacionamento.

Quando finalmente me recomponho e desvio o olhar de sua bunda, digito apenas duas palavras e envio com um sorrisinho.

**Eu:**

*Foda-se.*

Sebastian lê a mensagem a caminho do Honda. Dois segundos depois, joga a cabeça para trás e ri. É, vamos ver por quanto tempo ele vai continuar rindo quando isso for tudo que ele conseguirá de mim.

— E nada de mensagens antes das oito da manhã! — grito. Afinal de contas, estou de férias e mereço poder dormir até mais tarde.

Me posiciono atrás do volante, ainda muito frustrado e um pouco em frangalhos por conta daqueles olhos castanhos que não me deixam em paz. Piso no acelerador para finalmente ir para casa.

Mal estou acordado quando a primeira mensagem de Sebastian chega na quinta de manhã. Sem enxergar, tato a mesa de cabeceira em busca de meu telefone e vejo a hora. Oito e vinte. Ok, sorte a dele, não vou matá-lo. Ainda assim, aperto o travesseiro contra o rosto e deixo escapar um gemido. Esse cara nunca vai me dar um descanso, vai?

Eventualmente, joo o travesseiro de lado e abro o WhatsApp.

**Sebastian:**

*Ei, floquinho. Dormiu bem? ^^*

A palavra *floquinho* me dá uma sensação estranhamente quente dentro de mim. Sempre deu quando ele falava, como se eu estivesse bebendo um chocolate quente cheio de chantilly num dia de chuva, e nem mesmo sei por quê. Só que não é o suficiente para me deixar de bom humor tão cedo pela manhã. De qualquer forma, tenho apenas uma resposta para ele.

**Eu:**

*Foda-se.*

Sua resposta é um emoji de sorriso. Devo responder a essa também? Seguro o celular em cima do rosto, buscando na lista de emojis e finalmente envio para ele uma mão, com o dedo do meio levantado. Em seguida, o celular escorrega da minha mão e me acerta no olho esquerdo. *Ai!* Quem diria que esse negócio seria tão pesado de manhã?

Outro bipe soa quando o encontro na curva do meu pescoço.

**Sebastian:**

*Sonhou com alguma coisa boa?*

Sim, que matava ele. Lentamente. Enfiando a merda do seu celular goela abaixo.

**Eu:**

*Foda-se.*

**Sebastian:**

*Tudo bem. Onde e quando?*

Argh!

**Eu:**  
*FODA-SE!*

Viro para o lado e enterro meu rosto sobre o travesseiro mais uma vez para não ter que ouvir o próximo bipe quando ele escrever qualquer merda aleatória. Estupidamente, meu celular também vibra quando qualquer mensagem chega e consigo sentir a vibração pelo colchão. Alguém me sufoca com o travesseiro, por favor?

Decido que vou ignorá-lo por alguns minutos e me forço a levantar da cama para tomar um banho antes de finalmente ler o que ele quer. E essa é até bem engraçada.

**Sebastian:**  
*Quer tomar café da manhã comigo?*

Com certeza não.

**Eu:**  
*Foda-se.*

Me visto enquanto continuamos seu joguinho maluco.

**Sebastian:**  
*Se não hoje, talvez na próxima semana?*

**Eu:**  
*Foda-se.*

Qual é o propósito disso tudo? Ele realmente acha que vou mudar ideia a respeito de ser gay ou até mesmo de ser amigo dele se continuar me importunando? Porque, por mais triste que seja, isso não vai rolar.

Eu. Simplesmente. Não. Consigo.

**Sebastian:**

*Eu topo uma Sprite à noite também. Você poderia vir e a gente jogava um pouco.*

**Eu:**  
*Foda-se.*

**Sebastian:**  
*Ou podemos apenas conversar...*

**Eu:**  
*Foda-se.*

A mensagem seguinte demora alguns minutos para chegar. Acho que ele finalmente entendeu a dinâmica do jogo.

**Sebastian:**  
*Por quanto tempo você acha que consegue bancar esse jogo, floquinho?*

Muuuuuuuito tempo.

**Eu:**  
*Foda-se.*

A grande máquina de café apita na cozinha conforme mói os grãos e então me faz feliz com uma caneca de cappuccino. Despejo a quantidade certa de açúcar para deixá-lo perfeito e me apoio na bancada da cozinha. Com os tornozelos cruzados, olho pela janela enquanto sopro a bebida fumegante e bebo em pequenos goles. O sol está brilhando, tudo para ser um lindo dia.

Um resmungo me escapa após meu próximo gole, porque meu celular apita novamente. Poderia até ser engraçado o quanto ele não quer desistir. Se não fosse tão irritante.

Pronto para digitar minha resposta de sempre, volto para a conversa e engulo em seco.

Nenhuma mensagem desta vez, apenas uma foto. Eu e Michele no sofá. Estou segurando um giz de cera azul e tenho os olhos fechados enquanto ela está inclinada encostando a cabeça na minha.

Por muito tempo, apenas encaro a foto, café numa mão, telefone na outra. Toda vez que a tela ameaça apagar, encosto a ponta do dedo e relembro o sentimento daquele momento na antiga casa de Sebastian, quando esse pequeno anjo me pediu para colorir unicórnios com ela. Sinto um nó na garganta.

Coloco a caneca na pia e me dirijo para o sofá da sala. Michele é uma das poucas coisas que eu gostaria de ter mantido daquele fim de semana em Eastbourne. E talvez um pouco da minha coragem também.

Afundado nas almofadas, apoio meus pés na mesa de centro e continuo a passar o dedo pela tela. Só quando tenho certeza de que memorizei cada detalhe da foto, rolo a conversa para cima, de volta para as mensagens que eu e Sebastian trocamos nas últimas semanas. Há algumas que ignorei quando voltamos do sul, mas não são elas que estou procurando. É a nossa foto. A que estamos em sua cama, ele beijando minha bochecha.

Ao olhar agora, depois de tanto tempo, me dá uma pontada dolorosa no peito. Tinha tanta certeza de que estava prestes a superar esse cara teimoso. Mas a verdade é que ele apenas precisou me tocar uma só vez na casa de Tânia e tudo voltou como uma avalanche sobre mim novamente.

E se for sempre assim? O pensamento me assusta.

Fecho os olhos e deixo escapar um suspiro profundo. Extrapolei o tempo de resposta — por uns vinte minutos. Quando o faço, é apenas uma palavra novamente.

**Eu:**  
*Obrigado...*

Não chega mais nenhuma mensagem dele durante o dia inteiro.



# Capítulo 7

*Rafael*

A manhã de sexta-feira começa como a quinta-feira, inclusive com a conversa por mensagens ser a mesma. Volto a dizer a ele o que pode fazer consigo mesmo, os olhos ainda embaçados de sono. Desta vez, entretanto, ele desiste de importunar bem mais cedo.

Passo o dia com Tânia, acompanhando-a ao mercado para umas comprinhas antes de buscarmos Félix no trabalho para que possamos jantar e assistir a um filme juntos na casa dele.

Como era de se esperar, eles perguntam sobre Sebastian. Felizmente, só preciso cortar a deles uma só vez com minha carranca aborrecida e eles dão por encerradas as perguntas sobre como estamos lidando com o resultado da aposta.

A noite voa e eu acabo chegando tarde em casa, porque decidimos fazer uma maratona de *Velozes e Furiosos*, que não deixou Tânia muito contente. Enquanto subo para meu apartamento no elevador, dou uma olhada no celular pela primeira vez em horas. Não só ele me enviou uma mensagem maior do que o costume, como também não fez nenhuma brincadeira.

## **Sebastian:**

*Tânia me contou que conseguiu fazer você sair do apartamento hoje. Disse que você estava rindo bastante. Fico feliz em saber disso.*

*Boa noite, Rafael.*

Não tenho certeza se gosto deles me controlando dessa maneira invasiva, mas definitivamente odeio que eles fiquem falando de mim. No entanto, conforme entro em meu apartamento, leio a mensagem mais duas

vezes, sentindo o impulso desconfortável de dizer boa noite a ele também, em vez de mandá-lo se foder.

*Maldito, Sebastian!*

Não respondo com nenhum dos dois e apenas seleciono um emoji com apenas olhos e sem boca. Então, desligo o telefone e vou para a cama.

Chega a ser assustador que eu esteja acordado na manhã de sábado bem antes das oito, esperando Sebastian me *acordar*. E então ele me faz esperar até às dez até me mandar a primeira mensagem do dia. Que porra é essa?

**Sebastian:**

*Rafael?*

Só por demorar tanto a me escrever, estou inclinado a mandá-lo para o inferno novamente, mas, francamente, estou bastante curioso para saber o que reserva esse início cauteloso de sua conversa.

**Eu:**

*O quê?*

**Sebastian:**

*Você está puto porque não ganhou o Honda?*

Não. Eu teria vendido o carro de qualquer maneira, o que deixaria nós dois tristes.

**Eu:**

*Estou puto porque tenho que ler todas as suas mensagens idiotas.*

**Sebastian:**

*Mentiroso. Você ama as minhas mensagens. ;-)*

Reviro os olhos, mesmo que ela tenha me feito rir. Um pouquinho.

**Eu:**

*Você é um saco!*

Por toda a manhã, o WhatsApp permanece em silêncio. De vez em quando, verifico para o caso de ter perdido uma mensagem, mas não há nem sinal dele. E ele também não leu minha última mensagem, o que é estranho.

Decido ligar o PS4 e jogar *Fortnite* com Carol, George, Thomas e Leo, minha equipe de combate. Jogar com meus amigos virtuais é sempre uma distração bem-vinda, embora hoje esteja um pouco difícil desviar de suas perguntas sobre Sebastian e eu já que não faz muito tempo que eles o conheceram. Especialmente as perguntas de Carol. Cheguei à conclusão de que ela não é tão durona assim, mas sim uma romântica incurável. É, azar o dela. Não darei nenhum detalhe de minha vida — amorosa ou não —, mas ela me faz rir bastante com sua implicância boba, o que é bom.

Ao meio-dia, me despeço de meus amigos online por causa de Rosa, minha empregada vovozinha. Ela trouxe uma vasilha de sopa de tomate espanhola e pão caseiro para comermos juntos, já que sua família não está em casa neste fim de semana. Adoro quando Rosa cozinha para mim. Sua comida é maravilhosa.

Estamos os dois na segunda tigela, quando meu telefone apita com uma mensagem.

No mesmo instante, minha cabeça vira para o lado. O celular está na mesa de centro, onde o deixei depois de jogar PS4. Minha desculpa para não checar a mensagem imediatamente é a etiqueta. Não seria de uma falta de educação imensa deixar a mesa enquanto ainda estamos comendo juntos?

Silenciosamente, continuo tomando a sopa com a colher. Provavelmente é uma provocação qualquer dele, de qualquer forma.

— Está tudo bem, querido?

— Hã? — Meu olhar se volta para ela.

Rosa sorri, a cabeça levemente inclinada e a colher descansando na tigela. Ela tira um pedaço do pão e espera para comê-lo, perguntando:

— Você está olhando para a sala o tempo todo. Está esperando mensagem especial?

Sério? Nem reparei.

— Pode ir lá para ler, não me importo — continua ela, com seu jeito amoroso, mas sei que ela só diz isso porque eu a pago pelo trabalho que faz no meu apartamento. Ela não deixaria nenhum de seus filhos levar o telefone à mesa, então eu também não o faço.

— Não. É só o Sebastian — murmuro enquanto finalizo minha sopa. — Ele pode esperar.

— Tenho certeza que ele pode. — Rosa ri e pega a colher novamente. — Mas e você?

Perdão, *o quê?*

Algo em minha expressão deve ser hilário, porque ela explode numa gargalhada, e eu tenho quase certeza que não tem nenhum bigode de sopa em cima da minha boca.

— Não sei o que fez seu humor tristonho mudar depois da semana passada, Rafael — diz ela em seu sotaque espanhol encantador. — Mas se Sebastian tem algo a ver com isso, você deveria *mesmo* ler essa mensagem agora.

Na mesma hora, minhas bochechas pegam fogo e quase engasgo com a sopa. Sim, ela me viu vagando pelo apartamento feito um fantasma nas poucas vezes que estive aqui, mas tenho certeza que não estou *tão* diferente assim de três dias atrás. E por que ela presumiria que Sebastian tem alguma coisa a ver com meu humor? Só por ele estar mandando uma mensagem?

— Não sei do que você está falando — murmuro e abaixo a cabeça, torcendo para isso por um fim a esta conversa desconfortável. Infelizmente, isso não acontece.

— Estou falando que você parece estar muito mais animado hoje.

Pareço?

— Mais alegre, querido. Mais alerta. — Ela estica a mão e a coloca sobre a minha. — Não precisa me dizer o que está se passando na sua vida, Rafael. Só quero que você seja feliz. Assim como quero que meus filhos sejam.

Engulo com certa dificuldade porque minha garganta fica um pouco seca. Ela realmente quis dizer isso. E mais... Meu peito se expande com um suspiro profundo. Todo mundo deveria ter uma Rosa. Sou eternamente grato por ter a minha.

Viro minha mão sob a dela e dou uma apertada de leve em seus dedos, dizendo:

— Obrigado, Rosa. — Coloco a colher de volta na tigela, vou até a sala e pego meu telefone para ver a resposta de Sebastian para minha última declaração de que ele era um saco.

**Sebastian:**

*E dos bons, hein. ^^*

Meu Deus, o ego dele não caberia na Capela Sistina! No caminho de volta para a cozinha, sinto que é meu dever absoluto mandar sua autoestima direto para o seu devido lugar.

**Eu:**  
*Foda-se.*

Sento na cadeira novamente, coloco o telefone com a tela virada para baixo na mesa, e quando olho para Rosa, percebo que ela estava certa. Estou realmente sorrindo.

Putaquepariu!

— Espero que você tenha respondido algo bom que o tenha feito tão feliz quanto você parece agora — tagarela ela despreocupadamente, num tom alegre enquanto termina a sopa e se levanta para limpar a mesa.

Sentado, permaneço de bico calado. Enquanto mordo meu lábio inferior, olho para ela, olhos inocentemente arregalados.

— Uhum.

É, essa é a última vez que olho o telefone quando Rosa estiver por perto.

A tarde volta a ficar silenciosa quando ela vai embora. Estranhamente, parece vazia. Quase desejo que Rosa pudesse ter ficado um pouco mais para me manter distraído e não querer olhar o telefone o tempo todo.

Inferno, o que ele está fazendo comigo? Não quero que Sebastian me escreva. Não quero construir qualquer tipo de relação com ele de novo. E, mesmo quieto, ele me faz pensar mais nele do que quando não cala a boca.

À noite, ele me deixa tão estressado que quase escrevo para ele primeiro. Mas não o faço. Que bem isso faria? Só voltaria a tornar a situação pior para mim. Não deveria estar pensando em como integrar este homem na minha vida quando não posso estar com ele do jeito que esta parte estranha no fundo da minha alma exige. Ser amigos também não rola. Sempre teria em mente a imagem de nosso beijo embaixo da árvore em Eastbourne quando olhasse em seus olhos.

E ele também, não é?

Ou... não? Talvez eu esteja entendendo tudo isso errado e ele apenas queira estabelecer uma amizade neutra comigo. Nós temos muito em comum. Adoramos as mesmas coisas, principalmente carros, velocidade e

corridas imprudentes. Ao que parece, também compartilhamos o mesmo círculo de amigos agora. Então, talvez seja só isso que ele quer? Nada de amor, apenas amizade?

A ideia deveria trazer um sentimento profundo de alívio, não?

Então porque é que cria uma sensação de desconforto no meu estômago? Ou talvez até um pouco mais alto... no meu peito.

Às onze, vou para a cama depois de assistir a um documentário sobre a Islândia que me deixou um pouco emotivo. Ver minha ilha natal sempre me deixa assim, adoro esses filmes.

Meu celular ficou carregando na cozinha nas últimas horas. Tiro da tomada, pego um refrigerante na geladeira e levo os dois comigo lá para cima. A luzinha azul no telefone pisca. Não ouvi a notificação da última mensagem de Sebastian, mas espero para ler depois de tirar a roupa, ficando só de cueca e me enfiar debaixo das cobertas. Com o travesseiro encostado na cabeceira da cama, me recosto, abro a Sprite, tomo um gole e vou para o WhatsApp.

A tela ilumina o quarto escuro com uma luz azul e brilha no meu rosto. Estou esperando alguma bobagem de Sebastian novamente, mas assim como na noite passada, é uma mensagem longa e sem nenhum indício de piada. Como se ele quisesse deixar toda a zoeira para a manhã e encerrar o dia com algo terno e significativo.

### **Sebastian:**

*Toda vez que vou à geladeira pegar algo para beber, há essa prateleira no meio inteiramente abastecida com latas de Sprite. Consegue imaginar como meu coração aperta toda vez que abro a porta e vejo elas lá?*

Encaro as palavras por um bom tempo, ainda com a lata de Sprite na mão.

Não sei como ele faz isso, mas ele sempre encontra as palavras certas nos momentos certos. Com o que escreveu para mim há vinte e sete minutos, ele não apenas me disse que obviamente desenvolveu um certo gosto pela minha bebida favorita. Ele também pôs um fim às dúvidas que vagavam pela minha mente mais cedo a respeito de ele ter deixado de me amar e me desejar tão rápido.

Essa sensação de ser desejado por ele evoca um formigamento — como borboletas — bem abaixo do meu coração. Ninguém além desse homem é

capaz de me fazer sentir assim.

Nos últimos dias, tornou-se um hábito mandá-lo se foder, então tenho dificuldade de escrever qualquer outra coisa. Algo que o faça enxergar que eu entendo como ele se sente e que eu realmente — pela primeira vez — me sinto grato por ele ter me contado. Fungo e suspiro. Então engulo e mordo os lábios.

Tudo com ele é tão difícil. Foi assim desde o começo e tenho a impressão de que nunca vai mudar. Não por muito tempo. Minha garganta aperta um pouco... porque sinto falta dele.

Sebastian fica online no WhatsApp neste momento e sei que a primeira coisa que ele vê é que já li sua mensagem. Tenho cinco minutos a partir de agora para escrever algo de volta. Mas de alguma forma não consigo achar as palavras certas.

Minha hesitação deve fazer ele pensar todo o tipo de coisa, porque um pouco depois, o WhatsApp mostra que ele está escrevendo algo. Sua mensagem aparece rápido.

**Sebastian:**

*Se eu passei dos limites te dizendo isso, me desculpe.*

Não passou. Mas como dizer a ele que foi justamente o que eu precisava esta noite sem quebrar os muros do meu próprio mundo? Complicado. Este seria o título da minha vida.

Ainda com a lata de Sprite na mão, não consigo parar de encará-la alternando com as últimas duas mensagens de Sebastian. Passado um tempo, levanto meu celular — um tanto relutante — sobre o celular, abro a câmera e tiro uma foto. Nada além da lata na minha mão apoiada sobre minhas pernas dobradas debaixo das cobertas. Isso é o que envio para Sebastian como resposta.

Os dois tiques ficam azuis imediatamente. Eu espero. Nada acontece. Jesus Cristo, gostaria que ele me dissesse o que pensa agora. Mas mesmo que ele esteja quieto para variar, é uma sensação estranhamente reconfortante saber que estamos os dois olhando para nossos celulares. É engraçado como são as pequenas coisas que causam o maior tipo de emoção.

Queria que ele pudesse estar aqui agora.

Queria poder dizer isso a ele.

Uma pequena onda de sonolência toma conta de mim enquanto meus olhos ainda estão grudados na tela, mas desaparece no momento em que ele começa a escrever de novo. Encaro os pontinhos por minutos até que eles finalmente se transformam numa mensagem.

**Sebastian:**

*Não sei mais o que posso fazer, Rafael. Acho que cheguei no meu limite. Fazer você responder às minhas mensagens — meio que forçando — parecia uma boa ideia alguns dias atrás. Parecia a única chance de começarmos algo novo. Minha única chance...*

*Não pensei o que isso poderia fazer com você. Como faria você se sentir. Especialmente em relação a mim. Eu tive as melhores duas semanas da minha vida com você. E tenho saudades de você. Todos os dias. Mas não posso suportar seu ódio por ter te forçado a fazer algo que não queria. Mesmo que seja algo tão pequeno quanto escrever mensagens para mim. Então, me desculpe. Nosso acordo está cancelado.*

Leio palavra por palavra, linha por linha. Devagar. Durante todo o tempo, mordo meu lábio inferior e passo a língua para lá e para cá. Não sou um mariquinha, mas o que ele me disse fez meu peito arder com um desejo doloroso. Um desejo de escrever para ele. De ligar para ele. De falar com ele. De encontrar ele. De abraçar ele. De beijar ele. E de me permitir amar ele...

Preciso inspirar profundamente várias vezes antes de continuar aliviar o nó na minha garganta e fazer meus dedos digitarem algumas palavras.

**Eu:**

*Eu não te odeio.*

Minutos se passam novamente. Queria que ele dissesse mais alguma coisa. Enunciar as palavras certas que me ajudariam a reencontrar o lugar no meu coração onde se esconde toda aquela coragem de duas semanas atrás. Mas quando ele enfim responde, a mensagem me faz franzir a testa em absoluta perplexidade.

**Sebastian:**

*Boa noite, Rafael.*



O quê? *Agora* ele resolve parar de falar comigo?! *Argh!*

Com os lábios comprimidos, deixo escapar um grunhido irritado enquanto aperto o telefone entre os dedos. Que cara idiota e ignorante!

Coloco o telefone com um estalo na mesa de cabeceira. Bebo o restante da lata de Sprite, suprimo um arrote, as bolhas subindo para meu nariz e queimando para cacete.

*Boa noite?* Nem fodendo!

Porque sei que não vou conseguir pegar no sono por horas.

# Capítulo 8

*Sebastian*

Foi tudo um erro. Toda essa merda.

Deixo minha mão cair no meu colo segurando o celular e olho as estrelas pela janela. Nas últimas duas horas, estive sentado neste parapeito, pensando no meu passado e no meu futuro. Em mim sozinho e com Rafael. Meus pés estão gelados e minhas costas doem por ficar agachado contra a janela. Ainda assim, não consigo me forçar a levantar e ir para a cama. Não quero ficar deitado olhando para o nada, sem conseguir dormir porque a vontade no meu coração não me deixa.

Olho para minha mão enfaixada com uma bandana. A pele está inchada e adquiriu um tom de roxo-esverdeado desde meu pequeno acidente com a barra na quarta-feira. Dói ao esticar e dobrar os dedos. Algo deve estar seriamente machucado lá dentro, mas não sou o tipo de cara que vai ao médico a não ser que tenha um membro prestes a cair. De qualquer jeito, a dor é bem-vinda. Ajuda a me desligar da angústia em meu peito quando penso em Rafael.

Nunca deveria tê-lo forçado a aceitar este acordo. Nem deveria ter desafiado ele. Sabia que ele não daria para trás, mas não calculei o quão ruim eu poderia deixar a minha situação. Desde a noite em que nos conhecemos, forcei os seus limites. Fiz ele enxergar quem é e o que realmente deseja. Não me arrependo porque isso me fez ter as duas melhores semanas da minha vida, de verdade. E Rafael precisava entender.

Mas, ao me forçar a entrar em sua vida agora, há o risco de transformar seu desejo em ira e então, distância. E essa é a última coisa que eu quero.

Bem acima do meu apartamento, um avião plana silenciosamente no céu da noite. Um suspiro me escapa enquanto meu olhar segue as luzes das asas piscando na escuridão.

Que ele ainda não me odeia significa tudo para mim. Pela primeira vez, ele respondeu com algo diferente de *foda-se*. Me enviou uma foto, também. Sei porque mantenho todas essas latas de Sprite na geladeira. Elas me ajudam a não esquecer. A lembrar da nossa noite jogando... os momentos em que ele percorreu os dedos sobre minha pele... a tarde no cinema... e o dia em que o levei para Eastbourne.

Adoro receber todas as suas mensagens, mesmo que ele apenas escreva aquelas palavras estúpidas. Ele escrevendo para mim significa que está pensando em mim, e eu também não quero que ele esqueça. Só queria que ele o fizesse por querer e não porque eu o obriguei.

E é por isso que desejar *boa noite* foi minha última mensagem para ele. Ele está livre da aposta. Pode fazer o que quiser, escrever ou não. Meu Deus, espero que ele escreva porque quer manter contato comigo afinal de contas. Não vou mais forçá-lo a fazer isso.

Olho para mim mesmo, a camisa desabotoada expondo meu abdome descoberto. Os padrões que Rafa adicionou à minha pele estão frescos e escuros novamente. Recolori tudo com o marcador há algumas horas. É claro que não posso continuar a fazer isso para sempre, mas posso fazer por um pouco mais de tempo. Engulo em seco.

Preciso fazer... porque preciso da memória.

# Capítulo 9

*Rafael*

O domingo amanhece quieto. É de partir o coração.

Das oito ao meio-dia, fico esperando por uma mensagem de bom dia de Sebastian, mas nem sinal dele. Depois de um almoço solitário, minha esperança de que ele escreva qualquer coisa para mim durante dia se esvai. Porém, tarde da noite, deitado em minha cama encarando o celular, não consigo pensar em nada a não ser nisso.

Todas as vezes em que verifiquei meu celular durante o dia de hoje, notei que ele estava online apenas alguns minutos antes de mim. Isso significa que ele estava ocupado conversando com outra pessoa ou que talvez ele tenha ficado esperando por uma mensagem minha tão desesperado quanto eu enquanto o aplicativo permanecia quieto?

Puxo o cobertor até o peito e afundo no travesseiro. Por anos, morei e dormi sozinho neste apartamento, mas para minha surpresa, me sinto solitário pela primeira vez. Como se algo importante tivesse ido embora da minha vida, me deixando quebrado e incompleto.

Já é tarde, quase meia-noite, e Sebastian ainda está online. Gosto de pensar que ele também não consegue dormir porque está pensando mim. Mudaria alguma coisa se eu enviasse uma mensagem de boa noite agora?

Sim, mudaria. Na verdade, mudaria tudo. Porque sei que não posso ser apenas seu amigo. E mais ainda, sei que não posso continuar minha vida sem ele. Então, quais são as minhas opções? Girassóis roxos? Um arco-íris? Jesus Cristo, não é possível que eu seja o cara certo para esse tipo de vida!

Ou sou?

Esfrego as mãos no rosto, bufando. O dia e a noite em Eastbourne com Sebastian foram maravilhosos. O que será que teria acontecido se não tivéssemos encarado aquele final trágico? Onde estaríamos agora se aquela

senhorinha não tivesse ido pedir um pouco de farinha? Ou se o noticiário não estivesse passando naquele exato momento?

Estaríamos aqui... juntos?

Seria eu corajoso o suficiente para deixá-lo me chamar de namorado mesmo fora do País das Maravilhas?

Começo a achar que talvez eu tivesse. Talvez não em público tão cedo, mas dentro destas paredes, para começar. E na frente de Tânia e Félix. Talvez eu até mesmo contasse para os meus pais dos meus sentimentos por Sebastian. Eles são amorosos e bondosos. Nada que eu fizesse poderia afastá-los de mim.

E Sebastian também não teria se afastado. Droga, ele não se afastou... mesmo quando eu fugi e o deixei para trás.

Afundo meus pés nos lençóis e bato meus joelhos. Neste exato momento, sinto como se meu coração estivesse se partindo de novo porque eu o perdi. Porque tive muito medo de ficar ao seu lado. Eu o afastei tanto de mim que agora não tenho ideia de como trazê-lo de volta...

Talvez uma mensagem seja um bom começo, não é mesmo?

Respiro fundo e aperto o botão que faz o visor do meu celular acender novamente. Após um longo momento de deliberação, digito a primeira coisa que veio à minha cabeça duas horas atrás, quando vi que ele ainda não tinha enviado nenhuma mensagem.

**Eu:**

*Não gosto quando meu celular fica silencioso o dia todo.*

Como se ele estivesse encarando a tela do próprio celular o dia inteiro assim como eu, Sebastian lê o que escrevi em segundos — é o que indica os dois tiques azuis imediatamente. E então nada acontece. Nenhuma resposta. Será que ele leu e bloqueou a tela? Meu coração fica cada vez mais pesado em meu peito, puxando para baixo os cantos da minha boca com ele.

Cerro o maxilar, sentindo os músculos saltarem em minhas bochechas conforme tento engolir a decepção crescente. Ele desistiu de mim... e eu provavelmente mereço.

Dez minutos depois, ainda sem resposta de Sebastian, decido, para o bem da minha paciência, desligar a tela e colocar o celular junto da lata vazia de Sprite na mesa de cabeceira. Deito de bruços e pressiono o rosto contra o travesseiro, olhando para a janela no escuro. Duas horas de sono

foi tudo que eu consegui na noite passada e, mesmo que um cansaço desconfortável tome conta de mim, hoje não parece que vai ser muito diferente. Muita coisa na cabeça para conseguir descansar.

Em algum momento, forço minhas pálpebras a fecharem, implorando para que o esquecimento finalmente tome conta de mim. Então ouço um pequeno bipe atrás de mim e meus olhos se abrem novamente.

Não muito certo de que não acabei de imaginar o som, me viro na cama e procuro pelo celular na mesa de cabeceira. A luz está realmente piscando, então abro a mensagem.

**Sebastian:**

*Quer dizer que está com saudade das minhas mensagens idiotas?*

Disso e muito mais.

**Eu:**

*Quero dizer que talvez... eu tenha saudades de conversar com você.*

Prendo a respiração enquanto espero a resposta dele, que vem bem mais rápido desta vez, graças a Deus.

**Sebastian:**

*Então fale comigo agora.*

Um suspiro pesado, quase dolorido, escapa da minha garganta apertada, e fecho os olhos rapidamente, sentindo como se, com essas cinco palavrinhas, ela tenha me puxado para um abraço. Todos os meus músculos tensos relaxam ao mesmo tempo, me transformando numa poça de pura confusão nesta cama. Respiro fundo, querendo me agarrar a esse sentimento — e fazer eterno esse breve momento de alívio.

E então percebo que não tenho absolutamente nenhuma ideia do que dizer a ele agora.

Os minutos passam novamente. Talvez começar com algo trivial?

**Eu:**

*Como está sua mão?*

**Sebastian:**

*Parece que um hipopótamo se sentou nela.*

**Eu:**

*Você deveria parar de andar com hipopótamos então...*

**Sebastian:**

*Acredite se quiser, mas o hipopótamo não foi minha primeira opção para sair :P*

**Eu:**

*Não? Então quem?*

**Sebastian:**

*Um cara bonito da Islândia. Você não conhece.*

Estranhamento, gosto do rumo que essa conversa está tomando. Sebastian sabe como me fazer sorrir. Sempre soube.

**Eu:**

*Quer me falar sobre ele?*

Sua próxima mensagem leva alguns minutos para chegar. Estico minhas pernas e cruzo os tornozelos por debaixo do cobertor enquanto espero.

**Sebastian:**

*Ele acha que é um arquiteto e que precisa viver sob regras muito rígidas. Mas a verdade é que ele é um artista. Fez uns desenhos lindos na minha pele recentemente. Ele também é o melhor piloto que eu conheço. Mas pode tirando o cavalinho da chuva, você não pode ficar com ele. Ele já tem dono.*

Adoro sua descrição. Somente nas últimas palavras, faço uma careta e sorrio ao mesmo tempo.

**Eu:**

*Ah, ele tem?*

**Sebastian:**

*Sim. Uma garotinha do sul. Ela se apaixonou por ele porque ele parece um unicórnio.*

**Eu:**

*É por isso que você não pode sair com ele e então tem que ficar com hipopótamos?*

**Sebastian:**

*Não... O motivo é que ele tem medo dos próprios sentimentos. Pedi a ele para ser meu namorado, mas ele me rejeitou.*

De repente, meu coração dá uma fígada novamente.

**Eu:**

*Você está bravo com ele por causa disso?*

**Sebastian:**

*Não. Mas eu sinto falta dele...*

A sensação ruim vai do meu coração direto para minha garganta. Preciso engolir algumas vezes e fechar meus olhos momentaneamente para me perder nela.

**Eu:**

*Conheço esse sentimento...*

Depois de respirar fundo, digito mais uma mensagem antes que ele tenha tempo de responder, e eu de mudar de ideia e me acovardar de novo.

**Eu:**

*Talvez você deva fazer algo para que ele passe.*

**Sebastian:**

*Eu não saberia o quê. A única coisa em que consigo pensar é passar um tempo com ele novamente.*



**Eu:**  
*O que te impede?*

**Sebastian:**  
*Ele.*

**Eu:**  
*Tem certeza...?*

**Sebastian:**  
*O queeeeeeeeeê?*

Ele adiciona um emoji bem confuso à mensagem. Sabia que ia deixar ele confuso. E meu coração também está batendo como um motor V8. Hora de encerrar essa conversa. Preciso de tempo para processar esse passo que acabei de dar antes de poder dizer qualquer outra coisa para Sebastian.

**Eu:**  
*Boa noite, Bast. :-)*

**Sebastian:**  
*Espera! Você não pode ir agora! Ainda não terminamos!*

Ah, terminamos sim... por hoje. Com a sensação de centenas de joaninhas brincando em meu estômago, desligo o telefone completamente e viro para o lado. Então, lentamente, um sorriso se forma em meus lábios.

\*

Quando acordo na manhã seguinte, mantenho o telefone desligado de propósito para não ficar tentado a ler o que quer que Sebastian tenha me enviado depois da minha última mensagem. Passei mais uma hora na noite passada apenas deitado na cama e pensando — sobre a vida, o mundo e o que significa fazer a coisa certa. Sobre o que é permitido nesse mundo e o que não é. E o que deveria ser.

Cheguei à conclusão de que não tenho ideia do que o futuro reserva para mim. Mas se um homem querer ficar com outro homem for um pecado, então talvez eu vá para o inferno.

A questão é: será que valerá a pena?

Me apavora que, para saber a resposta, eu tenha que tentar. E, no entanto, é exatamente o que quero fazer. Só espero ser corajoso o suficiente. E que ninguém me queime por conta disso.

Porém, se quero encontrar uma maneira de ficar com Sebastian de novo, preciso acertar as contas com o passado primeiro. Tudo desmoronou quando alguém destruiu o País das Maravilhas para mim. Portanto, é isso que preciso consertar antes de tudo.

Depois de sair da cama, tomo um longo banho, visto um moletom branco e uma calça jeans azul-claro, dou uma geral no apartamento e, finalmente, desço de elevador até à garagem subterrânea. Se ao menos meu coração acelerado e amedrontado me desse um tempo. Não deve ser saudável trabalhar nessa velocidade frenética por horas.

Meu celular permanece desligado e, por ora, descansa no banco do passageiro. Conforme dirijo lentamente o Corvette em direção à luz do dia, deslizo os óculos de sol sobre meus olhos. Está na hora de ir para Eastbourne e encarar meus medos.

# Capítulo 10

*Rafael*

É uma viagem de duas horas até a costa sul. Não me apresso porque o tempo sozinho na estrada é bem-vindo. Com nada além da música alta no carro e o vento soprando em meu rosto pela janela, posso deixar minha mente vagar. Quanto mais me aproximo de Eastbourne, mais sou tomado pelas doces memórias no jardim e no quarto de Sebastian.

Foi um fim de semana maravilhoso com ele e sua família. E é a este pensamento que decido me ater. De toda forma, é o que me dá forças para seguir esse caminho novo e assustador e não pensar na tragédia que enfrentei no final da minha última viagem para lá.

Com apenas metade do trajeto para trás, percebo que não deveria ter bebido três cappuccinos pela manhã, não importa o quão nervoso eu estivesse. A pressão do cinto de segurança na minha bexiga está me incomodando, então paro o carro em algum lugar no meio da estrada, num estacionamento de cascalho próximo a uma igreja.

Me alivio num canteiro de roseiras, mantendo-me atento aos arredores. A construção imponente, com paredes brancas e um tanto amareladas, telhado escuro e uma torre sineira está ali isolada como se Jesus tivesse esquecido de guardar *todas* suas casinhas de brinquedo depois de brincar. E eu acabei de mijar em seu jardim.

Ótimo.

De repente, tomado por uma estranha consciência pesada, sigo o caminho de cascalho até a entrada da igreja. Há uma bacia de mármore com água benta ao lado, mas não quero mergulhar meus dedos nela depois de tirar a água do joelho. Não muito longe, há uma torneira presa à parede, provavelmente para os visitantes do cemitério encherem seus regadores.

Lavo as mãos e, em seguida, entro silenciosamente na casa de Deus pela pesada porta de madeira escura. Ela se fecha por conta própria e me deixa constrangido quando o baque ecoa de maneira reprovadora pelo salão.

Jesus, está frio aqui. Esfrego os braços e puxo para baixo as mangas do meu moletom.

Sendo a única pessoa aqui nesta manhã, caminho cautelosamente e paro diante de duas escadas com tapete vermelho que levam até um altar imponente coberto por uma toalha de mesa branca e um buquê de flores coloridas. Atrás dele, uma pintura de mais de quatro metros de altura do filho de Deus. Ele está com uma mão levantada num gesto de boas-vindas e a outra em frente a sua barriga com uma esfera de luz pairando sobre a palma de sua mão. O homem simples e santo na pintura está cercado por seus seguidores, todos ajoelhados aos seus pés, com apenas suas faces esperançosas erguidas para o seu salvador.

Sinto a necessidade urgente de me ajoelhar com eles, e não apenas para pedir desculpas por ter urinado nos arbustos do lado de fora da igreja. Em vez disso, engulo minhas preocupações a respeito do estilo de vida anticristão que estou considerando levar e me sento na segunda fileira de bancos de madeira, onde coloco os pés no assento e abraço os joelhos contra o meu peito. Meus olhos encontram o olhar caloroso de Jesus.

Sei que uso seu nome com muita frequência no meu dia a dia para alguém que não é um católico devoto, mas se não fosse tão estranho conversar com uma pintura, acho que iria adorar conversar com ele agora, perguntar a ele por que pessoas são queimadas por se sentirem como me sinto.

Após vários minutos de silêncio entre a pintura e eu, uma porta se abre atrás do altar, de onde sai um homem numa longa batina marrom-escuro, com os cabelos pretos e uma franja despenteada.

— Bom dia — diz o padre, acenando levemente com a cabeça ao passa por mim, e então acende um candelabro na mesinha ao lado. Pode ser imaginação minha, mas parece que o lugar ficou alguns graus mais quentes. Em silêncio, observo conforme ele olha para a estátua de Maria e faz o sinal da cruz, finalizando com uma reverência humilde com a cabeça.

A caminho da sala com a porta aberta, ele diminui a velocidade na minha frente e então para completamente. Com uma expressão gentil no rosto, ele diz:

— Parece que há algo em seu coração. Se incomoda que eu pergunte o que te aflige tanto?

Encaro ele, apertando meus joelhos com mais força contra meu peito. Não tem ninguém aqui, e tenho certeza que ele está acostumado a ouvir os problemas e pecados de sua comunidade. Mesmo assim, uma sensação de desconforto atinge meu âmago. Eu não pertenço a essa comunidade, então me parece errado incomodar o homem com as minhas preocupações.

Ele dá um passo mais para perto.

— Então? — Seus olhos são tão escuros quanto seus cabelos, mas possuem um afeto que me faz falar, quer eu queira ou não.

— Sou uma ovelha negra, padre. Eu pequei — murmuro, cada palavra queimando em minha garganta.

O sacerdote enfia as mãos nos bolsos da batina, sua testa franzindo em profunda confusão.

— Você tirou a vida de alguém?

Bem, esse é um crime grave para ser apenas uma ovelha negra, não?

— Não — digo a ele, bem baixo.

— Você machucou alguém de propósito? — Sua voz é gentil e completamente imparcial. Apenas balanço a cabeça e apoio o queixo nos joelhos em seguida, baixando meu olhar para o pequeno livro de cânticos roxo na minha frente. — Então o que faria você pensar tão mal de si mesmo? — pergunta ele com uma surpresa honesta.

Não consigo olhar para ele.

— O fato de ser não normal. Como todo mundo...

Por um momento, o silêncio toma conta da igreja.

— *Normal e todo mundo* são palavras muito grandes — diz o padre, e então se aproxima até ficar bem perto de mim. — Qual é o seu nome, meu filho?

— Rafael — digo, levantando a cabeça.

— Bem, olá Rafael. — Um sorriso levemente divertido aquece seu rosto ainda mais quando ele estende a mão. — Eu sou Gabriel.

É, a ironia disso não passa despercebida. Com os olhos fixos em seu rosto amigável, lentamente estendo a mão para apertar a sua. É como um fogo brando no inverno.

Padre Gabriel se abaixa no chão de pedra, sentando nos degraus que levam ao altar.

— Então, o que te torna *não normal* aos seus próprios olhos? — pergunta ele, descansando os braços naturalmente em seus joelhos dobrados por baixo da batina.

Ele me parece tão aberto e diferente de um membro julgador da comunidade conservadora da arquidiocese da qual me lembro da época em que ainda vivíamos na Islândia e minha avó me levava à igreja todos os domingos. É estranho, mas talvez seja exatamente por isso que me atrevo a dizer em voz baixa a ele:

— Não consigo amar mulheres. — Imediatamente, meu olhar se volta para as minhas mãos e meu coração dispara. Somente quando o padre permanece em silêncio por um período estranhamente longo é que ousa olhar para ele novamente. Seu olhar me leva a crer que ele está esperando eu terminar minha confissão. E as palavras simplesmente escapam novamente. — Eu me apaixonei por outro homem.

O sorriso afetuoso em seu rosto não se abala. Nem por um segundo dos dois minutos seguintes. Ele simplesmente me olha com o mesmo afeto que deve ter nos olhos ao admirar o jardim de rosas lá fora. Eventualmente, ele inclina a cabeça e pergunta:

— Você acha que Jesus Cristo, quando caminhou por esta Terra, se importava com as diferenças entre as pessoas que ele tocou, falou, ouviu, curou ou simplesmente passou seus dias?

Após um longo tempo ponderando que tipo de imagem eu tenho desse cara de dois mil anos atrás, balanço minha cabeça. Não, ele não ligava.

— Correto. Ele não ligava. Ele os amava do mesmo jeito. Assim como Deus o faz. Para ele não importa se alguém é um padeiro ou um rei. Uma garota ou um garoto. Um homem que ama uma mulher... — Sua voz fica leve como uma pena. — Ou um homem que ama um homem.

— Então, por que está escrito na Bíblia...

— Você leu a Bíblia, Rafael? — me interrompe ele, sabendo exatamente onde quero chegar.

Minhas bochechas esquentam de maneira desconfortável mediante suas perguntas. Apenas abaixo a cabeça e faço que não.

— Não tenha vergonha. A Bíblia é difícil de engolir e, para ser franco, não concordo com ela em muitas passagens. Penso que, em todos esses anos passando as histórias, as pessoas editaram muita coisa.

Ele realmente pensa isso?

Movido por um impulso inusitado, deslizo do banco para o chão, assim como ele, encostando na madeira atrás de mim. Muito mais confortável aqui embaixo. Como se os olhares estritamente católicos das muitas imagens que nos cercam não pudessem nos enxergar desta forma. Ou nos ouvir quando pergunto:

— Por que fariam isso?

— Porque é isso que as pessoas fazem. — O padre Gabriel dá de ombros. — Às vezes, é apenas o medo que as faz distorcer a verdade. E às vezes acontece porque simplesmente lhes falta sabedoria.

Quando estreito meus olhos para ele, ele ri e continua:

— Não vamos culpá-las. Em vez disso, sejamos fortes o suficiente em nossa fé para priorizar nas escrituras apenas o que parecer gentil e correto. Para mim, a mensagem primordial é a de que Jesus Cristo, ou a luz e o criador de tudo o que existe, nunca *não* o amará por qualquer coisa que você faça ou diga. Ou por quem você é. Porque ele simplesmente não conhece um estado de *não amor*. Amor é tudo o que ele é. E ponto final.

Isso soa muito bonito. Mas ainda assim, minha testa franze. Então, padre Gabriel estende e coloca sua mão quente sobre a minha.

— Você é bom o suficiente para ele, Rafael, não há dúvida. Agora, a pergunta mais importante é: por que você não é bom o suficiente para si mesmo?

Meus ombros desmoronam enquanto mastigo impotente meu lábio, porque a verdade é que eu não sei.

— Todo ser humano merece ser feliz. Você também. — Padre Gabriel aperta minha mão com um sorriso de pura bondade antes apontar o dedo para o coração e acrescentar: — Nunca deixe o medo te impedir de fazer qualquer coisa que pareça certa *aqui*. — Então, ele se levanta do chão de pedra, inclina a cabeça para mim em despedida e retorna silenciosamente para seus aposentos atrás do altar.

Por minutos a fio, fico olhando a porta fechada e deixo suas palavras ecoarem em minha mente. Estaria ele certo? Gosto do que ele disse. Me traz um sentimento acalentado de conforto que finalmente ajuda a me erguer do chão e dar um grande suspiro de coragem. Meu olhar se volta novamente para a figura do Salvador. Ainda mantém toda a tranquilidade de quando cheguei meia hora atrás.

Pressionando os lábios, levanto minha mão num gesto de despedida antes de finalmente deixar a igreja e voltar para o meu carro.

É hora de seguir para Eastbourne.

Também conhecida como o País das Maravilhas...

Não sei se é o meu medo de ir lá de novo ou se apenas estou curtindo a calmaria da estrada, mas não deixo de notar como o ponteiro do velocímetro mantém-se no nível mais baixo e demoro um tempo consideravelmente grande para chegar aos limites da cidade.

Finalmente chegando em Eastbourne, pego as mesmas estradas que Sebastian pegou há duas semanas e logo viro na rua onde mora sua irmã. Um formigamento de inquietação percorre meu pescoço de uma só vez enquanto revivo as palavras duras da vizinha de Cláudia em minha cabeça. A velha disse que os gays merecem...

Não. Não quero pensar nisso. Ela estragou o País das Maravilhas para mim da última vez. Hoje, eu vim consertá-lo e, mesmo que seja difícil para cacete, não posso deixar a visão daquela mulher ignorante tomar conta da minha mente. Há coisas mais bonitas em que pensar agora.

Diminuo a velocidade conforme me aproximo, respirando fundo. Não me atrevo a parar bem em frente à casa de Cláudia, então estaciono alguns metros mais à frente, do outro lado da rua. Daqui tenho uma boa visão do bangalô branco e bem estruturado, com suas janelas de madeira e sua cerca baixa.

Desligo o motor e, com as mãos ainda segurando o volante, inclino minha cabeça para trás para poder ver do outro lado da rua. A porta da frente está aberta, mas o portão está fechado. Um pequeno anjinho com duas mairas-chiquinhas louras num vestido vermelho está sentado na grama, mexendo algo numa panela com uma colher de pau. Sorrio quando Michele arranca um punhado de grama e o joga na panela e, em seguida, adiciona deliberadamente as pétalas de três margaridas.

*Preparando uma sopa deliciosa, garotinha?*

Cláudia está em pé ao lado de sua filha, de costas para mim, tirando um lençol enorme do varal. O sol reluz tanto na roupa de capa que quase me cega quando olho para ela. Cláudia puxa o lençol, o dobra improvisadamente e o joga num cesto aos seus pés. Em seguida, ajeita sua blusa com listras brancas, amarra o cabelo num rabo de cavalo e então se reclina para pegar o cesto. Segurando-o contra seu quadril direito, ela se afasta do canto da casa. Quando olha para frente e seu olhar encontra o meu, ela para estupefata. Pelo retrovisor do Corvette, ficamos nos olhando



boquiabertos pela duração de dois suspiros antes que ela incline a cabeça com um sorriso amigável e dê alguns passos hesitantes em minha direção.

Suspiro mediante seu convite implícito. Por fim, tiro o cinto e saio do carro. Não há tráfego na vizinhança a essa hora do dia — todos estão provavelmente no trabalho ou almoçando dentro de casa — então atravesso a rua meio relutante até parar bem perto da cerca.

Ainda surpresa e um pouco confusa também, Cláudia me observa, imóvel, por mais um momento. Quando ela finalmente dá alguns passos, olhando para os dois lados da rua, digo calmamente:

— Estou sozinho. Sebastian não sabe que vim aqui.

Ela faz um sinal com a cabeça, põe o cesto de roupas no chão e vem abrir o portão para mim. Sem anunciar, me envolve num abraço apertado e diz:

— Oi, Rafael.

— Oi. — Retribuo seu abraço e respiro fundo.

Interrompida em sua brincadeira de cozinhar sopa de grama pela movimentação próxima à cerca, Michele vira a cabeça para nós, e uma chuva de estrelas brilha em seus olhos logo em seguida. Seu suspiro é audível, o que faz da sua cara de bebê a coisa mais fofa que vejo em duas semanas. Ela larga a colher, levanta do chão e vem correndo desengonçada.

Com um olhar de gratidão, solto Cláudia, então me agacho, abrindo os braços para o anjinho de vermelho. A menina que pesa tanto quanto um punhado de flores corre seus dedinhos por meus cabelos, olhando para eles em absoluta admiração enquanto eu a pego no colo. Não precisamos falar — nunca precisamos. Há um sentimento profundo entre nós que já diz tudo.

Meu Deus, eu amo essa garota.

Pela expressão de Cláudia, o quebra-cabeça a respeito da minha visita permanece incompleto, então me dirijo até a casa com ela e sento nos degraus da frente. Michele fica sentada no meu colo quieta, apenas me olhando com seus olhos azuis enormes e angelicais. Cláudia põe o cesto de lado e senta ao meu lado, encostando-se no mastro do corrimão da varanda, posicionando-se inteiramente em minha direção. Seus pés bronzeados escapam por entre os chinelos brancos que combinam com os tons claros de sua calça cápri. Finalmente, ela descansa as mãos sobre suas pernas cruzadas e espera. Sei o que ela quer ouvir, só não sei por onde começar.

— Me desculpe... — São minhas primeiras palavras relutantes enquanto lanço um olhar de soslaio. — Por ir embora tão de repente da última vez.

Imediatamente, sua expressão afetuosa muda para completo pavor.

— Meu Deus, não, Rafael! Não precisa se desculpar. — Ela coloca uma mão no meu antebraço. — Aquela foi uma situação horrorosa. Qualquer um teria reagido da mesma maneira.

Significa muito para mim ouvi-la dizer isso. Concordo e respiro fundo. Tudo cheira a flores e grama.

— Antes daquilo... — Encolho os ombros. — Foi tudo maravilhoso na sua casa. Só queria te agradecer por sua hospitalidade.

— Imagina, Rafael. — Seu olhar vai até a porta atrás de mim e volta. — E você é sempre bem-vindo aqui a qualquer momento.

Agradeço muito o gesto. Um pequeno movimento de Michele me faz afrouxar os braços e ela desce do meu colo. Ela traz sua panelinha com água, grama e margaridas e depois se senta com ela à nossa frente, continuando a misturar a refeição com sua colher de pau. Apoiando meus braços nos joelhos, entrelaço os dedos e observo a princesinha cozinhar.

— Como você está? — A voz suave de Cláudia interrompe meus pensamentos.

Olho para ela de relance, inclinando a cabeça.

— Melhor. — Quase soa como uma pergunta, embora não seja. Quer dizer, eu estou aqui. De volta ao País das Maravilhas. E no momento não sinto nenhuma vontade de vomitar debaixo de uma árvore. Isso é algum tipo de progresso, não é?

— Que bom. — Com os lábios selados por um momento, ela me lança um sorriso caloroso. — O que aconteceu quando vocês voltaram para Londres?

Pisco algumas vezes, então respiro fundo e digo a ela tudo que aconteceu entre seu irmão e eu nas últimas duas semanas, embora eu tenha certeza de que ela já sabe de tudo. Eles são tão próximos quanto irmãos podem ser. Ele teria contado a ela.

Cláudia segue em silêncio e me deixa falar sem parar. De um modo bizarro, é aliviante finalmente contar a alguém o que aconteceu na minha vida e dentro de mim desde o término com Sebastian. Nem mesmo Tânia ou Félix souberam de toda a verdade ainda.

Na parte da corrida, seus olhos se arregalam de maneira chocante, então talvez Sebastian não tenha contado a história toda ainda. Ela provavelmente não vê o irmão como um trapaceiro. Mas percebo que ela aprova seus métodos de mudar as coisas entre nós. Mesmo que seja através de algo tão

ínfimo quanto mensagens. E vejo que ela *aaama* a parte em que conto sobre nossas mensagens. Seu coração praticamente derrete por trás do olhar enamorado.

Bem depois que termino a história, ela se levanta da escada e pega o cesto com as roupas.

— Se incomoda em dar uma olhada na Michele um minutinho só? Preciso levar isto lá para dentro e checar o macarrão no forno. — Depois que concordo e ela dirige-se até a porta, ela fala por cima do ombro: — Quer algo para beber? Acho que ainda tem refrigerante na geladeira.

— Claro, obrigado. O que você tiver está ótimo.

Enquanto ela está lá dentro, cruzo os braços sobre os joelhos, apoiando o queixo neles, e sorrio enquanto Michele alimenta uma pessoa imaginária com sua comida de mentirinha. Uma joaninha sobe em sua perna descoberta na grama. Leva um tempo até ela perceber e ficar nervosa. Ao invés de simplesmente espantar a joaninha com a mão, ela fica de pé e começa a andar para trás em círculos como se estivesse tentando fugir dela, observando a joaninha escalar mais e mais em sua perna. Seu cérebro de bebê provavelmente não consegue processar a solução, então deslizo um degrau e coloco meu braço em volta dela. Com meu dedo indicador, pego o inseto antes que ele desapareça e seguro diante de seus olhos.

Suas sobranceiras fofas formam um vinco, ela examina o inseto vermelho e então encosta nele com a ponta dos dedos. Como se isso fosse um feitiço mágico, a joaninha abre suas asinhas e voa em direção ao sol.

Michele corre atrás dela, mas acaba se distraindo com uma pedra no jardim, que apanha, e traz consigo para adicionar como uma espécie de ingrediente especial à sua sopa de grama.

Uma lata de Sprite aparece diante de mim no exato momento, então volto para o degrau superior, abro a lata e tomo um gole enquanto Cláudia volta a se sentar ao meu lado. Depois de colocar a lata no chão da varanda, do meu outro lado, cruzo novamente meus braços sobre os joelhos e apoio o queixo neles, olhando para Cláudia, que segura uma caneca cheia de café fumegante. Uma leve brisa acaricia os poucos fios de cabelo escuro que escaparam de seu rabo de cavalo.

Enquanto ela sopra a bebida quente, seus olhos adquirem um tom de culpa, como se estivessem tentando me evitar.

— Você ligou para ele e contou que estou aqui, não foi? — Ainda há um certo humor em minha voz quando cai a ficha do porquê ela ter demorado

tanto lá dentro. Cláudia esconde o rosto corado atrás da caneca. — Quanto tempo até ele chegar?

Ela olha para o relógio em seu pulso e faz uma careta envergonhada.

— Umas duas horas talvez?

Meu coração não sabe se bate com ansiedade ou inquietação agora. Mando ele sossegar. Duas horas é muito tempo ainda.

— Ele não tem que trabalhar hoje?

— Ah, tem sim.

— E mesmo assim ele vem? — digo, estreitando os olhos.

— Como pode se ver, você ainda não conhece meu irmão muito bem. — Sua risada é um som caloroso. — Acho que não há nada no mundo que poderia detê-lo, uma vez que ele soube que você está sentado na porta da minha casa.

Por um breve momento, fecho os olhos e deixo o sol aquecer meu rosto. O pensamento me dá uma sensação de paz dentro do peito.

— Gostaria de comer com a gente? — pergunta Cláudia, alguns momentos depois.

Meus lábios curvam-se num sorriso e olho em seus olhos azuis convidativos.

— Seria ótimo.

# Capítulo 11

*Rafael*

Depois do almoço com as meninas, ajudo Cláudia a tirar a mesa e Michele a descer da cadeirinha para que ela possa voltar ao jardim. Por instantes, a observo até que o último vislumbre do vestido vermelho tenha saído do meu campo de visão, então olho para o relógio. O tempo voou desde que Cláudia abriu o portão para mim. Com um frio na barriga, espero ouvir o Honda lá fora a qualquer momento.

Depois de colocar o último prato na lava-louças, mordo meu lábio inferior e, finalmente, pergunto a Cláudia:

— Você se importa se eu for ao quarto de Sebastian lá em cima por um momento antes que ele chegue?

Seu olhar alterna entre a porta da frente e o arco na parede dos fundos da casa, onde a escada leva até o antigo quarto de Sebastian. Os cantos de seus olhos ficam enrugados com um sorriso caloroso.

— Pode ir lá. Tenho certeza de que Bast vai adorar.

Não tenho certeza se ele vai mesmo, mas ela o conhece melhor que eu e, com o seu aval, me dirijo ao corredor e subo as escadas devagar. Jesus Cristo, a onda de memórias que toma conta de mim é tão forte que poderia me derrubar escada abaixo. Meus dedos apertam o corrimão, cada passo se tornando mais pesado quanto mais eu subo.

No segundo andar, paro por um momento e apenas fico olhando a porta fechada de seu quarto. Coisas aconteceram por trás daquela porta. Coisas lindas. Coisas proibidas. Coisas que ainda me amedrontam, mas que me mudaram para o resto da vida.

Depois de respirar fundo, continuo em direção ao quarto e abro a porta calmamente.

O aroma de verão presente em toda a casa durante as últimas horas que passei com a irmã dele e Michele me fez pensar em Sebastian. Mas a brisa de seu próprio perfume que acaricia meu rosto e invade minhas narinas neste exato momento, quase me derruba no chão.

As cortinas azuis farfalham ao lado da janela ligeiramente aberta. Deixo a porta aberta, deslizando meus dedos pela maçaneta e dando um passo à frente. Tudo parece estar no mesmo lugar. Nada, nadinha mudou desde a última vez em que estivemos aqui juntos.

Meus pés estão pesados, me carregando pelo chão. É como se a cama no centro do quarto me chamasse magicamente para ela. Os lençóis e travesseiros são do mesmo linho azul-claro de duas semanas atrás, finamente organizados. Um cobertor num tom mais escuro de azul finaliza a arrumação da cama. Até mesmo o marcador preto ainda se encontra na cômoda ao lado da cama. Aquele que usei para *nos* registrar na pele de Sebastian.

A essa altura, os desenhos com certeza já desapareceram de seu abdome. A cor pode até ser persistente, mas depois de uma semana até mesmo eles teriam desvanecido após alguns banhos. Pego a caneta e a aperto contra meu peito por alguns instantes, fechando os olhos. De repente, respirar dói.

Quando coloco o marcador de volta na cômoda, vejo um tecido preto no chão próximo aos pés da cama. É o moletom dele, aquele que ele vestia no dia em que viemos para cá. Ele o descartou de qualquer jeito antes de dormirmos juntos. Na manhã seguinte, eu o fiz sair com tanta pressa que ele nem mesmo teve tempo de guardar suas coisas. A caminho de Londres, ele vestia apenas seu short largo e a camiseta preta daquele café da manhã desastroso.

Agacho-me e pego cuidadosamente o moletom. Está quente porque o sol ficou batendo nele pela janela por um bom tempo. Tão quente quanto a pele de Sebastian o tempo todo. Bronzeada e com aroma de almíscar. Com os cotovelos apoiados em minhas coxas, seguro o moletom contra o rosto e inspiro profundamente. Será que eu desisti cedo demais?

Enquanto lentamente volto a ficar de pé, percebo que não sei. Não sei de mais nada. Não sei se vale a pena enfrentar um mundo cruel por este amor que só cresce. Ou se vale a pena desistir de algo tão grande por medo, quando penso que desejei por algo assim a minha vida inteira... sem saber.

Tudo é tão complicado. E confuso.

Jogo o moletom na cama e me dirijo à janela. Tem vista para parte do jardim no lado sudeste da casa e da rua. Pelo vidro, vejo onde estacionei o Corvette do outro lado da rua porque estava com muito medo de fazê-lo bem em frente à cerca. Meu telefone ainda está no banco do passageiro — desligado.

De repente, me pergunto quais mensagens Sebastian pode ter me enviado ontem à noite e talvez hoje que ainda não li. Seriam fofas? Mensagens que poderiam me convencer a enfrentar meus medos?

Deveria esperar que sim?

E novamente... eu não sei.

Quando, de súbito, o zumbido profundo de um escapamento e o ruído de um motor que conheço até demais passam pela janela aberta, fico arrepiado e minha coluna endurece num instante. Um belo Honda branco dobra a esquina no fim da estrada e cruza a rua. O sol reflete no para-brisa, ocultando o motorista. Saber que ele está perto e que entrará em sua casa nos segundos seguintes faz meu coração bombear num ritmo irregular.

O carro desaparece do meu campo de visão, porque Sebastian não tem medo de estacionar bem em frente à cerca. O motor desliga. A porta de um carro bate. Em seguida, ouço o adorável gritinho de bebê de Michele através da abertura da janela, seguido de um alegre “*Ei, boneca!*” de Sebastian.

— Cadê o unicórnio? — pergunta ele meio segundo depois, sua voz vindo lá debaixo agora e, Senhor, minhas mãos começam a tremer. Coloco-as no parapeito, apoiando meu peso sobre elas, para me equilibrar.

— Ele está no seu quarto — denuncia Cláudia, em seu tom gentil e, em seguida, adiciona algo que me faz fechar os olhos por um breve momento, enquanto uma sensação de calor estranhamente se expande em meu peito. — Não estrague tudo, Bast. Ele é um menino tão especial.

— Ele realmente é — responde Sebastian, então ouço do corredor o som de seus passos subindo as escadas. Ele dá dois passos de cada vez, mas assim que chega no andar, ele desacelera e para na porta. Consigo sentir seus movimentos mesmo sem olhar para trás. Sua presença no ambiente é incrível. A sensação pressionando minhas costas me deixa todo arrepiado. Mesmo tão longe, ele arranca o ar dos meus pulmões.

Não sei o que se passa na mente dele agora, ou porque está tão quieto, mas consigo sentir seu olhar fixo na minha nuca.

— Oi — murmuro, ainda de frente para a janela. Que estranho ser o primeiro a falar. Eventualmente, vejo sua silhueta refletida no vidro. Ele veste o mesmo short largo cáqui da última vez que estivemos aqui, mas com uma camiseta preta. Há um texto em branco na região do peitoral, provavelmente um nome de banda ou algo assim, não consigo ler no reflexo enfraquecido. Seu cabelo preto está bagunçado, graças ao vento. Sem boné hoje.

Quando ele vem lentamente em minha direção, meus pulmões automaticamente pedem por mais ar.

— Oi... — diz ele bem atrás de mim e nossos olhares se cruzam no vidro da janela. Sua voz está rouca, grave, e as joaninhas voltam a rastejar por toda minha pele.

Algo quente toca meu dedo mínimo, atraindo meu olhar para baixo. A mão dele está ao lado da minha no parapeito, ousando apenas o toque mais ínfimo. Sua mão está enfaixada com uma bandana como se fosse uma atadura. Parece que a barra fez mais estrago do que o esperado. Deve ter doído bastante, ainda mais enquanto dirigia, imagino.

— Por que você está aqui, Rafael? — Sua voz gentil e incrivelmente confusa me tira dos meus pensamentos sobre seu encontro com o suposto hipopótamo. Tudo que posso fazer é dar de ombros. Se eu mesmo soubesse a resposta, a vida seria muito mais fácil.

Minha garganta dá um nó. Senti-lo ao meu lado deixa tudo melhor. Mas faz surgir também essa sensação de inquietude, como um aviso antes de cruzar a linha proibida novamente.

— Por que eu sempre fico bem no meio de lados totalmente opostos? — deixo escapar.

Segundos passam em absoluto silêncio. Então Sebastian se move atrás de mim e sussurra:

— E que lados são esses? — Seu hálito quente acaricia minha orelha conforme ele gentilmente cobre minha mão com a sua, seus dedos se entrelaçando nos meus.

Seu peitoral firme está alinhado às minhas costas, dando-me a força para fazer minhas cordas vocais funcionarem.

— Um lado meu quer se esconder atrás de um muro de tijolos, se isolar de tudo que esse mundo horrível reserva... — Respiro fundo e então fecho minha mão para envolver seus dedos com os meus. Minha voz quase não sai. — E o outro lado quer você.



— E como eu posso te ajudar? — Seus lábios resvalam o ponto atrás da minha orelha, mas nossos olhos permanecem fixos no vidro à nossa frente.

— Não sei se você pode. — Parece tão certo segurar sua mão, mas não é o suficiente para mudar minha vida. Mudar quem eu sou, mudar tudo a meu respeito. Não sei se ele jamais entenderá. Quando seu suspiro triste encontra minha pele, engulo em seco e, com toda a coragem que seu toque ainda me oferece, acrescento: — Se você olhar pela janela, olhe ali... o que você vê?

Ele pensa antes de responder com cautela:

— Casa. Árvore... Duas crianças brincando no jardim.

Eu aceno com a cabeça.

— Sabe o que eu vejo?

— O quê?

— Vejo uma casa onde talvez vivam pessoas que pensam que sabem como tudo deve ser. Que irão sorrir amigavelmente para você quando te encontrarem na rua. Mas se descobrirem sobre suas escolhas de vida diferentes, não te aceitarão mais e irão te tratar como se você tivesse uma doença. Eles não te querem nesse mundo. Eles querem te tirar dele a ferro e a fogo... — Um punho invisível quase esmaga meu peito quando, pela primeira vez, a verdade sai da minha boca. — Às vezes, é tão difícil olhar para essa realidade.

Sebastian permanece atrás de mim, imóvel e em silêncio, até seu olhar finalmente achar o meu no vidro mais uma vez.

— Então feche os olhos, Rafael... — A ponta de seu nariz acaricia a lateral do meu pescoço, fazendo todo o meu corpo se arrepiar. — E pare de olhar — sussurra ele, beijando a minha pele.

Meus olhos se fecham mediante essa sensação incrível, mas logo se abrem e eu pisco rapidamente.

— Eu não sei como...

Sebastian solta minha mão, deixando minha pele fria. Ele dá um passo para trás, roubando-me a força de seu corpo. Instantaneamente, sinto falta dele. É praticamente insuportável, mas ele volta segundos depois, concedendo-me novamente conforto e segurança.

— Confia em mim... — diz ele, sussurrando, em meu ouvido. E então coloca a bandana que tirou de sua mão sobre meus olhos.

Conforme o mundo é engolido pela escuridão, meu corpo enrijece. Meu coração para de bater, mas Sebastian me ajuda a voltar a respirar quando diz num tom agradável:

— Não tenha medo. Eu estou aqui com você. — Com carinho, ele amarra a bandana. Sua voz fica leve como uma pena quando ele diz ao meu lado: — Não vou deixar você cair, Rafa.

Agarro meus dedos no parapeito enquanto seus lábios fazem um caminho da minha bochecha até a lateral do meu pescoço.

— Apenas confie em mim — repete ele, tão baixinho que não tenho certeza se ele disse mesmo ou se eu imaginei. Com os dedos enganchados na gola do meu moletom, ele puxa só um pouquinho para baixo e então dá um beijo na curva entre meu pescoço e ombro.

Automaticamente, minha cabeça se inclina um pouco de maneira que minha bochecha encosta na dele. Ele faz uma trilha de beijos até minha garganta e então me vira gentilmente para ele.

Embora eu não consiga enxergar nada, sei que estamos cara a cara. Tudo o que ele é ferverilha no pequeno espaço entre os nossos corpos. Um formigamento começa nos meus lábios. Um anseio.

Sebastian coloca a mão no meu rosto. Seu toque é duro e gentil, quente e áspero ao mesmo tempo. Permito-me descansar minha bochecha na palma de sua mão por um momento, antes de ele percorrer seus dedos pelo meu pescoço, meus ombros, meus braços, até alcançar minhas mãos e entrelaçar com os meus dedos.

Ele aperta com força. Eu também.

Enquanto esfrega a ponta do nariz no meu, ele levanta meus braços sobre minha cabeça. Com o maior cuidado, ele projeta seu corpo para frente, colocando a menor pressão possível e me prendendo entre ele e a parede.

Cada centímetro do meu corpo arde em chamas, assim como o ar que nos envolve neste quarto. Não sei mais dizer se estamos em sua casa em Eastbourne ou cara a cara no inferno. Mas com apenas um suspiro eu sei, é aqui que quero estar.

Um coquetel inebriante de adrenalina e borboletas revolvem em meu estômago. Que porra ele está fazendo comigo?

— Você vai usar sua palavra de segurança comigo de novo? — pergunta Sebastian contra meus lábios, o menor toque possível, e abre minha boca com isso.

Por trás da bandana, minhas sobrancelhas se juntam.

— Talvez... — balbucio, sincero e inseguro, sentindo a maciez de seus lábios, o leve arranhar de sua barba por fazer e o calor de sua respiração.

Com uma mordidinha de leve, ele prende meu lábio inferior entre seus dentes e passa a língua nele, colocando cada célula dentro de mim em estado de alerta.

— Posso trabalhar com essa resposta — sussurra ele, sua boca ainda tocando a minha. Tão perto e tão longe de um beijo.

Luto para manter o ritmo da minha respiração estável e profundo. Toda vez que respiro, seu perfume sedutor de verão invade minha mente e tenta me levar embora. Longe do inferno e longe de Eastbourne.

O País das Maravilhas está ali na esquina... posso senti-lo. Entre nós e bem dentro de mim..

Quando Sebastian se afasta alguns centímetros de mim, não sei onde ele está indo, mas quero ficar perto dele. Não consigo ver nada, mas agora sei que o seguiria onde quer que ele fosse.

Como se nossos lábios estivessem conectados por uma linha invisível, ele afasta minha cabeça da parede apenas com seu movimento para trás. Não vou muito longe porque suas mãos pressionam as minhas contra a parede, mas esses poucos centímetros são suficientes. A boca de Sebastian está esperando por mim.

Num movimento carinhoso, ele fecha os lábios e os traz levemente até a curva do meu lábio superior. Ao moldar minha boca à sua, aceito de bom grado o que ele tem a oferecer. E ainda assim, isto nunca seria o suficiente. Quando sua boca toma a iniciativa e eu abro a minha, cada centímetro de mim arde por ele. Por seu toque. Por seu beijo. Por seus lábios em meu corpo e sua língua em minha pele. Por seus braços me envolvendo e me abraçando. Agora. Até o anoitecer. Durante a noite. E pelo resto da minha vida.

Meu Deus, tenho tanta saudade desse homem.

A língua de Sebastian passeia pela minha boca, e a ponta gentilmente acaricia a minha uma única vez. É apenas o suficiente para chamar de toque, mas o fogo que carrega é tão quente que poderia queimar a cidade inteira. Como se tivesse disparado algo dentro de mim, as faíscas me atravessam até que fogos de artifício e confete explodem em meu estômago. Sebastian inclina a cabeça para encaixar melhor sua boca à minha, e a expectativa de finalmente beijá-lo de novo quase me mata.

— Michele? — O grito de Cláudia chega através da porta e vem lá de baixo, lançando uma onda choque pelo meu corpo. — Onde você vai?

— Tio Bast! — responde a princesinha. Seus passos leves já sobem as escadas. O som funciona como uma tesoura em minha língua e eu jogo a cabeça para trás.

— Não, querida, você não pode subir lá agora. — Cláudia segura a filha, parecendo estar mais perto da escada dessa vez. — Ele já vai descer.

Sebastian ri perto dos meus lábios, obviamente não sentindo o choque de quase ser pego.

— Está tudo bem, Cláudia! — grita ele. — Deixe ela subir!

Seguem-se risadas de bebês e passos mais rápidos.

Continuo esperando Sebastian soltar minhas mãos, mas, em vez disso, ele choca sua boca contra a minha, de repente. O beijo rápido e forte acaba antes que eu consiga processar o que acabou de acontecer e certamente no instante em que Michele entra no quarto.

— Isso ainda não acabou — sussurra ele contra minha pele, então me solta e vira-se para Michele.

Luto para retomar o fôlego, tirando a bandana dos olhos e a primeira coisa que vejo é Sebastian pegando a menina de vestido vermelho no colo e a girando pelo quarto.

— Quer ir lá para fora brincar no jardim? — pergunta ele com um sorriso aberto. — Sua mãe me contou que ela comprou um balanço para a árvore. Se Rafael quiser ficar mais um pouquinho, podemos montar para você. — Com um sorriso que penetra minha pele, ele pisca para mim e carrega a menina lá para baixo.

Minha mão desliza lentamente até meu coração para controlá-lo antes que eu esteja calmo o suficiente para segui-los. Não vou morrer se ficar mais um pouquinho. Uma hora, talvez.

Ou duas.

# Capítulo 12

*Sebastian*

Tudo que eu quero é passar um tempo com Rafael. Não importa se estamos nos pegando no meu quarto ou tentando montar um balanço numa árvore para uma criança. Os olhares furtivos que me lança são o suficiente para fazer meu coração flutuar nas nuvens e me fazer sorrir como um idiota a tarde inteira.

O trabalho já está quase finalizado e Rafael se esforça para passar a corda pela última ancoragem de metal. Quando dou uma mãozinha a ele, não perco a oportunidade de sutilmente acariciar seus dedos com os meus e entrelaçá-los. Mas ele rapidamente tira a mão e morde o lábio inferior. Posso apenas imaginar o que deve custar a ele permitir até mesmo que essas pequenas coisas aconteçam aqui a céu aberto. Isso me deixa orgulhoso demais. E feliz.

Quando acabamos, e o novo balanço de Michele está pendurado no galho mais grosso do cedro, me sento nele e dou uma balançada para testar o peso. Se as cordas forem fortes o suficiente para aguentarem meus oitenta quilos, elas certamente aguentam uma garotinha.

Rafael está diante de mim, observando cada detalhe da montagem com olhos escrupulosos. Acho que é o lado arquiteto falando mais alto aqui, examinando a construção. Leva apenas dois segundos e meio até seu olhar sair das cordas que seguro e pousar no meu rosto e, com meu olhar intenso, ele engasga. Amo a facilidade — apenas um olhar — com que consigo colocar em sua mente a ideia de ser beijado.

A ideia o deixa travado e incrivelmente fofo. Devagar, ele balança a cabeça. Faça que sim, determinação tomando conta... levanto do balanço, avançando em sua direção.

— Você não ousaria... — diz ele, e eu rio. Como se isso fosse me impedir.

— Pode apostar — respondo. Fogo em minhas veias.

Porém, uma garotinha vem correndo da casa abraçada com um guaxinim de pelúcia, porque ela não queria brincar no balanço pela primeira vez sem ele, e Rafael é salvo de minhas intenções maliciosas. Pego Michele e a coloco no balanço, empurrando-a gentilmente até que ela esteja acostumada com o novo brinquedo. Sua risada preenche a vizinhança e meu coração.

Enquanto estou ocupado com minha sobrinha, Rafael aproveita para abraçar e se despedir de minha irmã. Minha cabeça se vira para o covarde.

— Já vai? — O rosto de Cláudia parece tão triste quanto eu mesmo fico com a notícia.

Rafael faz que sim, seu olhar desviando brevemente para o horizonte. São quase quatro horas e nuvens escuras se formam no céu.

— Quero chegar em casa antes da tempestade — diz ele, o que pode ser impossível, mas entendo seus motivos. Dirigir sob chuva intensa não é divertido, e a previsão do tempo para esta noite é bem ruim.

Cláudia ainda segura sua mão quando me lança o mais rápido dos olhares e então volta a sorrir amorosamente para Rafael.

— Você vai voltar?

Agora, o olhar de Rafael segue o dela, e o sorriso amarelo que ele me manda faz meu estômago estremecer.

— Talvez. — Ele aperta a mão de Cláudia e vem até nós. Quando Michele balança em sua direção, ele a pega no colo com facilidade. A bonequinha envolve os braços no pescoço dele e o deixa abraçá-la com força antes de Rafael entregá-la para mim. — Te vejo em Londres — diz ele para mim, seus olhos refletindo a tímida promessa de *algum dia*.

— Você não vai mesmo esperar? — pergunto.

Rafael mordisca o lábio, e juro que ele sabe exatamente o que isso faz comigo.

— De alguma forma, temo nunca mais sair daqui se esperar por você.

Merda, até que ele tem razão.

Dando alguns passos para trás, ele diz à Cláudia:

— Obrigado por tudo. — Então dá meia volta e caminha para a rua em direção ao Corvette. Antes de entrar no carro, me lança um olhar de pura tentação por cima do ombro. Um segundo depois, fecha a porta, liga o motor e sai dirigindo sem pressa.

Até parece que vou deixar esse desafio passar.

Depois de dar um beijo rápido na bochecha de Michele, prometo às minhas garotas que volto assim que o trabalho permitir, então pego o chaveiro no bolso e entro no meu carro. Os pneus cantam quando saio e pego o retorno no fim da estrada. Rafael teve um minuto de vantagem. Nada que eu não possa alcançar afundando o pé no acelerador do Honda.

A hora do rush de Eastbourne não é nada comparada ao trânsito de Londres a essa hora do dia, mas é o suficiente para me atrasar e apenas avistar as lanternas traseiras do Corvette fazendo uma curva com quatro ou cinco carros nos separando. Sei de um atalho para a estrada secundária ao norte que é mais longo, mas com menos carros a essa hora, o que significa que posso acelerar.

Dez minutos depois, acelero em direção à estrada de acesso à A22, onde há dois carros solitários em paralelo. Quem lidera é Rafael. Acelero só mais um pouco para encontrá-lo exatamente no cruzamento. Com um sorriso malicioso, conduzo o Honda pela A22 bem atrás dele, então me posiciono ao lado dele e o ultrapasso suavemente. Uma vez na frente do Corvette, olho pelo retrovisor e o vejo rindo pelo para-brisa.

Rafa acelera até quase encostar no meu escapamento, me forçando a pisar no acelerador também. Como dois maníacos, apostamos corrida pela estrada, perseguindo um ao outro, ora ficando para trás, ora ultrapassando. Somos como dois foguetes dançando pela rua e, sinceramente, nunca me diverti tanto dirigindo pelo país.

Somente quando a chuva finalmente cai, a uns três quartos do caminho, é que nós dois desaceleramos e deixamos de lado a corrida de brincadeira. Rafael segue atrás de mim pelas ruas molhadas, como se nossos carros fossem um casal dando um passeio aconchegante na chuva. Num ritmo razoável, enfim chegamos a Londres e nos imbricamos no trânsito, indo para casa. Mas não quero que este dia termine assim.

Parado num sinal, lanço um olhar pelo retrovisor e, através dos limpadores do para-brisa funcionando a todo vapor, vejo que ele pega algo no banco do passageiro e então foca em algo em sua mão. Num impulso inusitado, pego meu celular e abro o WhatsApp, descobrindo que ele finalmente ficou online e leu minhas mensagens da noite passada e da manhã de hoje.

Merda, ele me confundiu para cacete com o que disse antes de dormir.

E então um emoji sorrindo aparece abaixo do meu último — em letras maiúsculas — *FALA COMIGO!*

O emoji me faz sorrir e me dá uma ideia. No momento em que a luz do sinal muda para verde e o tráfego começa a andar novamente, abaixo o vidro da janela e coloco o braço para fora, na chuva. Faço um sinal para Rafael me seguir e não pegar a próxima curva que nos separaria e o levaria para casa. Como não tenho certeza se ele irá aceitar o convite ou se ele sequer entendeu, meu coração bate acelerado durante os trezentos metros até o próximo cruzamento.

E então um sorriso bobo se forma em meus lábios. Ele não pega a curva em direção a Brook's Mew e continua a me seguir pelo trânsito de Londres.

Algum tempo depois, chegamos a Primrose Hill e entramos na Berkley Road, onde estaciono em frente ao meu prédio. Rafael estaciona numa vaga a três carros de distância e desliga o motor.

Assim que o limpador de para-brisa para de se mover é difícil enxergar qualquer coisa além da chuva caindo sobre o Honda como se eu estivesse num lava-jato. Só sei que Rafael ainda não saiu do carro. Precisa de um convite pessoal? Pode apostar que ele terá um.

Pego meu celular novamente e envio uma mensagem curta no WhatsApp.

**Eu:**

*Quer subir?*

Ele lê imediatamente e responde após um momento de tensão.

**Rafael.**

*OK.*

Essa é a minha deixa para finalmente abrir a porta e sair para a chuva densa. Trovões ressoam distantes, provavelmente a tempestade de verdade irá para algum lugar no oeste e não desabará sobre Londres.

Com os ombros curvados e a cabeça abaixada, corro até a entrada do prédio e espero Rafael se juntar a mim. Nenhum de nós teve mais que dez metros de corrida, mas ainda assim estamos ensopados quando nos abrigamos sob a marquise da entrada.



Aos risos, Rafa coloca o cabelo pingando para trás e enxuga as mãos no rosto molhado.

— Sabia que podíamos ter evitado esse banho se tivéssemos ido para o meu apartamento? Com uma garagem subterrânea.

— Sim, mas qual é a graça nisso? — digo, piscando para ele, destrancando a porta principal e entrando junto dele. Conforme cruzamos o hall de entrada, lanço um olhar sedutor por cima do ombro. — Até porque, eu queria te levar para a minha casa desde o dia em que nos conhecemos. Não há escapatória desta vez.

Subo a escada encardida com Rafa logo atrás de mim, deixando pelo caminho um rastro de água por causa de nossas roupas molhadas pela chuva. Este bloco não é nem de longe tão elegante quanto prédio de Rafael em Mayfair, mas quem liga? Abro a porta do meu apartamento e o deixo entrar primeiro, em seguida, tiramos nossos sapatos na antessala.

No mesmo instante, há uma mudança perceptível em Rafael, que fica vagando pelo meu apartamento, explorando o lugar com curiosidade. Meu apartamento certamente caberia na sala de estar dele, mas é aconchegante e ter o homem que amo na privacidade do meu lar significa muito.

Seus dedos deslizam pela borda da mesa, pelos parapeitos de duas janelas e, finalmente, pelo braço do sofá encostado na parede à direita das janelas.

— É ótimo — diz ele, parando no meio da sala e virando-se para mim. A batinha molhada de sua calça jeans deixa marrom o ponto em que ele fica parado no tapete bege. Ele aparenta estar totalmente desamparado novamente, alerta e inseguro.

Rapaz, eu poderia devorá-lo.

— Obrigado — respondo e chego mais perto, o queixo baixo e os olhos fixos nos dele — Você sabe que começamos algo em Eastbourne, e eu pretendo finalizar. Aqui e agora.

Rafa imediatamente recua dois passos, deixando escapar um riso sem graça e levantando as mãos em posição de defesa.

— Espera!

— Por quê? — Minha voz é sombria e rouca, e eu não paro. — Você praticamente disse que quer ser meu namorado nas mensagens de ontem à noite.

Rafael recua até ser parado pelo parapeito da janela atrás dele. É estranho que eu goste desse jogo de correr atrás da minha presa?

Segurando o peitoral com as duas mãos, ele estreita os olhos para mim, parecendo um pouco mais confiante desta vez, mas também um tanto brincalhão.

— Não disse não.

— Claro que disse.

— Eu só disse que não tinha problemas em sair com você de novo.

Estou bem em frente a ele e envolvo sua cintura com as minhas mãos.

— Mesma coisa — digo lentamente perto do seu rosto.

Aos risos, ele me empurra, sem muita vontade, mas o suficiente para fazer-se entendido.

— Tudo bem. Digamos que a coisa do casal possa ser uma opção.

Agora ele também me faz rir. Porra, ele é a coisa mais fofa quando fica procurando maneiras de escapar e enrolando para ganhar tempo. Mas nada disso irá ajudá-lo. No final, ele estará indefeso na minha cama, e eu o farei gemer o meu nome com minha boca no seu...

— Existem regras.

É o quê? A palavra me tira totalmente de meus devaneios, que se tornarão realidade em apenas algum minuto, eu juro. Inclino minha cabeça, piscando, em silêncio e esperando uma explicação.

— Não sou como você e não posso simplesmente mudar quem eu sou.

— Suas feições perdem todos os traços de bom humor e assumem um aspecto inseguro novamente. — Podemos tentar um relacionamento, se isso for realmente o que você quer.

Pode acreditar que é.

O empurrar de suas mãos contra meu peito fica um pouco mais firme.

— Mas não sem algumas condições, e eu preciso que você prometa que vai cumpri-las a cada minuto do dia.

Caramba, qualquer garota lançaria os braços em volta de Rafael agora e o aconchegaria em seu peito por causa desse olhar assustado de cachorrinho perdido. Doce o bastante para devorá-lo *duas vezes* no meu quarto mais tarde.

Ignorando seu empurrão, passo a língua nos lábios e me inclino para frente, uma risada leve balançando meu peito.

— Então me diga suas regras, floquinho.

— Podemos ser um casal no meu apartamento ou no seu, até mesmo na casa de Cláudia em Eastbourne. — Seus pulmões trabalham rápido enquanto ele olha fixamente nos meus olhos. — Mas fora dessas paredes,

seremos apenas amigos. Nada de mãos dadas. Nada de flertar comigo na frente de outras pessoas. Ninguém deve ter a impressão de que estamos juntos. Ou que eu possa ser...

Gay. Entendi.

Seguro suas mãos, entrelaçando nossos dedos e os afastando do meu peito para poder chegar ainda mais perto de seus lábios.

— O que mais?

— Eu é que vou contar para Tânia e Félix sobre isso. E eu vou decidir quando estarei pronto para contar a mais alguém.

Parece justo. Em minha calça jeans molhada começa a se formar um volume que não dá para disfarçar que pressiono contra sua virilha.

Rafael ofega, seu lábios levemente entreabertos mesmo nos intervalos de suas falas. Passo uma mão por trás de seu pescoço e encosto minha testa na dele, nunca perdendo seus olhos de vista. Meu pau lateja para cacete, e espero que terminemos com essa conversa logo, senão vou explodir.

Seu olhar tímido abaixa assim como sua voz.

— Também não tenho certeza sobre o amor que fizemos em Eastbourne. Tudo bem. Não é para todo mundo. Meu olhar assume uma nota sinistra.

— Posso te foder no meu aniversário?

Seus olhos voltam rapidamente para os meus, e uma risadinha de surpresa lhe escapa.

— Talvez um boquete se pedir com carinho.

Pego seu rosto com as duas mãos. Porra, já deu de papo.

— Aceito — murmuro antes de levar minha boca até a dele e fazer aquilo que vinha pensando desde o momento em que o vi de pé próximo à janela do meu quarto esta tarde.

Sem resquícios do cuidado de hoje cedo, qualquer hesitação ou deliberação, tomo o que quero. E eu quero ele. Com a pressão certa, Rafael abre a boca em sincronia com a minha, e enfio minha língua nela, deslizando-a contra a dele. Forte, lento, em círculos. Mordisco seus lábios, mordo, beijo de novo, e meu corpo pressiona o dele com intensidade.

Demora exatamente dois segundos e meio até que Rafael finalmente abre mão de suas reservas e se entrega ao nosso beijo assim como eu. Suas mãos sobem pelo meu peito, seus dedos em garra. Adoro a pressão que ele faz. As marcas que ele deixará para trás irão me lembrar deste momento pelos próximos dias. O momento em que ele concordou em ser meu namorado.

Solto seu rosto e prendo meus dedos no cós do seu jeans. Nossas roupas estão molhadas como se tivessem acabado de sair da lavagem, então manuseio o botão e abro sua braguilha, fazendo seus quadris sacudirem com minha impaciência. Esses malditos jeans grudam na pele como cola.

Não tenho tempo para tirar agora, então tiro seu moletom branco primeiro, e ele levanta os braços para se livrar dele pela cabeça. O tecido encharcado vai parar no... não importa. Não dou a mínima.

Puxo Rafael da janela e o beijo com força enquanto o conduzo pela sala de estar. Ele mal consegue recuperar o fôlego com minha boca na dele, mas isso também é algo que eu não poderia me importar menos. No momento, a única coisa que importa é levar esse cara para a minha cama e fazer o que eu quiser com ele. Fui paciente. Esperei tempo o suficiente. Mas hoje ele é meu, e nada vai me impedir de despir esse anjo islandês e fazer ele se contorcer de prazer nos lençóis.

As mãos de Rafael estão no botão da minha calça conforme tropeçamos pelo corredor até batermos na porta do quarto. Estico minha mão por trás dele para abri-la e o empurro para dentro, tirando minha camiseta e jogando-a longe. Cada segundo que minha boca não está colada na dele é um momento perdido. Não pretender perder mais nenhum.

Meus jeans estão abertos e meu pau implorar para ser libertado desses tecidos molhados, mas temos que ser pacientes por mais um tempinho. Por mais que queira que Rafael ponha sua boca deliciosa em mim, também quero me deliciar nele. E é exatamente isso que faço. Quando ele cai de costas na minha cama, subo por cima dele, beijando-o novamente, então mordisco um caminho por seu pescoço, ombro, mordo a pedrinha de gelo que é seu mamilo, e então faço um chupão na lateral de seu abdome.

Tudo acontece num ritmo acelerado. Talvez rápido demais para Rafael, porque o único som que ele faz é de surpresa e prazer quando arrasto meus dentes por sua pele, mordendo e chupando a cada centímetro.

Seu abdome treme no caminho, tensionando e relaxando num ritmo que me faz querer lambar cada pedacinho dele. Pego sua calça e a puxo o suficiente para liberar seu pau de sua cueca boxer. Na mesma hora, Rafael prende a respiração e consigo ver o brilho amedrontado em seus olhos.

Ainda tão inseguro.

— Já fizemos isto antes — murmuro próximo ao seu umbigo, olhando para cima e encarando-o enquanto ele está deitado rígido na minha cama, as mãos nos meus ombros. — Nada para se preocupar. Só curte o momento.

— Porém, a partir daqui eu vou com um pouco mais de calma. Tudo ainda é tão novo e ele deve estar se sentindo um pouco sobrecarregado. E não gosto quando ele fica nervoso perto de mim. Não vou machucá-lo. Ou expô-lo. Talvez provocá-lo um pouco de vez em quando, mas também vou cuidar dele. Agora e para sempre.

Sem quebrar o contato visual, deslizo para fora da cama. Ajoelhando no chão, entre suas pernas, agarro seus joelhos e (com calma, desta vez) o puxo para a beirada do colchão para poder tirar sua calça completamente. A cueca boxer vem junto.

Sua pele está fria e úmida quando faço um caminho de beijos no interior de sua coxa, com gosto de chuva de verão inglesa. Sua ereção massiva está tão bonita quanto a primeira vez em que a avistei em seu quarto de jogos. Não vejo a hora de colocar minha boca nela também.

Com carinho, dou uma lambida em suas bolas até a ponta, onde deixo minha língua fazer movimentos circulares por um momento. Seu pau lateja, pedindo mais, mas paro para encontrar os olhos de Rafael novamente. Eles estão completamente fechados ao passo que sua cabeça está pressionada contra o colchão e suas mãos agarradas aos lençóis. Se não soubessem que minha boca estava em seu pau há dois segundos, pensariam que ele está com dor.

Mas, ainda assim, sei o quão dolorido pode ser esperar por um boquete.

Envolvo sua ereção com os dedos e lambo a ponta novamente antes de recebê-lo em minha boca. Profundamente. Brincando. Chupando. Lambendo. Satisfazendo.

Os sons que ele logo começa a fazer apertam meu coração. Sei que ele está sentindo prazer, mas ainda assim não se deixa entregar. Está segurando cada gemido que quer sair dele. *Deus, porque você é tão duro consigo mesmo, floquinho?*

Sei exatamente que estou aumentando ainda mais o seu tormento quando paro de chupá-lo e lambo os lábios. Minha mão permanece em seu pau até ele finalmente abrir os olhos e olhar para mim, totalmente perdido.

Para mostrar a ele que o amor entre homens pode ser bonito, me inclino e passo minha língua por seu pau apenas uma vez. Deliciosamente devagar.

— Me diz se você gosta disto? — murmuro enquanto paro e olho novamente para ele. É hora de tirar o floquinho de sua toca.

Pego de surpresa com minha pergunta, ele solta uma risada incrédula.

— Não vou dizer porra nenhuma, Rhyse.

— SÉrio? Quer que eu pare então? — Provocando-o, esfrego meu polegar em sua cabeça protuberante até sua ereção se contrair em minha mão. — Aposto que você adora isso.

— Eu te odeio — geme Rafael entre os dentes. Ah, tão perto de gozar.

— Eu sei. — Aos risos, beijo a ponta novamente e então a chupo. — Mas você pode me odiar e ainda assim amar as coisas que faço com você. Então me diz, Rafael, você ama?

Seu gemido é de partir o coração. Deveria deixar para lá e dar a ele um orgasmo que ele nunca vai esquecer. Ele merece por muitos motivos hoje. Mas também quero que ele curta de verdade o momento, e o primeiro passo é admitir para si mesmo. — É só uma palavrinha e podemos terminar isso — prometo-lhe de forma carinhosa, chupando-o devagar o suficiente para não deixá-lo gozar. — Tudo que você precisa fazer é confessar que está gostando da minha boca em você.

Provoco ele mais um pouco com minha língua e minha boca, apertando-o com força enquanto cravo minha outra mão em sua bunda firme. Eu me pergunto por quanto tempo ele será capaz de recusar a...

— Meu Deus... *siiim!* Ok? Eu gosto do que você faz — diz ele, agarrando os lençóis ao seu lado. — Será que dá para parar de me torturar agora?

Com certeza.

Com um sorriso de canto de boca, me inclino sobre ele novamente e então lhe dou um trato que o leva até o clímax. Seu corpo fica tenso sob mim, o prazer extravasando seu peito através de pequenos gemidos. Isso é o que eu queria ouvir e, portanto, o engulo até a última gota.

# Capítulo 13

*Sebastian*

São sete e meia, estou deitado em minha cama, transbordando de felicidade porque Rafael está ao meu lado. Ele só vestiu sua boxer depois de nossos momentos de intimidade e pendurou o restante de suas roupas molhadas sobre o radiador para secar.

Com a cabeça de Rafa apoiada em sua mão direita e o cotovelo no travesseiro, ele olha para mim e percorre com o dedo as linhas evanescentes que desenhou no meu abdome. Há um ar de tranquilidade pairando sobre nós que eu não sentia há muito tempo. Meu braço esquerdo está envolvendo o seu corpo e acaricio carinhosamente suas costas.

De maneira vagarosa, o dedo de Rafa sobe para meu peitoral e até meu ombro esquerdo, onde as tatuagens maori param abruptamente.

— Por que você não finalizou este braço como fez com o outro? — pergunta ele baixinho, o olhar ainda focado no dedo.

— Porque leva tempo, mas eu vou. Em breve. — Com uma expressão de dúvida, tento me lembrar que dia marquei no calendário conforme olho para a porta. — Para falar a verdade, acho que marquei uma sessão para a próxima semana.

Seu dedo volta para meu peito.

— Você vai espelhar os desenhos do braço direito?

— Você gostaria disso? — Observo-o até ele desviar a atenção dos traços nas minhas tatuagens e olhar para mim. Seus olhos possuem um brilho inusitado. — O quê? — pergunto, meu tom ainda baixo e gentil.

Rafa respira novamente antes de me dizer, honestamente:

— Acho que gosto do seu braço do jeito que está.

Inclino minha cabeça, lançando um olhar cético de lado.

— Você quer dizer... sem tatuagem?

— Uhum. — Ele coloca o lábio inferior entre os dentes por um momento. — É tão difícil de acreditar?

— Bem, *é sim!* — Subo um pouco mais, encostando o travesseiro na cabeceira. — Logo você. O cara das regras. Que precisa de ordem na vida. Tinha certeza que ia preferir a simetria.

— Normalmente, eu prefiro. — Ele continua a traçar os desenhos pelo meu peito e tenho a sensação de que é apenas uma desculpa para evitar me olhar agora. — Mas você não se encaixa na minha vida ordenada mesmo.

Em silêncio, olho para ele e espero que ele se explique porque *quer* e não porque *perguntei* a ele.

Ele logo pressiona os lábios antes de limpar a garganta.

— Tudo em você é extraordinário. Você é aquela coisa especial na minha vida. E você me faz fazer coisas extraordinárias também. — Seus olhos azuis árticos encontram os meus sob seus cílios. — Gosto que isso transpareça através das suas tatuagens.

Droga, sempre odiei ter apenas um braço tatuado. E agora Rafael me olha desse jeito tímido, diz algumas palavras e já estou pensando em cancelar a sessão na *Dark Arts* semana que vem.

— Incompleto — acrescenta ele, num murmuro delicado. — Como me sinto de vez em quando...

Ele está querendo partir o meu coração esta noite? Com minha mão em suas costas, puxo-o para meu peito e o envolvo com meus braços. Ele ri quando cai em cima de mim e fica sem ar. — Este é o problema com vocês filhotes — resmungo em tom de brincadeira. — Vocês são fofos demais quando piscam assim.

— Filhote? — repete ele, reagindo à minha provocação.

— É. — Faço um beicinho e puxo as mechas de seu cabelo que caem sob a testa. — Igualzinho um filhote de Golden Retriever.

Quando Rafael estreita os olhos, rolo para cima dele, ciente de que ele seria esmagado pelo meu peso, mas adoro a sensação do corpo dele no meu, de qualquer maneira. A centímetros de seu rosto, sorrio para ele.

— Não me olhe assim. Todo mundo ama filhotinhos.

— Você também? — Ele mal consegue falar de tanto rir e arfar ao mesmo tempo.

Com as mãos apoiadas ao lado de seus ombros, me levanto um pouco e olho bem no fundo dos seus olhos e digo:



— Sim, eu amo.

Rafael fica quieto.

Não tenho certeza se disse mais do que devia, mas não volto atrás. Pelo contrário, amenizo minhas palavras com um beijinho na boca dele antes de sair de cima dele e descer da cama.

— Com fome? — pergunto, e sorrio para aliviar o silêncio e me dirijo até a cozinha.

Rafa aparece quinze segundos depois. Jogo para ele uma Sprite e então mantenho a porta da geladeira aberta, examinando as poucas coisas dentro dela. Muito para beber e pouco para comer.

— Acho que vamos ter que pedir pizza.

— Por mim tudo bem. — No momento em que Rafael toma um gole da bebida e senta no banco próximo à bancada da cozinha, a campainha toca. O choque endurece suas feições e ele congela imediatamente no assento. Quem poderia ser...

A campainha toca novamente e alguém chama do corredor:

— Sebastian? É o Noah. Você está em casa?

Plantado no mesmo lugar, deixo minha mão escorrega da porta da geladeira.

— Merda!

*E merda de novo!* Por causa dessa única palavra que sai dos meus lábios, o olhar de terror de Rafael se volta para mim. Na mesma hora eu sei que não poderia ter dito nada pior do que isso.

— Um momento! — grito alto o suficiente para Noah me ouvir lá fora, mas minha única preocupação é Rafael, cujo rosto perdeu toda a cor. Seu gole soa como se sua garganta tivesse ficado seca como um deserto, e sua mão começa a tremer. Pego a Sprite de sua mão. — Não é o que parece — digo a ele, devagar e com uma insistência silenciosa, mas não acho que ele esteja me ouvindo.

Afastando-se rápido demais, ele se apressa pela sala e rapidamente coloca suas roupas. O tempo todo, seu olhar atordoado me fuzila.

— Rafael, por favor...

— Não! Vá abrir a porta! — ordena ele em pânico. E só aí percebo que a única coisa que o assusta mais do que o pensamento errado de que eu esteja recebendo outro visitante do sexo masculino é que este outro homem descubra o que estávamos realmente fazendo.

A caminho da porta, visto minha calça de moletom. Rafa, inteiramente vestido agora, me segue e calça os sapatos. Ele não pode ir embora agora pensando que estou ficando com outra pessoa. Com a mão na maçaneta, me viro em desespero.

— Rafa — sussurro, olhando para ele, me vendo perdido numa onda de pânico também. — Não é o que você está pensando.

— Cala a boca! — O tom em sua voz é mortal. — Deixe ele entrar e me deixe sair. — Ele levanta depois de amarrar os sapatos, olhando diretamente nos meus olhos em seguida. — E vê se me deixa em paz a partir de agora, Sebastian.

Porque não abrir a porta somente aumentaria as suspeitas de Noah, e porque prometi à Rafael que nunca o tiraria do armário para ninguém, não tenho escolha a não ser destrancar a porta e deixar o arquiteto entrar.

— Oi — diz Noah com um sorriso malicioso, antes de dar um beijo no canto da minha boca. Seu hálito tem um leve cheiro de álcool. Sua mão vem parar no meu peito e a outra segura uma garrafa preta. — Trouxe um vinho para nós.

Tudo acontece muito rápido e me vejo numa baita saia-justa. Nem consigo colocar Noah em seu lugar, porque no momento em que ele vê Rafael atrás de mim, ele se afasta e assume uma postura absolutamente profissional.

Putá que pariu! Que tipo de sinais eu dei a essa cara quando conversamos no telefone? Por outro lado, tivemos momentos bem íntimos numa boate não há muito tempo. No final das contas, a culpa deve ser mesmo minha.

— Rafael? — gagueja Noah, lançado em nossa pequena confusão. — Não sabia que vocês estavam...

— Só jogando videogame, não esquenta — responde Rafael num tom incrivelmente frio, tão falso quanto os vasos de planta na academia. Meu queixo cai e assisto, estupefato, a como ele aperta a mão de Noah em saudação. — Tenho que ir de qualquer jeito. Divirtam-se vocês dois.

A clareza nas suas últimas palavras me dão uma visão nítida do que Rafael acha que vai acontecer aqui no desenrolar da noite. Mas como corrigir essa situação sem dizer coisas que ele não gostaria que eu dissesse? Se eu começar a me explicar — ou o que for — Noah vai imediatamente ficar com a impressão de que tem algo rolando entre Rafa e eu.

Merda! Estou no inferno!

Quando o floco de neve passa por mim de um lado e Noah entra no meu apartamento do outro, Rafael me fuzila com um olhar disfarçado que faz meu corpo arrepiar.

— Nem uma só palavra! — rosna ele, bem baixo. Então sai e fecha a porta atrás de si.

Merda de vida! Isso não pode estar acontecendo!

\*

Noah sai do meu apartamento às quinze para as onze. Conversamos sobre as plantas que ele trouxe e elas estão muito boas. Cláudia vai gostar disso. Também deixei claro, da melhor maneira possível, que não estou aberto para uma transa de uma noite só, ficada ou qualquer coisa mais séria. O nome de Rafael não surgiu em nenhum momento da conversa. Minha desculpa foi o trabalho e relacionamentos fracassados no passado. O vinho que Noah trouxe permaneceu intocado na mesa a noite toda.

Dizer que estava prestando atenção o tempo todo enquanto conversávamos sobre as obras seria mentira. Apenas metade da minha mente estava presente, porque meus pensamentos continuaram voltando para Rafael e em como eu poderia consertar isso. Enviei mensagens a cada meia hora, mas ele não leu nenhuma delas. Também não atende minhas ligações.

De volta a me ignorar... não estou surpreso.

Esfrego minhas mãos no rosto, gemendo e encostando no sofá. Não posso voltar a dormir e deixar as coisas como estão. Cada vez que parecemos dar um passo à frente neste relacionamento, damos dois passos para trás logo em seguida. Se eu não fizer nada hoje, isso vai nos destruir novamente. Destruir ele. Não aguento mais vê-lo sofrer e também não quero sofrer de novo.

Depois de ligar para ele uma última vez e ser mandado para a caixa postal depois de vários toques, jogo meu telefone de lado e levanto. Quando Noah estava aqui, coloquei um moletom para não dar a ele a impressão errada. Troco minha calça de moletom por uma jeans e calço os sapatos. No pote próximo à porta, pego minhas chaves e desço até o Honda para fazer uma rápida viagem por Londres. Chego em Mayfair quinze minutos depois.

Prestes a apertar o botão do interfone, a porta se abre e dela sai um senhor. Ele deve achar que moro aqui porque me dá um sorriso amigável e

segura a porta aberta para mim. Ótimo para mim, porque duvido que Rafael me deixaria entrar ou mesmo me ouviria pelo interfone. A alternativa seria usar o elevador privativo direto para seu apartamento, já que ele não fez segredo da senha. Mas esta seria uma péssima ideia e certamente a minha última escolha.

Pego o elevador público para o nono andar, segurando o corrimão atrás de mim e encarando os números enquanto mudam. Preparei uma explicação no caminho e verifico pela última vez se não há nada nela que ele possa interpretar mal.

Conforme aperto a campainha com seu nome embaixo, estou no meu limite e pronto para esmurrar a porra da porta até ele dar um sinal de vida. Mas para minha total surpresa, há uma comoção imediata lá dentro e três segundos depois, ele abre a porta.

Entretanto, a julgar por seu olhar horrorizado, fica claro que ele estava esperando outra pessoa.

— Oi... — murmuro.

Pálido e em silêncio, ele me encara, o ódio e a raiva lentamente acumulando em seus olhos. Ele se prepara para fechar a porta na minha cara, mas levanto o braço e empurro a porta para mantê-la aberta.

— Podemos conversar, por favor? — imploro.

A mão de Rafa larga a porta e ele levanta o braço para olhar o relógio de pulso. Os traços ao redor de sua boca estão tensos, seus olhos são pura tempestade ártica. O movimento contém uma provocação fria que se completa quando ele volta a olhar para mim. Seus lábios estão selados quando ele calmamente respira o ar congelado pelo nariz. E neste momento, sei que tudo que eu disser agora será em vão.

Na sua cabeça, eu dormi com Noah. Essa é a razão pela qual demorei tanto para vir aqui.

Ou é isso que ele quer se fazer acreditar.

Com os braços apoiados no batente da porta, deixo minha cabeça tombar. O mundo é só um pouco pesado demais para carregar nos meus ombros agora. Refiro fundo. Talvez, eu apenas deva dar meia volta e ir para casa. Deixá-lo sozinho para se resolver com a própria vida e seus sentimentos desagradáveis. E eu vou. Em apenas um minuto... Porque tem algo que ele precisa ouvir, quer queira ou não. Então eu engulo, passo a língua em meus lábios e volto a levantar o queixo.

— Sabe o que eu acho, Rafael?

Acredito que seja a calma na minha voz que o mantém parado na minha frente arqueando uma sobrancelha de maneira desafiadora.

— Você sabe que eu não traí você. Você nem mesmo tem medo de que eu possa conhecer outro homem. De que possa beijá-lo e isso signifique alguma coisa. — Respiro fundo e procuro por seus olhos frios. — Você só está achando desculpas para fugir de novo. Porque tem medo de que você possa me beijar e isso signifique algo para  *você*.

Ele ri, roncando, mas permanece aqui, na porta aberta.

— Eu sou perigoso para você, não sou? — Uma tristeza repentina me abate, mas me mantenho firme. — Porque sempre que estamos juntos, estamos perto de quebrar os seus limites. Estou fazendo você ir além. Talvez isso esteja indo rápido demais. Você não está preparado para explodir seu mundo de uma vez. — Eu então suspiro, lembrando do joguinho idiota que fiz com ele em meu quarto. Quão cego e insensível fui quando me deixei levar por essa nova onda de euforia com nosso relacionamento recém iniciado. — Me desculpe pelo que fiz com você hoje. Por fazer você confessar. Foi cedo demais.

Sei que a verdade em minhas palavras o atinge porque ele parece que mal consegue respirar. Está tão quieto. A veia pulsando em seu maxilar entrega o quanto ele quer dizer alguma coisa. Me chamar de idiota, mentiroso, babaca do caralho, quem sabe? Mas apenas sua laringe se contrai quando ele engole, e aposto que até mesmo isso deve machucar para caramba.

— Hoje você expôs todas as suas regras para o nosso relacionamento. Eu aceitei elas e mantereí minha promessa. Como fiz quando Noah apareceu e não pude explicar porra nenhuma para você sem quebrar uma delas com ele lá. — Tiro minhas mãos do batente e dou um passo cauteloso em direção a Rafael. Sua mente deve estar se ajustando a tudo a que está sendo confrontado, porque ele nem mesmo se afasta quando coloco minha mão em sua nuca. — Hoje, você disse que seria meu namorado. Para mim, você ainda é, não importa o que tenha acontecido essa noite. Ou o que você vai fazer amanhã. — Esfrego meu dedo por seu maxilar, sentindo a tensão acumulada em toda a sua compostura enquanto nossos olhares ainda estão conectados. — Leve o tempo que precisar, Rafa. E quando estiver pronto, você sabe onde me encontrar.

Relutante, retiro minha mão dele, esperando por uma reação. Por qualquer coisa.

Por segundos a fio, Rafael apenas me encara, o rosto pálido e cheio de uma ira incalculável. Tudo bem. É o seu jeito de lidar com essas coisas. Posso aguentar isso.

Por fim, ele fecha os olhos e respira lenta e profundamente.

— Foda-se... — sussurra ele e então bate a porta na minha cara.

E até mesmo isso eu aguento.

Porque acredito que um dia ele abrirá a porta para nós dois novamente.

# Capítulo 14

*Rafael*

Não sei o que há de errado comigo. Por que não fechei a porta no momento em que vi que não era Tânia lá fora? Liguei para ela há meia hora porque, depois de tudo o que aconteceu, é difícil demais ficar sozinho. Ela disse que já está a caminho.

Mas Sebastian chegou primeiro.

Acho que isso significa que ele finalmente terminou o que estava fazendo com Noah por ora. *Por hoje*. Jesus Cristo, não consigo acreditar que o safado teria coragem de fazer isso comigo. Implorar para que o deixasse entrar na minha vida de novo, que me acostumasse ao jeito com que queria estar comigo, e durante todo esse tempo ele estava saindo com outro cara — o mesmo que o vi beijar na boate há algumas semanas. Ele poderia ter simplesmente me dito. Pelo menos assim eu não precisaria ter lutado tanto comigo mesmo ao tentar ser algo que não quero ser.

E ainda assim, o toque de sua mão na minha nuca é incrivelmente reconfortante. Não posso afastá-lo ou mesmo dar um passo para trás, porque minha mente está gritando que este pode ser o último toque que receberei dele. Meus pulmões colapsam. Não consigo dizer uma palavra sequer, ao passo que meu corpo rígido me obriga a continuar parado aqui ouvindo a cada palavra que ele diz. Não quero ouvi-lo. Não quero acreditar.

Eu não quero ser quem eu sou.

Tudo que quero é ser forte o suficiente para, enfim, fechar esta porta. E então eu fecho. Com o coração partido pela segunda vez hoje, e já perdi a conta de quantas vezes isso aconteceu desde que conheci Sebastian.

Sinto-me anestesiado. Ando pelo apartamento, pego o celular na bancada da cozinha e escrevo para Tânia dizendo-lhe que use o elevador

privativo ou entre usando a chave que dei a ela. Sem chances de correr o risco de novamente abrir a porta para a pessoa errada.

Então subo as escadas, um degrau de cada vez, em direção ao banheiro, porque uma sensação de ardência preenche meu estômago. Mesmo que eu quisesse, não conseguiria me mover mais rápido. É como se meu corpo tivesse entrado em piloto automático e ignorasse completamente minha mente caótica. Me sinto aprisionado, enjoado. E, de uma forma estranha, é como se não sentisse nem a mim mesmo.

Entro no banheiro cambaleando, acendo a luz e caio de joelhos em frente à privada. Conforme me curvo, a dolorosa convulsão do meu estômago começa, mas são apenas ânsias de vômito que me abalam. Não bebi ou comi nada desde Eastbourne. Aquele meio gole de Sprite no apartamento de Sebastian quando Noah apareceu não conta.

Será que sempre vou reagir assim quando for banido do mundo de Sebastian? Quando é que isso vai acabar?

Leva um tempo infinito até a terrível contração dos músculos da minha barriga finalmente parar. Apoio meus braços no assento da privada e descanso minha testa suada neles. Fecho os olhos, fungando.

Meu corpo inteiro está suando frio, encharcado. Parece que colocaram o termostato no negativo, pois sinto uma onda de calafrios. Talvez um banho quente possa ajudar, mas não tenho forças nem para pegar uma muda de roupas limpas no quarto. O máximo que consigo fazer é me levantar do chão e me arrastar até a pia. Abro a torneira e, por minutos a fio, fico olhando minhas mãos enquanto a água quente corre sobre elas. Mas nada me traz o calor do qual preciso desesperadamente.

Cada movimento dói conforme jogo um pouco de água no rosto e enxáguo a boca. Tudo que faço ou até mesmo meus pensamentos parecem tão lentos que perco qualquer noção do tempo.

Com a água ainda correndo, levanto a cabeça devagar e encontro meus olhos pálidos e meu rosto mais pálido ainda no espelho. Este não sou eu. Este não é o cara que estou acostumado a ver há vinte e três anos. E não é quem eu era quando encontrei Cláudia em Eastbourne ou quando abracei Michele no jardim. Ou mesmo quando montei o balanço no País das Maravilhas com Sebastian.

Eu não sei mais quem eu sou!

O rosto no espelho se dissolve devido à fúria que me consome por dentro. Traz de volta uma força que julgara perdida quando abri a porta e



olhei nos olhos de Sebastian. Um grito apavorante escapa da minha garganta e, com toda essa raiva emergindo na superfície, choco meu punho contra o reflexo fantasmagórico na minha frente.

Com um estrondo agudo, o espelho se estilhaça tal qual o meu mundo, lançando milhares de cacos na pia e no chão. Ofegante, permaneço ali, encarando os pedaços restante do vidro antes imaculado, observando como meus olhos se enchem de lágrimas.

Eu os fecho. Não quero ver mais.

Meus dedos queimam devido às lascas presas em minha pele, o sangue quente escorre entre eles num fluxo contínuo. Quando meus joelhos cedem, caio no chão, me encostando na parede com a cabeça inclinada para trás e os olhos ainda fechados. Minhas mãos caem no chão frio. Não me resta mais força para sair daqui ou até mesmo para cuidar do ferimento.

Meu mundo está quebrado. E eu também.

Por uma eternidade, flutuo numa esfera de dor e letargia até que uma voz delicada finalmente irrompe em minha mente.

— Rafael!

Meus olhos se abrem. Através da névoa de lágrimas, vejo dois olhos castanhos preocupados me olhando como se eu tivesse sido atropelado por um tanque.

— Tânia...?

— Pelo amor de Deus, o que aconteceu aqui? — Seu tom de voz é puro pânico. Então seu olhar recai sobre minha mão e no sangue em meu moletom branco. Isso, na verdade, a deixa sem palavras. Tenho certeza de que ela também vê os cacos de vidro em minha pele e conecta os pontos.

Seu peito estremece enquanto ela respira fundo. Sei quando ela mesma está à beira de lágrimas. Balanço minha cabeça para ela porque não posso alcançá-la. Minha garganta parece uma lixa quando digo baixinho:

— Me desculpa por te deixar triste.

— Ah, Rafael... — diz Tânia suavemente. — Vamos, precisamos te tirar daqui e tratar esta ferida. — Com cuidado, ela puxa meu braço não machucado, mas eu não quero sair daqui. Então, sem dizer nada, agarro na manga de sua roupa e a puxo para mim, esperando que ela simplesmente não me force a levantar.

Com a cabeça inclinada, ela suspira e então afunda no chão junto comigo e apenas segura minha mão. Nossos dedos se entrelaçam e, pela primeira vez em horas, não me sinto sozinho mais em meu mundo

despedaçado. Fecho os olhos, me inclino para ela e me encolho. Ela me deixa descansar a cabeça em sua coxa e começa a passar os dedos gentilmente pelos meus cabelos.

— O que vamos fazer com você, hein? — sussurra ela. Não tenho resposta para ela.

O tempo passa em silêncio. Às duas da manhã, finalmente deixo ela cuidar da minha mão. Tânia já passou tantas horas de sua vida neste apartamento que consegue se virar sozinha e achar tudo que precisa para remover os cacos, limpar a ferida e então colocar uns Band-Aids nos meus dedos.

Ela também me ajuda a levantar, colocando seu braço em volta da minha cintura e me levando para a cama. Felizmente, meu olhar desesperado é o suficiente para fazê-la deitar-se comigo e não me deixar sozinho esta noite.

Estou cansado. Cada célula do meu corpo está. Quero desligar minha mente e esquecer do resto do mundo por um tempo. Esquecer *ele*.

Somente quando Tânia me envolve com um braço e coloca sua bochecha na minha têmpora é que eu finalmente consigo...

\*

— Ele ainda está dormindo. — O mais fraco sussurro me dá as boas-vindas conforme deixo lentamente a terra dos sonhos. — Não, ele não disse nada ontem à noite. Vou ficar para o café da manhã e depois veremos.

Rolo na minha cama e cumprimento Tânia com um olhar quieto, mas agradecido.

— Ele acabou de acordar, te ligo mais tarde — diz ela no telefone, agora em sua voz normal, então encerra a chamada. — Oi. — Seus dedos acariciam meu cabelo. — Como está se sentindo, querido?

Como se alguém tivesse enfiado minha mão no moedor de carne. E minha cabeça também.

— Estou bem. — Pegando sua mão em meu cabelo, aperto um pouquinho e então me sento na cama. — Obrigado por ter passado a noite.

Com um sorriso, ela faz que sim e então nós dois levantamos da cama, ambos vestindo as mesmas roupas de ontem. Tânia me manda para o banheiro e se oferece para fazer o café da manhã enquanto isso. Eu teria

convidado Félix também, mas já são nove e meia — dormi mais do que achava — e ele já deve estar no trabalho.

As panquecas de Tânia com geleia de framboesa e calda de chocolate são exatamente o que preciso.

— O que você vai fazer hoje? — pergunta ela enquanto mastiga, sabiamente, sem mencionar as coisas que aconteceram ontem.

Dou de ombros, enquanto despejo açúcar no meu cappuccino.

— Talvez esvaziar o quarto de jogos. Me livrar de algumas coisas e transforma-lo em outro quarto de hóspedes.

Com seu silêncio demorado, levanto a cabeça, relutante. Ela me observa como se um milhão de coisas passasse por sua mente agora. Ou talvez sejam as milhares de horas que passamos juntos lá dentro.

Não entro no quarto de jogos desde que voltei da minha primeira visita a Eastbourne com Sebastian. Aquele lugar está repleto de memórias. Boas, tristes e especiais. Está na hora de encerrar esse capítulo.

— Pode pegar o que quiser daquele quarto — ofereço a Tânia, um tom melancólico despontando minha voz.

Ela respira fundo e depois balança a cabeça.

— Não. Félix não é muito chegado nesse tipo de coisa e, de qualquer forma, não seria o mesmo se não fosse com você. — Ela toma um gole do chocolate quente, me observando pela borda da caneca. — O que você vai fazer com os brinquedos?

Estalo minha língua e dou de ombros novamente.

— Acho que não tem como doar para a caridade.

Aos risos, Tânia termina de comer sua panqueca enquanto pego mais uma.

Após limparmos tudo e colocarmos tudo na máquina de lavar louça, ela sobe comigo e me ajuda a embalar tudo que está nos armários e nas cômodas do quarto de jogos em grandes caixas de papelão e sacos plásticos. Quando foi que comprei tantos chicotes e *floggers*?

Enquanto desmonto a estrutura das algemas acoplada à cama, Tânia abre uma gaveta cheia de algemas e vendas cuidadosamente dispostas sobre uma superfície de veludo. Não posso deixar de reparar como seu olhar nostálgico passeia pelos inúmeros itens, seguido por uma carícia leve de seus dedos. Quando ela pega uma faixa preta e a deixa escorrer entre os dedos, largo a chave de fenda e vou até ela. Paro ao seu lado, olho para a

venda de cetim e ouço seu suspiro profundo. Passados alguns segundos, ela a dobra com cuidado e coloca no bolso de trás de sua calça jeans.

Curioso, arqueio minhas sobrancelhas para ela.

— Suvenir — diz ela com um sorriso carinhoso e, então, continua a esvaziar a gaveta e colocar o conteúdo na caixa.

Eu pisco, meu olhar percorrendo as poucas coisas que ainda estão lá. Algemas acolchoadas, algemas de aço e uma algaema em oito feita de metal reforçado.

Meus dedos acariciam a superfície lisa, traçando o ciclo infinito. De repente, um aperto dolorido em meu peito. Fecho os olhos, tentando engolir a dor, mas ela ainda está lá quando volto a abri-los. Com a garganta apertando, fecho meus dedos na algaema em oito e a encaro durante os passos que dou até a cama, e me sento no colchão.

Tantas coisas aconteceram nas últimas semanas. Às vezes, ainda não consigo processar tudo. Mas o que quer que o futuro reserve, qualquer relação *normal* que eu venha a ter mais tarde, este pequeno pedaço de metal gelado sempre me lembrará que uma vez eu beijei um homem. E foi melhor beijo da minha vida.

— Vou levar isso aqui lá para o lixo no porão. — A voz de Tânia interrompe minhas lembranças e me faz levantar a cabeça. Ela está parada na porta, segurando a caixa, seus olhos são um poço de emoção. Ela devia estar me observando há alguns minutos, vendo tudo que se passa em meu coração. Vai chegar o dia em que ela não ficará mais tão quieta e começará a me importunar sobre Sebastian, mas sou grato por hoje não ser o dia e ela me deixar viver o luto do meu jeito.

— Ok... — digo e mordo o lábio enquanto ela se vira e desce as escadas, carregando a primeira de muitas levas. Então me levanto da cama, caminho até o meu quarto, e coloco a algaema em oito na gaveta da minha mesa de cabeceira.

Talvez eu também jogue isso fora em algum momento no futuro. Mas não agora. Ou tão cedo.

\*

Eu sobrevivo. Isso é tudo que posso dizer a meu respeito atualmente.

É o final de julho, e espero desesperadamente que com o começo do novo mês daqui a dois dias, meu mundo finalmente volte a brilhar. Porque

tentar fugir constantemente de meus próprios sentimentos, pensamentos e da dor causada pelas memórias incríveis, é exaustivo para caralho.

Tânia e Félix são de uma ajuda imensa, ou pelo menos tentam fazer o melhor para me distrair e me tirar do meu sofrimento. Embora a insistência de Tânia de que eu deveria ver Sebastian e deixá-lo me explicar tudo em relação à visita de Noah que interrompeu nossa última noite juntos, me dá nos nervos seriamente.

Ela insiste que foi um completo mal-entendido. Odeio que ela converse tanto com Sebastian e que ele tenha conseguido arrastá-la para o lado dele. Curiosamente, ele não tentou entrar em contato comigo desde o seu discurso gigante na minha porta, que não passou de um monte de baboseiras. De acordo com Tânia, ele também disse a ela para não me incomodar porque eu voltaria quando estivesse pronto.

É, podemos ver como ela obedece às regras atualmente. Juro que ela precisa de um dia no quarto de jogos novamente, ou dois. Félix deveria ensinar a ela um pouco de disciplina.

Por falar nele, ele é a própria Suíça. Como sempre. É por isso que hoje em dia prefiro sair sozinho com ele do que com os dois juntos. Félix me deixa falar sobre as coisas se eu quiser — mas eu não quero e nunca quis. Caso contrário, apenas passamos muito tempo com nossos carros, polindo-os até ficarem como se tivessem saído da fábrica.

Estou a caminho da oficina de pintura com aerógrafo para levá-lo para almoçar porque Tânia saiu com uma amiga. Decidimos ir ao restaurante mexicano próximo ao trabalho dele. Num sinal vermelho em Gloucester Terrace, freio atrás de uma picape marrom e abro a janela para deixar a brisa quente deste dia de ensolarado entrar no carro. Entediado, porque de dia o sinal vermelho nesta cidade demora uma eternidade para mudar, inclino minha cabeça para trás e deixo meu olhar passear pela calçada. Há uma multidão de pessoas nesta parte de Londres. Pessoas carregando sacolas de compras, empurrando carrinhos de bebê ou se apressando em direção a restaurantes e cafeterias.

Em meio a elas, vejo três caras parados na fachada do que, à primeira vista, parece ser um estúdio de tatuagem, e um deles faz meu coração parar de bater. Ele está de costas para mim, mas a essa altura eu o reconheceria em qualquer lugar do mundo. Prendo a respiração e observo Sebastian, que segura um cigarro na mão direita e conversa com os outros dois. Sua camisa

azul-marinho de mangas curtas está aberta e balança com a brisa que percorre a cidade.

Fazendo uma pausa no meio de uma sessão? *Dark Arts*. Nome maneiro.

Daqui, não consigo enxergar o que já foi feito em seu braço esquerdo, mas obviamente, minhas palavras pouco significaram para ele da última vez, e ele está prestes a finalizar o desenho maori hoje. Que se dane. Não ligo. Ele não precisa continuar só com um lado tatuado e especial para mim porque, em breve, não vou mais pensar nele de qualquer maneira.

Não sei exatamente o que o atinge — meu olhar intenso ou talvez o ronco do motor do Corvette, que ele com certeza reconhece tão bem quanto eu reconheço o som do Honda — mas com uma clareza assustadora, vejo como sua coluna se enrijecer de repente. Com calma, ele olha por cima do ombro.

Meu coração salta de zero batidas por minuto para uma velocidade de corrida, minha boca fica seca. Graças a Deus, a luz do sinal muda para verde no exato momento e a picape na minha frente começa a andar. Não hesito por um segundo sequer e piso no acelerador. Somente pelo canto do olho vejo que ele ainda está paralisado e olhando para mim quando passo por ele. Nem mesmo ousei olhar pelo retrovisor desta vez. A única coisa que importa é sair daqui para bem longe.

Demora mais dois quarteirões e muitos minutos até que minha respiração acalme novamente. Meu pescoço também está suado, mas ponho a culpa no calor e fecho as janelas, ligando o ar-condicionado. Sim, agora está melhor. Muito melhor.

Do lado de fora da oficina, encontro uma vaga e estaciono entre duas motos e desligo o motor. Ainda não são meio-dia, o que significa que ainda tenho que esperar alguns minutos até Félix sair.

Para matar o tempo, pego o celular e leio uma mensagem no WhatsApp, que chegou em algum ponto entre o meu apartamento e aqui. Na verdade, são duas. Uma é de Nikki, que criou um grupo novo chamado *Festa de Aniversário* e convidou o pessoal para a casa dos pais dela em Hackney no dia cinco de agosto. Mais de cinquenta pessoas estão neste grupo. Sebastian também.

E eu não vou.

A segunda mensagem é de Tânia, enviada apenas alguns minutos depois do convite de aniversário.

**Tânia:**

*Eu sei que você viu a mensagem da Nikki. Também sei que você viu que o Sebastian vai estar lá também. Nem pense que vai conseguir se livrar, fofinho. Félix e eu vamos, e você vai com a gente. Se eu tiver que te arrastar até lá pelo cabelo, não pense por um segundo que não o farei.*

A mensagem termina com uma fileira de emojis com a língua para fora e três corações rosa.

E lá se foi o meu apetite por comida mexicana.

# Capítulo 15

*Rafael*

São nove e meia da noite quando a campainha toca. Faço uma careta e abro a porta para Tânia e Félix. Eles vieram me buscar para me levar à festa de Nikki.

Ao invés do costumeiro beliscão na minha bochecha, hoje, o que recebo de Tânia são seus olhos arregalados e seu queixo caído no momento em que me vê.

— Ah não, meu amigo! — anuncia ela, me apontando o dedo. Ela então tira o capuz do moletom da minha cabeça e, com as mãos pressionadas em meu peito, me empurra de volta para o apartamento. — Você não vai para a festa de Nikki feito o Grinch. E que porra é essa? — Sua voz alcança um tom agudo assim que seu olhar recai sobre a mancha de maionese no lado esquerdo do meu peito. Essa coisinha aconteceu há meia hora quando tentei comer um sanduíche e falhei porque meu estômago não se deu bem com a sensação nauseante de ver Sebastian. Achei que a mancha daria o toque final no visual.

Félix ri da discussão que eu e Tânia começamos na sala de estar e logo dá meia volta em direção à cozinha. Quando ele retorna, bebendo de uma lata de Dr. Pepper e encostando um ombro contra a parede enquanto nos observa com uma expressão divertida, Tânia me obriga a tirar o moletom manchado. Não tenho escapatória a não ser ceder às suas ordens e vestir algo apresentável. Subo as escadas bufando e vasculho meu guarda-roupa. Ela não vai parar de me encher até que eu coloque sua camisa polo branca favorita, então faço sua vontade e reviro os olhos quando me reúno de novo com meus amigos no primeiro andar. Tânia ostenta um sorriso de orelha a



orelha. Nem me surpreendo quando vejo que ela também escolheu um par de sapatos para trocar por meus tênis sujos.

— Se formos rápidos, poderíamos pegar alguns chicotes do lixo antes que venham recolher na terça — murmuro para Félix quando deixamos o apartamento e andamos atrás de Tânia.

Ele ri e me dá um tapinha no ombro.

— Não é uma má ideia.

Félix é o motorista da noite, porque quando conversamos sobre se eu deveria ir ou não à festa de aniversário de Nikki, cogitei a ideia de ficar bêbado só para sobreviver à noite. Sem um capuz para me esconder, encosto minha cabeça no banco do passageiro e deixo as ruas, as pessoas e os postes passarem por mim com uma indiferença resignada.

Em breve chegamos ao bairro de Hackney, no oeste de Londres, e estacionamos numa fileira de carros em frente à casa de Nikki. Obviamente, seus pais estão fora da cidade ou então não abririam suas portas para uma multidão de mais de setenta pessoas. Mas a garota mais popular entre os frequentadores dos rachas ilegais já deu várias festas aqui antes e todo mundo adora a mordomia de ter “*pais ausentes*”, então acredito que as coisas vão ficar dentro do limite como sempre.

A festa já está a todo vapor e um arrepio desconfortável sobe pela minha espinha conforme cruzamos a entrada. Há uma música da Pink tocando, um ritmo que me acalma um pouco. Nikki vem correndo do bar improvisado na sala para nos recepcionar, e nós a abraçamos e beijamos um por um em seu aniversário de vinte e um anos.

Gosto de sua casa. É espaçosa, mas não enorme, com uma bela cozinha que se expande para uma sala de jantar, uma grande sala de estar e dois banheiros no térreo. No segundo andar há vários quartos, mas só vi o dela, que é mobiliado com uma decoração infantil demais em comparação com o visual sensual que ela costuma exibir nas noites de corrida.

Na sala de jantar, portas francesas levam a um amplo jardim com uma enorme cerejeira nos fundos da casa, mas a maioria dos fumantes aqui preferem aliviar seu vício na entrada. Abro passagem para alguns deles, encostando na parede porque a antessala não é grande o suficiente para acomodar um grande número de pessoas, então sigo meus amigos até o meio da festa e aceito uma bebida de Elliot que, ao que parece, está comandando o bar esta noite.

Levo a garrafa de Eristoff Ice até a boca, me apoiando no balcão à altura do meu peito e deixo meus olhos escanear o ambiente. Algumas pessoas conversam, algumas dançam, outras se beijam e nem sinal de Sebastian. Talvez o destino tenha ficado com pena de mim e ele não vá dar as caras por aqui, afinal.

Jogo um punhado de amendoins na boca e então deixo me arrastar para o sofá em forma de L, onde Nikki está sentada junto de um pessoal ao redor da mesa de centro. Aqui, a música não está tão alta quanto perto do bar, o que é ideal para conversar.

Uma garota que conheço como Tiffany está ajoelhada no chão com uma almofada sob suas pernas. Quando ela pisca para mim numa saudação, sorrio e aceno para ela e então sento-me no braço do sofá de veludo cinza. O jovem de dezenove anos sentado na poltrona combinando com o sofá é Seth, irmão mais novo de Nikki. Seu cabelo é tão preto quanto o dela, desgrenhado com uma aparência meio emo. A cor parece estar presente na família, assim como sardas também, evidentemente.

Quando dois caras que nunca vi antes levantam-se e saem para fumar, Félix e Tânia se achegam para a outra extremidade do sofá, abrindo espaço para mim. Coloco a garrafa da bebida na mesa e me inclino para trás, deitando minha cabeça no colo de Tânia. Minhas pernas continuam penduradas no braço do sofá enquanto ela começa a brincar com meu cabelo.

Nikki conta a todos o que ganhou de seus pais, mas Tânia é uma vadia sádica e coloca o dedo em meu ouvido para me provocar, então não escuto a maior parte do que é dito. As cócegas me dão arrepio. Arqueio a cabeça para trás, lançando um sorriso malicioso para Tânia.

— Faz isso de novo que eu mordo seu dedo, sua idiota!

— Levanta a mão! — A voz animada de Nikki desvia minha atenção de Tânia. — Quem quer brincar de verdade ou consequência?

Argh. Eu não. Mas, obviamente, cinco entre sete pessoas no sofá e no chão querem, então o jogo começa. Apenas Seth é rápido o suficiente para pular da poltrona e fugir da brincadeira. Eu deveria segui-lo, mas a sensação dos dedos de Tânia no meu cabelo está boa demais.

Nikki e Tiffany se apressam em buscar uma bandeja de pequenas doses de gelatina alcoólica e a colocam na mesa.

— Cada um tem o direito a duas doses para escapar da verdade ou da consequência. — Nikki estabelece as regras. — Se já tiver tomado as doses,

não há escapatória.

— Aff. Não posso só continuar deitado aqui e vocês se divertem sem mim? — digo, gemendo, sem a menor vontade de jogar esse jogo infantil esta noite.

— Se ficar aqui, tem que jogar. — Nikki ri. — De qualquer forma, é meu aniversário e quero que você participe do jogo.

— Meu Deus, vocês, mulheres, sempre têm uma carta na manga para fazer nós, caras, cooperar — respondo, rindo, mas reviro os olhos em protesto antes de levantar a voz para imitar uma garota. — É meu aniversário, meu hamster morreu ontem à noite, eu sou uma menina e você não.

— Certo. Então anda logo, Rafa — desafia-me uma ruiva vestindo um par de jeans justos e um top roxo. Que ela tenha me chamado pelo nome me dá a impressão de que eu também deveria saber o dela, mas juro por Deus, não me lembro. — Verdade ou consequência?

Meu olhar alterna entre ela e o cara de mechas azuis em seu cabelo louro que está com seus braços musculosos envolvendo-a.

— Verdade então.

A ruiva lambe os lábios, passando os dedos pelos longos fios de cabelo.

— Está com ciúmes por Tânia estar num relacionamento com seu melhor amigo?

Ela acha que a pergunta me envergonha, mas não poderia estar mais errada. Olho para o rosto de Tânia pairando acima de mim, sorrio e digo-lhe com sinceridade:

— Não. — Meus dois melhores amigos *sabem* o que sinto em relação a eles e que eu não poderia estar mais feliz por eles finalmente terem dado esse passo.

Já que é a minha vez, desafio Tânia a continuar com a mágica que faz com o meu cabelo e, na segunda vez dela, ela me desafia a sentar porque sua perna está ficando dormente. Eu o faço e imediatamente desejo que não o tivesse feito, porque quando tiro as pernas do braço do sofá e me endireito, meu olhar é atraído por um par de olhos castanhos do outro lado da sala.

Acho que meu coração parou.

Não escapa a ninguém a repentina rigidez que toma conta do meu corpo, então não é nenhuma surpresa que sete outras cabeças se voltem para onde

está Sebastian, encostado na parede, braços cruzados, me observando com um sorriso leve nos lábios.

Pela primeira vez seu jeans não são rasgados, mas escuro e aparentando ser novo. E ele usa o moletom que já tinha o visto usar antes, com as mangas dobradas até os cotovelos. Seu braço direito ostenta as tatuagens fascinantes que um dia tracei com meu dedo. Seu antebraço esquerdo ainda está liso. Apenas o bracelete de couro preto que ainda não o vi sem. A sessão de tatuagem há alguns dias provavelmente não foi longa o suficiente para estender os desenhos maori até o pulso. Me maldigo por querer saber que tipo de traços seu moletom preto pode estar escondendo acima do cotovelo.

— Sebastian, venha e junte-se a nós. Estamos jogando verdade ou consequência — grita Nikki, acenando com entusiasmo para ele.

Sebastian se desencosta da parede e anda até o nosso pequeno grupo de jogadores infantis. Embora seu olhar se mantenha fixo em mim o tempo todo, ele não pronuncia uma só palavra, pelo que sou eternamente grato. Em vez disso, ele se inclina para beijar Nikki no topo da cabeça, desejando a ela um lindo aniversário, e então se senta na poltrona em frente a mim, que estava desocupada desde que Seth deu no pé ao som das palavras *verdade ou consequência*.

Tânia e Sebastian trocam um cumprimento silencioso, que inclui sorrisos e um aceno com a cabeça, já Félix diz:

— Ei, bom te ver, cara.

Depois que alguém explica a Sebastian a regra de que ele só pode beber duas vezes se escolher não responder a uma pergunta ou cumprir um desafio, ele logo é questionado por Nikki. Ele escolhe verdade, e Nikki tamborila os lábios com sua unha pintada de esmalte rosa como se pensasse.

— Hmm, da última vez que te vi numa boate, você estava beijando um cara no bar. Você só gosta de homens ou não faz diferença com quem você fica?

As garotas ao redor da mesa riem, menos Tânia. Ela assume uma postura endurecida ao meu lado, provavelmente porque eu também o fiz.

Relaxado como um boxeador sentado no canto do ringue, sabendo que vai nocautear o adversário com o próximo soco, Sebastian apoia os cotovelos nos braços da poltrona e cruza os dedos sobre seu abdome. Seu olhar vai de mim para Nikki e então ele dá um sorriso caloroso.

— Primeiro, eu não beijei aquele cara na boate. Algo entrou no nosso caminho.

Jesus, se ele me der uma olhada maliciosa agora, vou procurar uma arma nessa casa e dar um tiro nele. Felizmente, ele ignora meu lado do sofá e continua a responder a aniversariante.

— E em segundo lugar, na cama eu curto tanto homens quanto mulheres. Mas no que diz respeito ao meu coração, cheguei à conclusão de que só um cara para mim.

Um *uuuu* idiota ressoa ao redor da mesa. Até o Popeye de mechas azuis participa. Então talvez a ruiva não seja a única que faz o seu tipo. Como ele consegue ser tão aberto em relação a isso, é um enigma para mim. Mas tanto faz. Não é da minha conta.

É a vez de Sebastian, e seu olhar passeia de rosto em rosto. Devagar. Meu estômago embrulha porque tenho um mau pressentimento de onde isso pode acabar.

— Rafael.

Mas é claro. Quem mais poderia ser? Fecho os olhos, respirando frustrado.

— Verdade ou consequência?

É... não.

Ao invés de responder, encerro a rodada e me inclino para pegar uma dose de gelatina verde.

— Saúde. — Com um sorriso frio, levanto o copinho num brinde a ele e então viro o conteúdo. Maçã. Ok, nada mau.

— Não, Rafa! Isso é maldade! — Nikki ri. Você só está com medo de que ele te desafie a outra corrida.

Eu pisco para ela.

— Digamos que aprendi da maneira mais difícil a não correr riscos com este homem. — Então volto minha atenção para a ruiva de top roxo. — Verdade ou consequência?

— Verdade — diz ela, então pergunto seu nome. É Joana. Bonito, mas ela não parece levar numa boa que eu tenha esquecido seu nome, pois, de acordo com ela, tivemos um encontro dois anos atrás.

Se João fosse o seu nome eu com certeza não teria esquecido.

*Deeus*, me odeio por pensar isso!

Joana desafia o menino com as mechas azuis em seguida e então descubro que seu nome é Travis. Ele deve fazer uma massagem nas costas

dela. Ele então desafia Félix a fazer o mesmo em Tânia, porque ela parece que precisa de uma. Félix então pergunta a Tiffany se ela já foi internada num hospital psiquiátrico, e ela curiosamente já o fora, e Tiffany escolhe Sebastian em seguida. Como antes, ele escolhe verdade.

— Muito bem. — Um sorriso mal-intencionado surge em seus lábios, Nikki e Joana a seguem, deixando óbvio o tipo de pergunta que será feito. Questionar um homem bissexual sobre sua vida sexual deve ser o mais novo esporte deste país. Meu estômago se revira com o pensamento. — Você já dormiu com alguém que está aqui esta noite?

Por que diabos meu coração sempre para no momento em que alguém faz uma pergunta para esse homem? Foda-se, eu deveria me levantar e ir para o bar. Afinal de contas, o plano era ficar bêbado caso Sebastian aparecesse. O problema é que Tânia tem uma estranha ligação com meu cérebro e sempre parece saber exatamente o que estou pensando antes mesmo que eu termine de pensar. Seus dedos afundam desconfortavelmente na minha pele quando ela prende furtivamente minha mão entre suas coxas e me segura.

— Não ouse — resmunga ela baixinho para que ninguém além de mim possa ouvi-la.

*Argh!*

Sebastian é bonzinho demais para ser um estraga-prazeres e, a julgar por sua risada descontraída, ele não se importa nem um pouco com as perguntas íntimas das garotas. Sua resposta para Tiffany é um sonoro *Sim*. Estranhamente, seu olhar terno repousa em Tânia desta vez.

Nikki e Tiffany dão um gritinho em uníssono quando a verdade de sua confissão lhes atinge.

— Caramba, como é que você sempre consegue os melhores? — diz Nikki aos risos, inclinando-se e dando um tapa no joelho de Tânia. Como a *lady* que minha melhor amiga é, ela apenas sorri e não comenta a situação.

A próxima vítima de Sebastian é...

— Rafael?

Nem fodendo! Nem mesmo quando ele tenta me atrair com um olhar carinhoso. Que porra ele está pensando? Que vou deixar ele fazer uma pergunta íntima idiota como: *Você ainda pensa em mim?* Ou pior!

— Nananinanão — digo a ele, evitando seu olhar ao me inclinar para pegar a próxima dose de gelatina da bandeja. Morango desta vez. Delícia.

Já que é minha vez, desafio Tânia a também tomar uma dose para não ser o único a ficar bêbado aqui, e então me desligo das conversas conforme o jogo continua. Até que Nikki esteja livre para fazer outra pergunta a Sebastian e os cabelinhos da minha nuca se arrepiam.

Nikki pega o descanso de copo debaixo de seu refrigerante e o gira entre seus dedos indicadores, obviamente nos preparando para um pouco de drama. De uma maneira bem deliberada, ela pergunta:

— Qual é o nome do último *cara* que você beijou? Não vale garota. — Ela então levanta o dedo rapidamente, acrescentando: — E nós queremos o nome inteiro, nada de apelidos aleatórios.

O sangue em minhas veias congela. Consigo sentir meus batimentos cardíacos na base da minha garganta, e estou tão tenso que alguém poderia facilmente me usar como arco para atirar flechas pela sala. De preferência em Sebastian.

Ele leva um tempo ponderando em silêncio a pergunta. Lentamente, seu olhar desvia dela. Como se estivesse amarrando um laço invisível entre nós, ele me atrai com seus olhos castanhos, o olhar penetrando fundo em minha alma. Mas ninguém nota, porque estão todos ansiosos demais pela resposta que o óbvio lhes escapa completamente.

Minha pulsação acelera até 200 bpm, mesmo que eu não tenha movido um músculo sequer. E Sebastian ainda não se pronunciou.

É estranho que só agora, semanas depois daquela noite terrível, percebo o quão despreparado estou para ouvir a verdade dele. Que ele beijou outra pessoa depois de mim.

Como se estivéssemos sozinhos na sala, continuamos nos encarando, mil palavras não ditas entre nós. E mesmo que Sebastian tenha esse jeito de prender minha atenção mesmo com um simples olhar e lançar em mim todos os tipos de arrepios, não consigo ler merda nenhuma em seu rosto. Noah foi o último cara que ele beijou?

Ou será que é o meu nome que ele não quer dizer na frente de todo mundo?

Seguro minha respiração durante todo o tempo em que ele permanece em silêncio, e se ele não disser algo logo, com certeza vou sufocar. Os dedos de Tânia voltam a fincar no dorso da minha mão. Eu aperto a dela também.

Depois do que parece ter sido uma eternidade ou mais, os cantos da boca de Sebastian se curvam para cima num breve, porém apologético,

sorriso direcionado a Nikki. Ele se inclina e pega uma dose de gelatina verde na bandeja.

— Ah, *não!* — grita ela por entre uma risada de protesto enquanto ele inclina a cabeça para trás e deixa a dose de gelatina de maçã escorrer para sua boca.

Mesmo que a tensão do momento diminua, é difícil para mim relaxar quando, na verdade, minha garganta está incrivelmente apertada. Então quer dizer que ele não quis revelar o nome. Por quê? Manter Noah fora disso porque ele não está aqui? Ou poupar meus sentimentos porque percebeu como eu estava com medo de ouvir a verdade?

Não sei se ousou acreditar na terceira opção. De que meu nome estava em sua língua.

Quando é a vez de Sebastian escolher a próxima vítima, ele não me escolhe, ao invés disso resolve devolver a pergunta de Nikki.

— Você já beijou uma garota?

Ruborizada, ela nos diz que sim e, a julgar por sua olhada rápida e tímida para o lado, acho que foi Tiffany. Talvez um experimento adolescente. Sebastian arqueia a sobrancelha para ela de uma forma apreciativa que deixa as bochechas de Nikki ainda mais vermelhas.

Quando ela se recompõe e se abana com o descanso de copo, ela limpa a garganta e fala o meu nome em seguida.

*Sério? Pessoal, vocês poderiam me dar um tempo!*

— Verdade ou consequência? — pergunta ela, com os últimos resquícios de rubor visíveis em suas maçãs do rosto.

Porque não quero responder ao mesmo tipo de merda que as garotas continuam a perguntar Sebastian, escolho consequência. Com sorte, eles me farão massagear as costas de alguém. Ou até melhor, me mandar embora para pegar algumas bebidas ou algo assim. Um pouco de ar puro ou apenas um tempo longe deste sofá me faria um bem enorme agora.

— Consequência, uaaau! — Ela faz um bico, arregalando os olhos para mim. — Ok, vejamos o que podemos fazer você fazer.

— Tem que ser algo que ele nunca faria na vida dele. — Joana vem em seu auxílio, entrando obviamente na onda de me deixar verdadeiramente desconfortável. Jesus, eu sabia porque odiava esse jogo. A massagem nas costas provavelmente está fora de cogitação.

— Ah, já sei! Já sei! — Tiffany bate palmas, de repente sentando-se ereta no chão como se tivesse engolido uma vassoura. Seu olhar extasiado



encontra o de Nikki a sua direita, o sorriso empurrando as bochechas a uma altura que deve doer. — Você poderia fazê-lo beijar um cara.

— Com licença, *é o quê?* — As palavras voam da minha boca conforme a temperatura dentro de mim alcança uma zona perigosa.

— Sim, *é uma ideia perfeita!* Mas não pode ser qualquer cara. — Claramente extasiada, Nikki escaneia a sala até parar sua mira numa pessoa em particular. — Sebastian, você...?

— Você está de sacanagem comigo? — deixo escapar antes que Sebastian tenha a chance de reagir. Elas devem estar completamente doidas. Tem algo nas bebidas cavando buracos nos cérebros delas? Provavelmente as doses de gelatina alcoólica. Rio e então me inclino para pegar uma delas. — Encontrem outra pessoa para representar pornografia gay para vocês. Eu vou beber.

— Nada disso! — Joana bate na minha mão para me impedir. — Você já tomou as suas duas doses. Sem dar para trás desta vez.

*O quê?*

— Félix...! — choramingo, esperando o apoio do meu melhor amigo.

O traidor apenas ri e levanta as mãos em sinal de rendição.

— Me desculpe, cara. Não vou te beijar.

É, *não* era isso que estava pedindo. Irritado, esfrego as mãos no rosto.

— Sebastian? — pede Nikki gentilmente de novo.

Através dos meus dedos esparsos, vejo-o dar de ombros indiferente.

— Claro — diz ele, seu olhar desafiador voltando-se para mim. Minhas mãos lentamente deixam o meu rosto. Ele se inclina para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, e acrescentando num tom mais grave, quase provocador: — Se ele for corajoso o suficiente para vir até aqui.

— Tenho certeza de que ele é — diz Nikki, rindo. — Ele nunca recusa um desafio.

Há uma primeira vez para tudo.

— Até porque, por que ele recusaria? — Travis, imperturbado, toma o partido das meninas. — Quero dizer, não é como se você tivesse pedido para ele beijar o ex ou algo assim.

Sem me perder de vista por um segundo sequer, Sebastian pisca algumas vezes, o canto esquerda de sua boca subindo levemente.

— Verdade.

Enxugando minhas mãos úmidas em minha calça jeans, tento normalizar minha respiração. Sem chance.

— O que você está esperando, Rafa? — reclama Tiffany. — Você sabe que se recusar, vamos assumir que é porque você acha o Sebastian tão gostoso quanto o restante de nós e está apenas com vergonha de beijá-lo. — É uma piada de mal gosto, e todo mundo ri. Mas com essas palavras idiotas, ela acabou de colocar a corda em volta do meu pescoço.

*Alguém pode atirar em mim e me salvar desse sofrimento, por favor?*

De soslaio, vejo Tânia me fitando com o olhar, então inclino minha cabeça em sua direção e imploro em silêncio para me ajudar a sair dessa. Tudo que ela faz é torcer o nariz no que parece ser um pouco de compaixão, mas no final das contas ela faz com a cabeça um sinal para o outro lado da mesa, me encorajando a acabar logo com isso.

Eu tenho escolha? Quero dizer, uma de verdade, onde não vou perder minha reputação em frente aos meus amigos e dos frequentadores dos rachas?

— Odeio todos vocês! — digo entre os dentes, conforme levanto do sofá, ganhando uma salva de palmas das meninas. Ao mesmo tempo, sinto os dedos de Tânia acariciando a parte de trás da minha coxa.

— Mas nós te amamos, querido — me garante ela, dando-me um empurrãozinho.

Respiro fundo e então me forço alguns passos até a mesa de centro, mesmo que meus joelhos pareçam gelatina por todo o caminho e queiram ceder. Quando paro em frente a Sebastian, ele reclina para trás devagar e olha para cima para mim. Sinto como se tivessem me colocado de frente para o pelotão de fuzilamento.

— Vamos lá, não seja tímido — brinca Tiffany, completamente ignorante ao horror em que estou vivendo. — É só um beijo entre dois rivais de corrida. Não vai te matar.

Sim, isso é o que ela pensa.

— Mas não vale apenas encostar os lábios na boca de Sebastian. — Nikki define as regras da porra do desafio. Um sorriso transforma sua voz num ronronar sinistro. — Finge que são sete segundos no paraíso.

Está mais para sete segundos no inferno.

Engulo, então cruzo meu olhar com o de Sebastian. Seus olhos estão calmos. Suaves. E incrivelmente calorosos. Como ele consegue ficar tão relaxado enquanto espero pela minha execução em praça pública? Sua paz de espírito me assusta. E, por estranho que pareça, é a única coisa que me

dá força para me inclinar para frente e apoiar minhas mãos no encosto atrás de seu pescoço neste momento.

Estamos cara a cara. Olho no olho. Sebastian cheira a pele bronzeada e almíscar, o perfume me atraindo só um pouquinho mais.

Ele não move um centímetro sequer, apenas espera e observa cada movimento meu com uma calma terrena que não consigo encontrar em nenhum lugar dentro de mim. Como já partilhamos a mesma respiração, reúno toda coragem que consigo dominar e murmuro para que apenas ele ouça:

— Isso não significa nada.

De repente, sua mão sobe e vai parar na minha nuca, seu polegar acariciando gentilmente a pele abaixo da minha orelha esquerda. Com nossos olhares se fundindo num só, como chocolate num dia quente de verão, ele sussurra de volta:

— Você está errado, floquinho. Significa tudo.

E então ele leva seus lábios aos meus de um jeito que nunca fez antes. Que falta senti deles. Da suavidade. Da urgência. Da promessa. De tudo neles. Nele.

Meus olhos se fecham por conta própria enquanto minha boca se abre e nossas línguas se tocam pela primeira vez. Uma carícia terna que lança arrepios atrás de arrepios por todo o meu corpo.

— Dois! Três! — gritam as pessoas em algum lugar distante, mas permaneço na redoma que Sebastian constrói ao nosso redor com as carícias gentis de sua língua na minha.

— Quatro.

Sua outra mão envolve meu rosto também. Posso sentir sua maciez, bem como a pele calejada na palma de sua mão.

— Cinco.

Minha respiração relaxa junto do meu corpo e eu apoio um joelho no assento entre suas coxas abertas. Ainda segurando minhas bochechas, ele me segura no lugar enquanto inclina a cabeça um pouquinho para aprofundar o beijo.

— Seis.

Perdido nas memórias de um beijo sob a árvore no País das Maravilhas, movo meus lábios com os dele, encontrando cada toque afetuoso de sua língua na minha.

— Sete!

E continuamos a nos beijar.

Meus dedos afundam no estofamento da poltrona larga. Inspiro sua loção pós-barba e o cheiro é puro dele. A barba por fazer em cima de sua boca arranha levemente minha pele enquanto nossas línguas ainda estão entrelaçadas numa dança sem fim. Até que alguém diz meu nome e, de repente, a realidade me atinge como uma onda. A realidade de onde estamos. E do que estamos fazendo.

Suspirando, me afasto da boca generosa de Sebastian. Meus olhos se abrem, a apenas alguns centímetros dos dele. Lentamente, suas mãos se afastam do meu rosto, e nos encaramos por um momento imensurável. Dentro de mim, meu coração está enlouquecendo, batendo tão forte que é impossível contar as batidas.

Todos ao nosso redor estão em silêncio.

Ofegante, me endireito e tiro o joelho da poltrona. Os pelos na minha nuca se arrepiam porque posso sentir todos me olhando boquiabertos.

Não posso me virar e ver seus rostos chocados. Só não posso olhar para nenhum deles agora.

Meu olhar ainda é prisioneiro dos olhos castanhos de Sebastian. Engulo em seco, minha respiração irregular fazendo minhas narinas dilatarem.

— Foda-se este jogo! — disparo. Então me viro e saio da sala.

# Capítulo 16

*Sebastian*

Antes que qualquer um no sofá ou no chão possa dizer algo sobre o que acabou de acontecer entre Rafael e eu, me apoio nos braços da poltrona e me levanto. Um suspiro é tudo que posso oferecer a eles como desculpa por minha retirada.

Caminho até o bar do outro lado do ambiente, de onde fico de olho nas portas francesas abertas na sala de jantar adjacente. Foi por ali que Rafael saiu. De início, achei que ele sairia correndo da festa e iria para casa, mas ao que parece, tudo o que ele precisa agora é de ar fresco.

— Uma água mineral, por favor — peço a Elliot, que está responsável pelo bar hoje.

Ele pega uma garrafa numa pequena geladeira atrás dele e a coloca no balcão. Então enxuga a mão molhada em sua camisa branca e se inclina para mais perto, apoiando um cotovelo no bar. Seu rabo de cavalo de dreadlocks cai sobre o ombro, e ele o joga de lado com um movimento de cabeça.

— Aquele era Rafael Björnsson beijando você ali?

Com uma expressão calma, viro minha cabeça na direção em que ele aponta e então digo a ele com um tom de indiferença:

— Era. Foi um desafio. As meninas queriam brincar e ele fez um favor a elas.

Essa explicação é suficiente para fazer sua expressão ávida voltar a relaxar.

— Bem, definitivamente parecia que *você* estava gostando.

Enquanto abro a tampa da água mineral, considero ser seguro o bastante para contar a ele a verdade como ela é desta vez, com um sorriso.

— Ele é um homem lindo.

Elliot ri, certamente concordando comigo, e se retira para preparar um drink para outra pessoa que aparece na outra ponta bar. Conforme tomo um gole, olho para a porta francesa novamente. Com a luz forte da casa, é impossível ver qualquer coisa através das janelas além do reflexo das pessoas na festa, mas não quero perder Rafael de vista se ele decidir voltar para cá.

— O Rafa veio para cá com a gente. Se você for rápido, pode alcançá-lo antes que ele pegue o ônibus para casa.

Me viro ao som da voz suave de Tânia atrás de mim e então sorrio para ela e seu namorado.

— Ele não foi embora.

— Ah — diz ela, colocando o cabelo para trás e arqueando as sobrancelhas enquanto Félix bebe Coca de uma lata.

— Ele está no jardim agora, provavelmente tentando dar um jeito em sua vida com um pouco de ar fresco.

— Então... — Tânia olha para as portas francesas através de mim. — O que você ainda está fazendo aqui?

Isso me faz rir. Adoro o jeito que ela cuida dos amigos. Ela tentou fazer isso comigo nas últimas semanas também, mas no final eu é que tive que acalmá-la e não o contrário.

— Dando a ele um tempo para si mesmo — explico aos dois. — Muita coisa aconteceu lá no sofá. Ele precisa se acalmar antes de conseguir conversar. — Tomo mais um gole de água e, em seguida, coloco a tampa de volta. — Rafael funciona bem sob pressão, mas precisa que deem a ele um momento para quebrar e se reagrupar depois.

— Sim, sim. — Ela revira os olhos com um suspiro exageradamente dramático. — Você já disse isso. Eu não esqueci.

Não, ela não está feliz com a minha paciência em relação ao seu melhor amigo, mas depois das muitas conversas que tivemos, ela ao menos aprendeu a confiar em mim. E é exatamente isso que estou fazendo com Rafael também.

— Você sabe que eu confio nele e confio no que quer que a gente tenha. No final, espero que ele não jogue isso fora. Então, vamos dar a ele um tempinho.

— Ele está certo — apoia-me Félix, passando os braços por trás dela e plantando um beijo em sua têmpora. — É o que você vive dizendo sobre o

Rafa, de qualquer jeito. A pressão vai quebrá-lo.

Ela dá a mão a ele e concorda.

— Eu só queria que ele finalmente parasse de lutar contra isso tudo.

— Ele vai. — Em tom de brincadeira, puxo seu cabelo. — Em breve. —

Então me inclino e beijo Tânia na bochecha. — Vejo vocês dois mais tarde.

— Onde você vai? — pergunta ela.

Enfio uma mão no bolso, fechando meu punho no isqueiro e piscando para ela.

— Acho que vai nevar esta noite.

E eu tenho um floco de neve para pegar.

# Capítulo 17

*Rafael*

Sinto o cheiro das folhas da cerejeira. Através dos galhos, a luz branca da lua ilumina o meu rosto. A casca rugosa do tronco se esfrega contra minhas costas como os dedos de um velho tentando me empurrar para frente. Mas eu não saberia para onde ir. Me juntar aos outros de volta na festa? Simplesmente não consigo.

O gramado crescido aqui fora, tão longe casa, ainda retém o calor de um dia de verão se infiltrando através do meu jeans. No entanto, pouco faz para afastar o frio dentro de mim. Envolvero com mais força os braços em torno de mim.

Nunca me senti tão perdido antes.

Conforme o som de pés arrastando-se pela grama espessa chega até mim, cravo ainda mais fundo os dedos em minha própria pele.

Acho que é Tânia, vindo falar comigo, tentando me convencer que a vida é feita de arco-íris e girassóis roxos.

Os passos diminuem.

Espero que seja só o Félix, parado atrás de mim sem dizer nada.

E rezo para que não seja mais ninguém.

A pessoa para a alguns metros do meu lado direito e permanece quieta.

Não ousa olhar para o lado porque se fosse Tânia, ela não ficaria tão afastada de mim e já teria começado a falar. Além disso, essa pessoa é alta demais para ser uma garota de qualquer maneira. Sinto um aperto no peito.

No canto do meu olho, um homem leva algo até o rosto. Ouço o clique inconfundível de um isqueiro, seguido de uma pequena chama que ilumina a noite escura pelo tempo equivalente a uma tragada de cigarro. Uma



coluna de fumaça se ergue até o céu. E então nós dois apenas ficamos olhando para o universo.

Sei como é o gosto do beijo desse homem depois de um cigarro. A camada de uma dose de gelatina de maçã cobrindo sua língua transformaria o beijo num perigo do tipo exótico. O pior dos perigos, daqueles capazes de mudar sua vida. Para sempre.

— A resposta era você — diz Sebastian, calmamente.

Como se uma mão invisível alcançasse meu queixo, viro minha cabeça para o lado agora, mas leva um tempo até ele olhar para mim também. Sob a luz do luar, suas íris brilham enquanto ele pisca lentamente.

— Você foi o último homem que eu beijei.

Por um momento infinito, me perco em seus olhos. Essas poucas palavras e sua voz terna parecem remover do meu mundo estilhaçado dois dos milhões de fragmentos que o compõe. Não sei como ele pensa em mantê-los juntos, e pergunto a mim mesmo se posso acreditar nele verdadeiramente. Seu olhar permanece em mim minutos a fio e, de pouco em pouco, ele vai tirando um pedaço de dor em meu peito. E então eu sei que quero...

*Quero acreditar nele.*

Cada célula do meu corpo arde para ser abraçada por ele mais uma vez, sentir seus braços protetores ao meu redor, sua mão calorosa no meu rosto, seus lábios carinhosos nos meus. No entanto, aqui estou. Simplesmente não consigo ir até ele.

Sebastian volta a olhar para o céu quando leva o cigarro à boca novamente. Mas eu não consigo desviar meu olhar dele. É como se eu precisasse memorizar cada centímetro dele que está banhado pela lua hoje. Para me lembrar do nosso último beijo quando esta noite acabar e seguirmos nossos caminhos separados.

Também não quero esquecer o som da sua voz, então limpo a garganta e digo:

— Você foi à sessão de tatuagem que tinha marcado na semana passada.

— Não faço ideia se isso deveria ser uma pergunta ou uma declaração triste. Talvez um pouco dos dois.

— Uhum. — Uma nuvem de fumaça sai de seu nariz como uma lufada de um dragão.

— Quando você vai finalizar?

Só agora, ele vira a cabeça para o meu lado.

— Já está finalizada.

Automaticamente, meu olhar estreito desvia para seu antebraço esquerdo limpo.

— Você não desenhou até o pulso?

— Não está no meu braço.

Não? Devagar, meus olhos se voltam para o seu rosto novamente.

— Onde, então?

Sebastian dá uma última profunda e sonora tragada no cigarro antes de apagá-lo e jogar a bituca fora. Conforme exala a última névoa de fumaça, ele se vira para mim e dá um passo à frente, pegando a bainha de seu moletom preto. Não entendo... até ele puxar o moletom até o queixo.

Alguém apertou o stop no mundo.

Ainda há aquela bela tatuagem no seu peitoral, a qual lembro de traçar com a ponta do dedo há algumas semanas. Nada nela mudou. Mas agora, abaixo do seu coração, há uma área escura com pele desnuda se espalhando como galhos de uma árvore sob o céu noturno. Há uma hélice dupla e uma tartaruga do mar, assim como uma linha de barras que me lembram as listras de uma abelha.

E então há duas letras... entrelaçadas como uma só.

Minha garganta se contrai, como se alguém estivesse apertando a corda que estava pendurada no meu pescoço durante a noite toda. Cautelosamente, estendo a mão e deixo as pontas dos meus dedos indicador e médio deslizarem pelos gomos discretos do seu abdome. O complexo desenho celta que forma os nossos nomes está marcado em sua barriga. Até mesmo o pequeno borrão que sempre me lembrará de seu toque quando eu desenhava o País das Maravilhas naquela noite mágica está lá.

Na última vez que vi tudo isso, a cor do marcador preto mal estava lá. E agora está gravado em sua pele para sempre.

Meus dedos se afastam de seu corpo. Pressionando minhas mãos em meu peito, digo:

— Como você pode confiar tanto em nós?

Sebastian desce o moletom de novo, seu olhar carinhoso fixo ao meu durante todo o tempo.

— Porque você não confia... — sussurra ele, acariciando as pontas de seus dedos quentes no meu maxilar. — Então alguém precisa confiar por nós dois.

Com o seu toque, um líquido ardente brota em meus olhos. Eu não o quero, mas ele vem. Não há nada que eu possa fazer. Esse líquido vem de uma parte do meu coração que dói mais do que em qualquer momento da minha vida. É como se ele estivesse partindo um milhão de vezes num breve momento, e então juntando tudo com apenas um toque, só para quebrar tudo novamente.

Dou um passo em falso para trás, minha mente gritando em agonia.

Meu corpo dói.

— Como você consegue viver num mundo como esse? — As palavras irrompem de mim, falhando com a minha voz, enquanto me curvo e apoio as mãos no joelhos. — Como você consegue presenciar toda essa merda e ainda ser quem você é?

Eu não aguento mais.

Não depois de tudo que aconteceu nos últimos meses, desde o dia em que o conheci. E não depois do beijo que ele me deu há apenas dez minutos. Está ficando muito para suportar. Demais para uma pessoa só. Demais para uma vida só, com certeza.

Seus olhos assumem a suavidade de uma brisa suave de verão soprando num campo jovem de cevada.

— Rafael...

Mas não é a vez dele falar. Um torpor invade minha cabeça, me forçando a me endireitar e me apoiar novamente na árvore, para que eu não caia de joelhos no chão graças ao peso dessa realidade me esmagando.

— Eu quero ser como você! — grito com os olhos fechados. — E quero ser eu mesmo.

Tudo está frio e quente ao mesmo tempo, dentro e fora de mim. Parece que alguém tirou o ar da tomada aqui no jardim e o que restou está indo embora. Não consigo respirar.

— Mas eu não posso mais ser eu mesmo, porque toda vez que você chega num lugar eu não quero nada além de estar perto de você. — Minhas cordas vocais parecem duas lixas que lançam pontadas de ardência pela minha garganta a cada palavra. Quando abro os olhos, a lua atrás dos galhos é tudo em que posso me concentrar. — Não há nada que possa acabar com esse desejo e, porra, eu tentei tantas vezes!

Meu peito bate loucamente, mas nada entra ou sai. As lágrimas desconfortáveis escorrem dos meus olhos. Sebastian se aproxima e levanta

sua mão novamente, mas não quero que ele me toque. Não agora. Nem nunca mais. Mas ao mesmo tempo só queria que ele o fizesse.

Tudo virou uma grande bagunça quando ele apareceu na minha porta. Cadê a corda salva-vidas para me resgatar desse desastre? Com meu coração doendo, viro minha cabeça para ele.

— Quando é que isso tudo vai parar?

Mas eu sei a resposta.

Preciso sair daqui. Para longe dele e do seu olhar de saudade que me puxa para perto dele. Mas onde vou encontrar o ar do qual preciso? Me afasto da árvore e ando até a cerca do jardim. Me seguro na madeira, me debruçando sobre eles e pendendo minha cabeça entre os braços, mas meus pulmões se recusam a funcionar, não importa onde eu vá.

Caio de joelhos e me viro para tombar encostado na cerca, a cabeça voltada para o céu. Meus dedos se agarram na grama, mas me agarrar a isso não é o suficiente. Não vai me salvar. Meu corpo vai quebrar tal qual meu coração e meu mundo já o fizeram. É como se estivesse me dissolvendo em bilhões de átomos que um dia foram eu, e agora estão flutuando para se espalharem pelas estrelas. Isso dói. Demais...

Sebastian se agacha em frente a mim, envolvendo seus dedos cálidos em meus tornozelos, mas não consigo olhar para ele. Ele não deveria me ver destruído. E chorando.

— Por que eu tinha que me apaixonar por você? — As palavras são nada além de um sussurro conforme meu peito colapsa. — De todas as pessoas...

Sebastian estende a mão e segura meu rosto, inclinando minha cabeça um pouco para frente para que eu não possa mais escapar. A amarra que ele faz com apenas o seu olhar me ancora de volta à Terra, reunindo de volta todos os átomos na casca do meu corpo.

— Respire, Rafael. — diz ele, tão carinhoso e ainda assim tão insistente que o primeiro suspiro de verdade depois do que pareceram minutos finalmente adentra meus pulmões.

— Não sei por que você me escolheu — diz ele alguns momentos depois, quando finalmente pude encontrar seus olhos reluzentes em meio à névoa nos meus. — Eu só sei que não posso e não quero pensar em mais um só dia da minha vida sem você.

Apático, estendo a mão para bater em seus pulsos enquanto ele me segura. Quero afastá-los daqui. Mas não consigo.

— Você não precisa decidir nada esta noite. Não precisava ter decidido nada ontem e não precisará decidir nada amanhã. Nunca mais vou te forçar a quebrar um limite se você sentir que não está preparado. Eu prometo. — Seus dedos desencostam do meu rosto, então, ele afrouxa o nó do bracelete de couro preto em seu pulso. — Mas quando você estiver pronto, eu estarei aqui. E enquanto você não estiver... — Com cuidado, ele pega minha mão e coloca o bracelete no meu pulso, apertando o nó. — ... eu ainda estarei aqui.

Sem palavras, encaro a faixa em volta do meu pulso direito, quando ele pega minhas mãos novamente, apertando-as com força. Quando se endireita, ele me coloca de pé também, porque estou fraco demais para levantar sozinho. Sua mão direita sobe e vem repousar na curva do meu pescoço.

Estou imóvel. Não saberia para onde ir de qualquer maneira. Mas após um tempo infinito apenas me perdendo e me achando em seu olhar afável e amoroso, meus dedos se fecham apertados na mão que ainda segura a minha. Não posso me soltar dele. Sei que não posso. E neste exato momento, tomo a decisão de que também não quero.

Ele sempre foi quem eu precisei desde o dia em que nos conhecemos. Só que, ele soube antes de mim. Sebastian nunca deixou de acreditar em nós dois. Nunca deixou de confiar em mim. Uma parte de mim está buscando a força de sua fé para fazer dela minha, quero mantê-la em mim como uma pequena luz dentro do meu coração por agora, pela noite e para sempre. O bracelete de couro preto em meu pulso sempre será um símbolo dessa confiança. Significa o mundo para mim.

Cautelosamente, dou aquele último passo para frente e, imediatamente, Sebastian me dá um abraço que faz tudo parecer possível. Um abraço que torna os girassóis roxos e o céu azul de verão verde. Minhas mãos sobem pelas suas costas para agarrar o capuz de seu moletom enquanto deito minha testa em seu ombro, me perdendo por inteiro novamente.

Nele...

No País das Maravilhas.

Sebastian passa os dedos no meu cabelo e pressiona sua bochecha à lateral da minha cabeça.

— Não importa quantas vezes você corra, floquinho, vou sempre estar aqui, te esperando.

Me pergunto como pude algum dia respirar sem ele.

Minutos se transformam numa eternidade. Com apenas seu abraço carinhoso, Sebastian coloca no lugar as peças de mim e do meu mundo, usando a confiança que ele tem em nós dois como cola para os estilhaços. No final, não estou perfeito com todas essas cicatrizes que contam uma história de angústia e medo, mas, a despeito disso, Sebastian me faz sentir digno de ser amado e singular.

Um soluço de repente soa em algum lugar próximo. Finalmente, levanto um pouco meu rosto do abrigo de seu capuz amassado e olho por cima de seu ombro quando encontro duas pessoas muito especiais paradas no jardim próximo à cerejeira. Félix abraça Tânia de lado, e a luz da lua revela as lágrimas em seu rosto brilhando como diamantes cintilantes.

Sebastian suaviza o abraço para se virar também, mas um braço permanece em volta de mim enquanto ele ri baixinho e me acompanha até nossos amigos. Ele limpa uma lágrima do rosto de Tânia, então envolve um braço em volta do seu pescoço e dá um beijo no topo de sua cabeça.

— Eu avisei — sussurra ele, e não faço ideia do que ele quer dizer.

— Sim — responde ela num soluço antes de se soltar de repente de Félix e me atacar com um abraço de urso.

O impacto me causa uma careta de confusão, mas eu a abraço também.

— Está tudo bem? — sussurro em seu cabelo.

Ela se afasta, olhando para o meu rosto. Com a palma da mão, ela enxuga as lágrimas e depois sorri para mim.

— Sim, e com você?

Sua contra pergunta me faz olhar para Sebastian. Talvez não inteiramente. Mas está começando a ficar. Quando ele sorri para mim, também sorrio, e a faísca de confiança dentro de mim brilha um pouco mais forte.

— O que você vai fazer agora? — A voz agradável de Félix carrega só uma pitada de sinceridade. — Se você voltar lá para dentro, vai ter que explicar algumas coisas se quiser sobreviver à noite. Por outro lado... — Ele coça o queixo e estreita os olhos. — Podemos te levar daqui numa operação ultra secreta, com camuflagem e tudo. Você teria que mudar de nome, de rosto e de país, mas em poucas semanas, sua vida voltaria ao normal.

Não achei que seria possível, mas ele realmente consegue me fazer rir depois de uma noite como esta. Respirando fundo, de modo que levanta meus ombros, dou uma última olhada em Sebastian enquanto minha mão acha a dele, e nossos dedos se entrelaçam.

— Normal não é comigo.

Seu rosto transmite afeto, mas também ostenta uma ou duas linhas de preocupação em sua testa.

— Tem certeza?

Sinceramente, não tenho mais certeza de nada na minha vida ou do meu futuro. Mas faço que sim com a cabeça, e Sebastian aperta a minha mão, me dando toda a coragem de que preciso para enfrentar o mundo ao seu lado.

Estou pronto.

Félix volta a envolver a cintura de Tânia com seu braço, Sebastian passa seu braço livre pelo pescoço dela, e então os quatro amigos extraordinários de Oz seguem a caminho da casa.

# Capítulo 18

*Rafael*

Não conseguimos passar todos juntos pela porta francesa, logo Félix e Tânia entram antes de nós. Respiro fundo antes de voltar à festa junto de Sebastian. Meus joelhos ainda estão bambos pelo que aconteceu e ainda está por vir, e minha mente grita *corra* feito uma sirene de um caminhão de bombeiros. Mas Sebastian ainda segura minha mão e sei que estarei seguro ao seu lado.

No momento em que voltamos para a sala de estar, inúmeros pares de olhos se voltam para nós.

Ninguém sabia, mas muitos provavelmente desconfiaram do que estava acontecendo quando saí correndo depois de beijar um homem num jogo. Seus olhares repousam sobre nossas mãos entrelaçadas, congelando o sangue em minhas veias. Automaticamente, minhas pernas deixam de se mover, e elas escolheram o pior lugar possível para fazer isso. Acabei de me transformar no centro das atenções no meio da sala. Minha garganta seca, meus dedos apertando a mão de Sebastian. Jesus Cristo, não me lembro de quando fiquei com tanto medo na minha vida.

É o olhar carinhoso de Nikki que me tira do meu inferno particular, quando de repente ela aparece diante de mim. Mas assim que reconheço a presença da garota sensual, sua expressão muda para um biquinho engraçado.

— Nãããã, eu deveria ter feito você beijar a *mim* — protesta ela, levando as mãos aos quadris. — Daí você seria *meu* namorado e não dele.

Minha boca se abre, porque tenho a sensação de que deveria dizer algo, mas ela então volta a se fechar porque as palavras dela me pegaram completamente desprevenido. Ela não disse isso mesmo? Disse?



Do seu jeito sempre tranquilo, Sebastian me envolve com meu próprio braço, sem soltar minha mão, e então passa seu outro braço em volta de mim, por trás. Com um tom de malícia em sua voz, do tipo que o declara um pecador, ele diz a ela por cima do meu ombro:

— Sem chance, querida. Ele é meu.

Rígido e assustado como um coelhinho em seu abraço, porque isso só atrai mais atenção para nós, eu engulo. Entretanto, as palavras dele não só colocam uma careta debochada no rosto de Nikki, mas também um sorrisinho no meu. Eu sou dele? Senhor, acho que gosto dessa ideia.

Tânia e Félix sentaram-se no sofá novamente e nos chamam para nos juntar a eles. Eles até deixaram um lugar entre eles para eu me enfiar e poder me sentir protegido pelos meus dois melhores amigos. Sebastian volta a se sentar na poltrona como antes.

Há mais algumas pessoas em volta da mesa de centro a essa altura, e algumas doses a menos na bandeja. O jogo aparentemente continuou depois do meu desaparecimento e, com um olhar intenso de Tiffany em minha direção, tenho a sensação de que minha participação neste jogo ainda não se deu por encerrada. Nem de longe.

— Verdade ou consequência, Rafael? — desafia ela.

Mesmo que meu gosto por este jogo não tenha mudado em nada na última meia hora, estou muito mais relaxado quando respondo:

— Verdade.

— Vamos lá... — Seu sorrisinho sádico não significa merda nenhuma, e me faz rir um pouco desconfortável. — Há quanto tempo você está a fim do Sebastian?

Um tanto constrangido de falar tão abertamente sobre o assunto, mordo meu lábio enquanto acaricio distraidamente o bracelete no meu pulso, e meu olhar se volta para Sebastian como se ele fosse meu polo de atração.

Relaxado, mas visivelmente curioso em relação à minha resposta, ele se reclina na poltrona, os cotovelos apoiados nos braços e os dedos entrelaçados sobre a barriga. Receio que uma faixa vermelha nada legal tenha aparecido em minhas bochechas.

— Há algum tempo... — murmuro, voltando minha atenção para Tiffany, embora não consiga me manter olhando para ela por muito tempo e logo desvio o olhar à procura de abrigo.

— Aaawwn — um suspiro feminino coletivo invade o recinto, o que me faz me sentir como um filhote por algum motivo. Pensando bem,

Sebastian disse que todos amam filhotinhos. Talvez ele esteja certo e isso não seja algo tão ruim assim.

O jogo segue comigo perguntando a Félix, Félix desafiando Travis, Travis desafiando Nikki e Nikki escolhendo Sebastian.

— Te desafio a dar uma dose para o seu namorado — diz ela, com um sorriso largo.

Primeiro, Sebastian ri. Mas então se levanta da poltrona e desaparece atrás do sofá e não consigo mais vê-lo. Um segundo depois, sobe no encosto do sofá e desliza pelas almofadas atrás de mim, me dando um baita de um susto. Com as pernas me envolvendo, ele repousa uma mão sobre meu abdome ao se inclinar para pegar uma dose de gelatina alcoólica.

— Maçã ou morango? — Ele me dá a escolha.

Meu Deus, com o corpo dele me pressionando por trás e seu braço me envolvendo, a simples decisão me parece impossível de tomar neste momento.

— Hã... vermelho?

Seu peito estremece com uma risada baixa enquanto ele escolhe a cor certa e, em seguida, me puxa de volta contra ele.

— Vamos lá, floquinho. Abra a boca para mim — diz ele lentamente em meu ouvido, posicionando sua mão livre sob meu queixo para inclinar minha cabeça para trás, apoiando-a em seu ombro. Não tenho escolha a não ser fazer exatamente o que ele diz, porque minha mente ainda está anuviada e meu corpo parece querer seguir suas ordens.

Assim que abro, ele vira o copinho para poder entornar a gelatina na minha boca. Eu a desmancho com minha língua antes de engolir, mas no momento em que quero me levantar, Sebastian vira minha cabeça para ele e me dá um beijo. Ele ignora os suspiros apaixonados ao nosso redor, e olha nos meus olhos e sussurra:

— É assim que se bebe na Inglaterra.

— É, obrigado por reforçar isso. — Sorrio. — Vou te mostrar como se bebe de verdade na Islândia algum dia.

Cheio de malícia, Sebastian balança a sobrancelha para mim. Será que acabei de fazer uma promessa a ele?

É, fiz sim.

Fico na expectativa de ele voltar à sua poltrona na sua vez de fazer a pergunta, mas ele me surpreende e permanece atrás de mim, desafiando Joana daqui. Nem mesmo percebo o que ela escolhe ou que Sebastian diz a

ela, porque toda minha atenção é atraída pelo repentino movimento de sua mão, que encontra a minha, e a facilidade com a qual nossos dedos se entrelaçam.

Enquanto o jogo segue, as risadas das pessoas e os comentários engraçados vão ficando cada vez mais no fundo, como o eco em câmera lenta de uma bela memória. Me encosto em Sebastian, meio deitado, sorrindo com os outros, sentindo a carícia gentil de seu polegar fazendo pequenos círculos no dorso da minha mão. Meu coração parou de bater como se estivesse a caminho de uma execução e desacelerou para um ritmo confortável.

De tempo em tempo, Tânia me lança um olhar encorajador e orgulhoso, e Félix me dá um tapinha no ombro quando vai para o outro lado do sofá para ficar com sua namorada de novo. Quando o dia começou, quem adivinharia que esta noite poderia ser tão agradável afinal de contas? Certamente não eu.

A barba por fazer de Sebastian arranha levemente minha pele quando ele se curva num dado momento para sussurrar algo no meu ouvido, me transportando para um lugar bem longe daquele jogo e daquelas risadas:

— Você está bem?

Inspiro profundamente e expiro em seguida. Só então viro minha cabeça o suficiente para que meus olhos possam encontrar os dele na luz. Eles são afetuosos, refletindo um sentimento que espero encontrar neles por muitos anos.

— Sim — sussurro de volta.

E pela primeira vez em semanas, eu realmente estou dizendo a verdade.

\*

São quase três da manhã, estou na cozinha e capricho uma fatia de pão com presunto, queijo, alface e finalizo com uma generosa camada de maionese. Há um zumbido desconfortável em minha cabeça, provavelmente por causa das muitas doses de gelatina alcoólica. Acho que bebi mais nessa festa do que durante o ano todo.

Em parte, a razão para isso é que chegou uma hora em que tivemos que alterar as regras do jogo e aumentar o número de doses que alguém poderia beber para escapar de uma pergunta ou de um desafio quando as perguntas começaram a ficar muito explícitas. Talvez isso tenha sido uma coisa boa,

porque a tontura que se seguiu certamente ajudou a acalmar o resto dos meus medos de um mundo que descobriu quem eu realmente sou.

E gostei de quem eu fui esta noite.

Completo meu sanduíche com mais uma fatia de pão e dou uma mordida grande. Uma lata de Sprite está aberta ao lado do prato. Os lanches da meia-noite são os melhores. A única coisa que me incomoda é não ter ninguém para dividir comigo. Sinto falta de uma boa conversa enquanto como.

Enquanto me inclino na bancada, dando outra mordida, meu olhar é atraído pelo celular deitado na superfície de mármore escuro da ilha da cozinha. Sebastian e eu combinamos de nos encontrar com Félix e Tânia para almoçar hoje. Tânia quer cozinhar para nós.

Mas o almoço ainda está longe...

Olho para as escadas. Se eu for para a cama agora, provavelmente vou dormir até às onze, mas não tenho certeza se vou conseguir dormir tão cedo. Embora o zumbido em minha cabeça diminua gradativamente a cada mordida do sanduíche e gole da Sprite, ainda há muito acontecendo em meus pensamentos. Tanta coisa aconteceu na minha vida nos últimos meses.

Que montanha-russa incrível!

E com Sebastian ao meu lado, tenho a impressão de que não vai parar tão cedo também.

Um sorriso brota em meus lábios com o pensamento. Não há mais como voltar daqui. Nunca mais. O que quer que aconteça de agora em diante, ele disse que enfrentaremos juntos. Ele disse que vai cuidar de mim porque, ao que parece, é isso que se faz com flocos de neve.

E eu confio nele.

Enfim, um suspiro frustrado me escapa enquanto limpo o canto da minha boca com o dorso da mão depois de terminar meu lanche, porque ele não está aqui comigo. Sinceramente, quão rápido uma pessoa pode sentir falta da outra?

Ah, dane-se. Depois de colocar o prato na máquina de lavar louça e lavar as mãos, pego meu telefone e subo na bancada da cozinha, cruzando os tornozelos enquanto abro o WhatsApp e simplesmente digito uma mensagem para ele.

**Eu:**

*Ei. Está dormindo?*

**Sebastian:**

*Não. Você está? ;-)*

**Eu:**

*Ha. Ha. :P*

Enquanto balanço meus pés, sorrio para a tela.

**Eu:**

*Fazendo o quê?*

**Sebastian:**

*Deitado no sofá. Pensando. Sentindo sua falta...*

Leio a mensagem três vezes, um suspiro cheio de joaninhas me escapando. Ele sempre sabe como tocar a parte do meu coração capaz de criar asas.

**Eu:**

*Foi uma noite louca.*

**Sebastian:**

*Melhor noite de todas.*

**Eu:**

*É estanho eu não querer dormir para que ela nunca acabe?*

**Sebastian:**

*Não, está no seu sangue, Peter Pan.*

Levanto a cabeça, olhando para as duas enormes janelas na sala. Há um quê de verdade nessas palavras. Desde que conheci Sebastian, me senti frequentemente como um menino perdido. Não sabia a que lugar pertencia. Quem eu queria ser ou onde queria estar.

As pontas dos meus dedos passeiam pelo novo bracelete preto em meu pulso direito. Somente com ele eu soube verdadeiramente como é se sentir

encontrado.

Após alguns minutos, o aplicativo vibra e gentilmente interrompe minhas divagações.

**Sebastian:**

*Você está quieto. No que está pensando?*

Indeciso, mordo meu lábio.

**Eu:**

*Estou me perguntando o quão cansado você está.*

**Sebastian:**

*Nunca cansado demais para falar com você.*

Puxa, amo cada palavra que ele já disse ou escreveu para mim.

**Sebastian:**

*Quer vir para cá?*

**Eu:**

*Bebi demais. Não posso dirigir.  
Mas...*

**Sebastian:**

*Mas...?*

Filho da mãe, ele sabe exatamente o que tenho medo de perguntar. Fecho os olhos, tombo a cabeça para trás e deixo um gemido escapar. Pensando bem, hoje fiz coisas muito mais corajosas do que simplesmente dizer a ele o que eu quero, não é? Isso não vai me matar.

Respiro fundo, passando a língua nos lábios, dou um sorriso corajoso e apenas digito a merda da pergunta.

**Eu:**

*Você gostaria de vir para cá?*

A primeira coisa que ele manda de volta é um emoji com um sorriso gigantesco. Sua resposta vem em seguida.

**Sebastian:**

*Para falar a verdade, eu amaria.*

**Eu:**

*Não demore muito. :-)*

Desço da bancada com um sorriso bobo no rosto. Aposto que ele já estava se arrumando para sair do apartamento antes mesmo que eu enviasse o convite de verdade. Não me surpreenderia se ele já estivesse ligando o carro neste momento.

E eu simplesmente o amo do jeitinho que ele é.

Arrumo a sala de estar e jogo algumas coisas na lavanderia enquanto espero por ele, e então sinto borboletas em meu estômago quando a campainha finalmente toca. Dois suspiros profundos para acalmar meu coração acelerado antes de abrir, mas sei que nunca será o suficiente.

Sebastian se encosta na porta, me cumprimentando com o olhar mais caloroso em seus olhos castanhos. Minha garganta se contrai quando engulo.

— Obrigado por vir.

Sua resposta é apenas uma piscada lenta. É o suficiente para lançar uma onda de arrepios por todo o meu corpo.

Quando ele se afasta do batente, dou um passo para trás, mas ele me alcança num piscar de olhos. Sem aviso, ele coloca as mãos no meu rosto e então me dá um beijo apaixonado.

Meu Deus.

Nossas línguas se entrelaçam por um momento fugaz, deixando em minha boca uma sensação ardente de *quero mais* quando ele se afasta logo em seguida.

— Oi — diz ele então e me lança um sorriso maroto.

Fecho a porta e vamos juntos para a cozinha.

— Você quer alguma coisa? Um café depois da meia-noite? — ofereço, porque há algum tempo descobri que essa é, na verdade, uma de suas peculiaridades.

— Por quê? — Ele me assusta quando me envolve com seus braços por trás e murmura suavemente em meu ouvido: — Ainda está com medo de pegar no sono?

Estou?

— Não... — Silenciosamente, rio conforme me viro em seus braços para encará-lo. Então dou dois passos lentos para trás e apago a luz. — Se você vai acordar ao meu lado amanhã de manhã, então está tudo bem.

Sebastian se aproxima e pega minha mão, entrelaçando nossos dedos.

— Eu prometo — diz ele.

Então me viro e nós dois subimos as escadas. Juntos.



# Epílogo 1

*Rafael*

O despertador do meu celular toca às — Jesus Cristo, não tenho ideia. Quem colocou essa droga para tocar tão cedo, afinal? É sábado. Não tenho aula na universidade nos fins de semana.

Cego, ainda meio adormecido, tateio a mesa de cabeceira para desligar o maldito barulho. Quando meu quarto volta a ficar quieto, enfio minha cara de volta no travesseiro e suspiro, feliz por voltar aos meus sonhos com Sebastian e uma noite especial em Eastbourne.

Eastbourne!

Merda! Me sento de supetão, horrorizado, os olhos bem abertos. É sábado!

Coloco as cobertas de lado e levo minhas pernas até a borda da cama, mas não consigo ir muito longe porque um braço forte me envolve por trás e me puxa, me fazendo encostar num corpo maravilhosamente quente.

— Sem chance, Islândia.

Em qualquer outro fim de semana, eu teria voltado contente para as cobertas e continuado na cama com Sebastian a manhã toda, mas não hoje.

— Você pode dormir depois! — protesto, aos risos, e luto para me livrar de seu abraço. — Nós temos que ir!

— Mmannamn — murmura ele, sonolento, atrás de mim. Seja lá o que isso tenha significado. Mas não há tempo para longas discussões. Temos o dia planejado, e é uma longa viagem até Eastbourne.

Livre de seu braço pesado, desço da cama e vou para o banheiro tomar um banho rápido e escovar os dentes. Isso deve dar a ele tempo suficiente para sair do modo zumbi e voltar ao reino dos vivos. Pelo menos é o que se espera. Quando volto para o quarto com uma toalha enrolada na cintura, ele

ainda está deitado de bruços, o rosto enfiado no travesseiro branco, dormindo como um bebê.

— Qual é o seu problema? — declaro do batente da porta em pura impaciência. Seu peito balança com uma risada, mas esse é o único movimento que ele faz. Revirando os olhos, vou até o guarda-roupa e pego um jeans limpo e algumas camisetas. Então pego uma cueca boxer branca da cômoda e tiro a toalha. Quando me endireito depois de colocar a cueca, encontro o olhar malandro de Sebastian no espelho da porta do guarda-roupa. Não se moveu um centímetro, mas pelo menos parece ter finalmente acordado.

Com um sorriso de canto de boca, me viro e termino de me vestir. Depois que o resto das roupas vão parar numa bolsa de viagem, Sebastian lentamente vira de barriga para cima quando vou até a cama, me inclino e coloco minhas mãos atrás de sua cabeça.

— Bom dia — digo baixinho, e dou um beijo em sua boca. — Estarei lá embaixo com o café quando você resolver sair da cama.

Seus dedos pegam os meus quando me afasto, mas não me deixo deter. Nossas mãos se separam e ele recebe um último sorriso por cima do meu ombro. Desço as escadas correndo e ligo a cafeteira. Nesse ínterim, checo algumas mensagens que chegaram ontem à noite. Uma é de Carol, a garota da nossa equipe do *Fortnite*.

Agora que Sebastian veio para ficar na minha vida, mal tenho tempo de ficar duas horas na frente do PS4 ultimamente. E se tenho tempo, acabo em jogos de corrida contra ele, envolvendo apostas bobas. Como não quero perder o contato de meus amigos virtuais espalhados por toda a Grã-Bretanha, dei a Thomas e George meu número da última vez que jogamos e pedi que o passasse para os outros. Seria legal ter todos num grupo do WhatsApp. Parece que Carol entrou ontem e recebeu a mensagem, porque ela colocou algumas flores e uma mão acenando no grupo, e me escreveu no privado também.

**Carol:**

*Ei. :-)* É estranho tirar você do mundo dos jogos e te trazer um pouco para o mundo real. Mas adorei a ideia. Obrigado por não se esquecer de nós. :P

Nunca esqueceria. Eles ainda são alguns dos meus amigos mais próximos e, desse jeito, não precisa haver longos períodos de silêncio

enquanto a vida me mantiver longe do *Fortnite*. Estou a ponto de escrever uma mensagem como resposta, quando ouço passos vindo da escada e, dois segundos depois, lábios calorosos me beijam na nuca, me fazendo sorrir.

O telefone desaparece no meu bolso. A mensagem pode esperar.

Tiro duas canecas do armário e as coloco embaixo da cafeteira. Para Sebastian, uma gosma preta para caramba e, para mim, o cappuccino doce de sempre. É uma sensação agradável que algumas coisas simplesmente não mudam, apesar de tudo. Um cappuccino cheio de açúcar e uma geladeira abastecida com um exército de latas verdes de Sprite são duas delas. Quanto ao resto da minha vida... Bem, digamos que se tornou uma aventura emocionante.

Sebastian trouxe nossas mochilas para o fim de semana, ambas arrumadas, e as colocou próximas à porta antes de bebermos nossos cafés juntos.

— Quer algo para acompanhar seu caldo de piche? — provoco quando entrego a caneca com listras brancas e pretas.

Balançando a cabeça, ele faz uma careta e passa a mão na barriga.

— Acho que comi o suficiente para uma semana inteira na noite passada.

Jesus, sei exatamente o que ele quer dizer. O jantar de seis pratos que Tânia nos ofereceu ontem para comemorar o fato de Sebastian ter vindo morar comigo tinha uns dois pratos a mais. Mas a fadinha é uma cozinheira extraordinária e nos serviu um banquete dos deuses, então nem nós nem Félix quisemos parar até a última sobremesa. Comemos até o sorvete flambado que arrematou a coisa toda.

Para falar a verdade, café é o bastante por hoje.

Encostados na bancada da cozinha um em frente ao outro, tomamos nossas bebidas e trocamos olhares sobre as bordas de nossas canecas. Mal posso conter meu sorriso de expectativa neste momento.

Por fim, Sebastian abaixa a caneca e ri.

— Juro que você está pior do que uma criança antes do Natal. — Ele coloca sua caneca na lava-louças e pega a minha também. — Vamos lá, está na hora de te levar para Eastbourne.

— Claro, como se você não estivesse tão animado quanto eu — retruco, e vou até a entrada colocar meus sapatos.

Alguns minutos depois, quando saímos do elevador na garagem subterrânea, cada um carregando sua bolsa no ombro, vou para a traseira do

Corvette e Sebastian para atrás do Honda ao lado do meu carro. Confusos, nos entreolhamos.

— Achei que eu fosse dirigir hoje.

— De jeito nenhum, floquinho — responde ele ao nosso óbvio impasse. — Com toda essa sua animação, você vai acabar matando a gente na estrada. — Ele abre a mala e joga sua bolsa lá dentro, então, com apenas uma sobancelha arqueada, pede que me junte a ele.

Tudo bem. Coloco minha bolsa junto a dele e sento no banco do passageiro. Se ele tem razão no que disse, é outra questão.

Conforme ele dá ré na vaga do estacionamento e segue em direção à saída, olho para meu Corvette cinza-grafite e para a silhueta sinistra e esfumaçada de um cavalo de guerra preto, presente na lateral já há algumas semanas. Félix é um puta gênio. O chifre em sua testa é apenas um sombreado, só forçando muito a vista para enxergá-lo. Mas eu sei que está lá. E Michele amou quando viu pela primeira vez.

Com o sol forte entrando no carro, coloco meus óculos escuros e afundo no banco para curtir a viagem de duas horas. Conforme deixamos Londres para trás, a mensagem de Carol volta à minha mente. Pego meu celular e digito algumas palavras para ela.

**Eu:**

*Oi linda. Que bom te ver aqui. ;-)*

*Tenho algo para você.*

Da galeria do meu celular, anexo uma foto para ela e aperto enviar. A imagem me faz sorrir porque me lembra do momento em que Sebastian me abraçou na noite passada e tirou uma selfie nossa.

Carol vem me importunando há anos que ela, para variar, queria ver uma foto minha e não do meu carro no meu perfil do jogo. Acho que chegou a hora de fazer a vontade dela. E como — além de Tânia — ela é a fã mais ardorosa e irremediavelmente romântica da minha enfim saída do armário e do fato de estar arriscando um relacionamento com um homem, ela também merece conhecer o cara lindo que acorda todas as manhãs ao meu lado.

Instantaneamente, uma fileira de emojis com corações nos olhos aparece. É, era óbvio que isso ia acontecer.

**Carol:**

*Obrigada, Rafa!! Vocês dois são muito fofos juntos. Manda um beijo para o Sebastian. <3*

Mando um beijo de volta e então guardo o telefone. Quando olho para frente de novo, Sebastian está me olhando. Um sorriso bobo aparece em seus lábios, e sei que é apenas uma reação ao meu próprio sorriso.

— Carol mandou um beijo — digo a ele. — Ela gostou da nossa foto.

Agora, ele assume uma expressão de sabichão e estende a mão para pegar a minha. Nossos dedos entrelaçados, ele os deixa repousar gentilmente sobre o câmbio enquanto desfrutamos silenciosamente da viagem pelo resto do caminho.

A Inglaterra no outono é simplesmente maravilhosa. Tudo está abandonando o tom verde e adquirindo uma infinidade de cores, tornando o mundo um pouco mais vivaz. Tenho adorado pegar a estrada para o sul a cada duas semanas.

Conforme passamos pela igreja na qual certa vez fiz uma parada, um esquilo atravessa a rua, fazendo-nos desacelerar. Aproveito a chance para olhar para as roseiras no jardim da igreja e avisto Padre Gabriel lá, curvado com um regador à mão. Não o encontrei depois de nossa conversa inspiradora no último verão e sei que ele não pode me ver agora, mas de qualquer maneira aceno para ele por trás da janela quando passamos.

No espelho retrovisor, vejo-o se endireitando no instante seguinte e olhando por cima do ombro de um modo estranho e meio reminiscente. A coincidência me dá uma sensação quentinha dentro do peito, e meu olhar se mantém grudado no homem no espelho, ficando cada vez menor, até que finalmente desaparece de vista.

São quase onze horas quando finalmente estacionamos em frente ao jardim de Cláudia. A hora perfeita. E como a irmã de Sebastian já está a par da surpresa que temos para Michele hoje, Cláudia já a deixou pronta..

Assim que saímos do carro, o anjinho vem voando pelo jardim da frente, e Sebastian a pega pelo portão, rodopiando-a uma vez. Com seus bracinhos, ela lhe dá um abraço de urso, e então seus enormes olhos azuis encontram os meus.

— Waffle! — chama ela, transformando meu coração num pudim apaixonado cada vez que tenta dizer meu nome. Levou semanas e semanas

até ela finalmente começar a falar comigo. Fico feliz com qualquer palavra que ela me ofereça.

— Olá, princesinha. — Eu a pego dos braços de Sebastian e a abraço forte em meu peito. — Pronta para um passeio?

Seus cachinhos dourados e sedosos balançam quando ela faz que sim. Ela provavelmente acha que vamos levá-la para a praia, como costumamos fazer quando visitamos. Melhor ainda. Estou morrendo de vontade de ver a expressão em seu rosto quando descobrir para onde estamos indo de verdade. Ou o que a espera lá.

Coloco Michele nos ombros, o que funciona muito melhor com suas calças vermelhas de hoje do que quando ela usa seus vestidinhos, e grito um cumprimento à Cláudia enquanto ela tranca a porta e vem se juntar a nós.

O casaco cor-de-rosa de Michele está pendurado em seu braço, e ela também carrega consigo uma mochila com o almoço e outras coisas. É um dia extraordinariamente quente no fim de outubro, mas as temperaturas caem rapidamente nesta época do ano assim que o sol começa a se pôr.

Começamos indo na direção de sempre, até o mar, mas assim que nos aproximamos, não pegamos a curva para o parquinho. Em vez disso, seguimos por um caminho paralelo à costa. Imediatamente, percebo a postura ligeiramente alerta de Michele em meu ombro.

— Tudo bem aí em cima? — pergunto a ela, puxando sua perna de brincadeira.

— Vai onde? — pergunta ela, inclinando-se para frente e sobre minha cabeça para poder olhar nos meus olhos.

— Num lugar novo. Você vai gostar — prometo, e então ganho um beijo molhado dela no meu olho esquerdo, o que faz todo mundo rir. Eu também, embora tenha que limpar um pouco de sua saliva depois para poder enxergar novamente.

Não é muito longe para onde estamos indo. Cláudia pode vir facilmente de bicicleta com Michele no futuro, ou de carro. Como a maior parte da estrada de terra que andamos é constituída principalmente de grama e sem árvores, tudo ainda está úmido e verde ao nosso redor. Um pouco mais à frente, os sinos e o balido de um rebanho de ovelhas já pode ser ouvido, nos mostrando a direção.

No final da estrada fica a Fazenda Bailey, uma casa antiga e encantadora no meio de nada além de pastagens. As ovelhas nos prados próximos estão cercadas por pedaços de madeira pregados a postes enterrados no solo a

cada três metros. A área romântica, porém rudimentar, possui a atmosfera de um conto de séculos passados.

James Bailey e sua esposa estão sentados na varanda da casa e acenam para nós quando nos observam chegando. Iremos até ele em alguns minutos, mas primeiro tem uma coisa que precisamos mostrar a Michele. Eu a tiro dos meus ombros e a sento no corrimão de madeira na cerca diante de mim, passando um braço firmemente ao redor de seu corpo. Deus do céu, Sebastian estava certo esta manhã. Me sinto mesmo como uma criança na véspera de Natal.

Rodeado por ele e Cláudia, aponto para o lado direito do campo onde o aglomerado de animais diminui um pouco.

— Olha — sussurro no ouvido de Michele conforme ela segue meu braço estendido com seu olhar. Espalhados pelo complexo deste lado, há apenas seis ou sete ovelhas, dois cordeiros... e um pônei branco reluzente.

A menina dá um suspiro de puro espanto, uma excitação percorrendo seu corpo que com certeza a derrubaria da cerca se eu não a estivesse segurando contra meu peito. Suas mãos e suas pernas começam a se debater impacientemente assim como cada pedacinho dela deseja ir até lá.

Sebastian pula a cerca e desce Michele para que ela possa andar de mãos dadas a ele pela campina. Cláudia e eu passamos agachados pelas ripas e os seguimos. É impossível dizer quem de nós quatro irradia mais felicidade neste momento.

Quando chegamos perto da bola de neve peluda, fico surpreso com o quão pequeno é. As fotos de seu antigo dono na internet o faziam parecer um pouco mais alto do que minha cintura, mas para a princesinha é a altura perfeita para cavalgar. Até pedimos para James Bailey achar um chifre de mentirinha para colocar na cabeça para hoje.

A ideia de dar a Michele seu próprio unicórnio surgiu quando Sebastian e eu conversamos sobre ele ir morar comigo, porque ele mal ficava em seu apartamento, e queria contribuir com uma parcela do aluguel do meu apartamento. Como eu sou o proprietário, entretanto, não aceitei o dinheiro. Sugeri então que ele investisse em sua sobrinha. Sebastian ficou animado com a ideia, então comprei o cavalo, e ele transfere uma quantia mensal aos Bailey por abrigar o animal em seu estábulo com as ovelhas e alimentá-lo. Cláudia pode visitá-lo com Michele sempre que quiser e levar o pônei para um passeio. O único filho do casal de fazendeiros se mudou para a Irlanda

há muito tempo e eles não têm netos, então acharam a ideia de ter uma garotinha de vez em quando absolutamente encantadora.

Sem se intimidar nem um pouco com o animal, que ainda é um tanto mais alto que ela, Michele envolve seus braços curtos de criança no pescoço dele e afunda seu rosto no pelo fofo e branco. Ela está totalmente apaixonada, e eu também, apenas observando.

Enquanto Cláudia ergue sua filha para montar no pônei e explica que este é um presente de seus dois tios, Sebastian belisca minha bunda e sussurra em meu ouvido:

— Acho que devemos chamá-lo de *Waffle*.

Os músculos da minha bunda tensionam por um instante por causa do beliscão, mas então viro para ele, rindo, e mordo o lóbulo de sua orelha.

— Você só está com ciúmes porque não pode entrar no clube dos unicórnios com esse seu cabelo preto.

— Hmm... talvez. — Ele dá um beijo no meu pescoço antes de acompanharmos Michele em seu passeio até James e Estela, montada em seu unicórnio. Com um caloroso aperto de mão, agradecemos ao casal pela ajuda e tudo o mais no processo de compra do pônei e depois nos despedimos de todos. Enquanto Cláudia e sua filha vão passar o resto do dia aqui na fazenda, Sebastian e eu temos que voltar para a casa porque uma obra nos espera.

Afago a crina do pônei e então abraço Michele. Ela pode ainda não falar muito comigo, mas ela certamente entendeu que eu e seu tio Bast tivemos um pouco a ver com o unicórnio de presente, e o beijo que ela dá em nós dois vale o mundo.

De mãos dadas, finalmente caminhamos de volta por Eastbourne, nos certificando de estar em casa quando a equipe da construtora chegar à uma hora. Depois que Sebastian me explicou a verdade sobre a visita de Noah naquela noite fatídica em seu apartamento, nós três nos reunimos algumas vezes e refinamos os desenhos de construção para o solário que Cláudia tanto queria para sua casa. Quando tudo parecia estar certo e, tanto Cláudia quanto o pai de Noah deram o sinal verde, contratamos uma construtora local para fazer o serviço.

De volta a casa, descarregamos o porta-malas do Honda e subimos para trocar nossas roupas por outras mais apropriadas para o trabalho e sujar as mãos com a equipe. Pelo olhar que Sebastian me lança quando tiro minha camiseta, acredito que ele não se importaria de se sujar um pouquinho aqui



também, só nós dois. E depois do beliscão na minha bunda há uma hora, também não pensei em nada além disso. Mas já são quase uma hora e o som de um caminhão estacionando lá fora já pode ser ouvido pela janela aberta.

Descemos correndo para deixá-los entrar e mostrar onde será a festa da construção nesta tarde. Cláudia fez um excelente trabalho limpando a área e cobrindo todo o resto com vários lençóis brancos. Para falar a verdade, isso aqui está parecendo uma casa mal-assombrada agora. Mas após o fim de semana, a maior parte do trabalho já estará pronta e a parede de fora da sala de estar terá sido substituída por uma extensão e enormes painéis de vidro.

Os três caras que vieram trouxeram suas máscaras e capacetes, parecendo um trio de mineiros de carvão. Sebastian e eu apenas amarramos bandanas em nossos pescoços e então as subimos para cobrir nossas bocas e narizes. Isso vai ter que ser o suficiente.

Quando todos estão prontos, cada um de nós pega uma senhora marreta e, juntos, avançamos contra a parede, arrebentando o gesso e os tijolos. Meu Deus, isso é tão incrível que começo a me perguntar se escolhi estudar a parte errada da construção e renovação.

Logo, toda a sala está cheia de poeira branca, cobrindo meu cabelo e entrando em cada fenda de minhas roupas. Sebastian não parece estar muito melhor. Mas ele continua lindo para caralho, principalmente quando os músculos dos seus braços e das suas costas enrijecem a cada golpe da marreta. Deus, eu poderia ficar o dia todo assistindo a ele derrubar uma casa.

Muitas horas depois, quando a parede já foi completamente derrubada e somos atingidos pelos raios de sol do fim de tarde, meus bíceps queimam para caramba, provando o trabalhão que tivemos hoje. Com a bandana ainda cobrindo metade do meu rosto, me encosto contra a parede quebrada e olho para o céu que começa a assumir tons alaranjados. Terminamos por hoje, só precisamos tirar todo o entulho e tapar o buraco na casa com um toldo para passar a noite.

Enquanto o pessoal está dando uma pausa e tomando cerveja na cozinha, Sebastian vem e se inclina contra a parede destruída à minha frente. Sua máscara improvisada está pendurada frouxamente em seu pescoço, de modo que consigo ver seu sorriso malicioso quando ele me dá uma olhada em câmera lenta.

— Já te disse como você fica gostoso com essas roupas sujas e todo suado, Islândia? — diz ele, baixo o suficiente para que os caras na cozinha

não ouçam.

Uau. Alguém está a fim de brincar hoje.

De maneira provocadora, arqueio minhas sobrancelhas uma só vez, aceitando o elogio.

Sebastian se afasta da parede e avança em minha direção. Não tenho ideia de como ele ainda faz isso, mas apenas esse movimento acorda as joaninhas em meu estômago e faz elas rastejarem por toda a minha pele.

— E eu não sou o único que está gostando disso — diz ele. — Dois minutos atrás, Diego me perguntou que tipo de relação nós temos. Se somos apenas amigos ou... *amigos*. — Como fiz anteriormente, ele apenas arqueia as sobrancelhas enquanto inclina ligeiramente a cabeça, esperando pela minha resposta.

Cruzo os braços e rio. Os olhares enamorados de Diego em minha direção a tarde toda não me passaram despercebidos.

— E o que você respondeu?

Sebastian está bem na minha frente, olhando diretamente nos meus olhos.

— Que nós somos amigos. — Sua voz é grave e sensual, fazendo os pelos da minha nuca ficarem eriçados e atentos.

Coloco uma mão em seu peitoral, debochando dele com um sorrisinho.

— É sério que o cara grandão e confiante está com ciúmes?

Por um segundo, ele permanece quieto enquanto engancha os dedos na bandana sobre o meu rosto e a puxa lentamente para baixo.

— Nem um pouquinho — diz ele, antes de encostar seus lábios nos meus. Fecho os olhos e deixo o beijo sujo acontecer, aproveitando o movimento de sua língua contra a minha. Jesus, como eu amo beijar a boca desse homem.

Quando finalmente nos desencaixamos, sorrio para ele e bato meus cílios jocosamente.

— E é por isso que você está mostrando a ele que tipo de amigos nós somos, não é?

— Exatamente. — Sorrindo, ele encosta sua testa na minha, e então sua voz desce um tom e se transforma num suave e carinhoso sussurro. — Eu quero que o mundo todo saiba que você é meu. E que nunca vou abrir mão de você.

O sentimento acalorado crescendo em meu peito faz com que eu posicione minha mão em seu pescoço e o puxe para mais perto.

— Sua sorte é que isso também está nos meus planos — murmuro contra sua boca. E então nos beijamos mais uma vez.

## Epílogo 2

*Sebastian*

O feriado de Natal foi um pouco estressante até agora, mas foi também o mais bonito que já tive. Rafa e eu celebramos o dia vinte e quatro com Cláudia e Michele em Eastbourne. A casa parecia uma xícara de chocolate quente com marshmallows e bengalas açucaradas. Pelo menos foi assim que nos sentimos o tempo todo que estivemos lá.

A exuberante árvore de Natal era pequena o suficiente para não encostar no teto, enfeitada com globos e laços em todas as cores do arco-íris. A maioria dos presentes abaixo dela eram para Michele, mas alguns eram para os adultos também.

Com um sorriso nostálgico, olho pela janela do avião, enxergando nada além de um mar de nuvens tingidas de cor-de-rosa pelo sol que se põe lentamente. Levo minha mão até o peito, onde meus dedos se fecham em torno do triângulo apontando para baixo numa corrente de couro. O nome *Rafael* está gravado num dos lados do pingente de titânio.

Com um suspiro feliz, viro minha cabeça para o lado. Rafael cochila ao meu lado, afundado no assento. Há apenas o esboço de um sorriso em seus lábios. Me pergunto com o que ele está sonhando.

Em seu pescoço, o mesmo colar de couro e triângulo de titânio que o meu. A única diferença são os entalhes em lugares diversos, que fazem com que, se colocados juntos, os dois se encaixarem como peças de um quebra-cabeça, formando um triângulo duplo sobreposto apontando para baixo.

E é claro que tem meu nome num dos lados.

Por um longo tempo, estudo o rosto lindo de Rafael. Os longos cílios que descansam sobre a pele de suas maçãs do rosto. Os fios de cabelo louro platinado resvalando sua sobrelanceira esquerda. A ponta de seu narizinho, e

o pequeno arco acima da boca que já beijei inúmeras vezes desde meados desse ano.

Rafael é pura perfeição. E todas as manhãs, sou grato por ser o homem a acordar ao seu lado.

Gentilmente, acaricio seu rosto. No momento seguinte, seus olhos árticos se abrem e encontram os meus.

— Hora de acordar — digo a ele, num tom um pouco mais alto que o de um sussurro. — Vamos pousar em alguns minutos.

Ele inspira e expira profundamente, se alongando. Então se senta ereto. Será bom finalmente sair do avião depois de três horas, não só para ele.

Pouco depois, o capitão anuncia que chegamos a Reykjavík e deseja aos passageiros uma bela estadia na Islândia. Quando o sinal dos cintos de segurança soa, uma pequena agitação começa na aeronave. Esperamos até que a maioria dos passageiros tenham saído antes de levantarmos, e pego minha mochila no compartimento acima de nossos assentos. Não há muito nela porque a maior parte de nossas coisas para os próximos sete dias estão numa mala. Mas nela está o melhor bolo de cereja do mundo.

Rosa o trouxe ontem, no dia 25, para nossa celebração com Tânia e Félix. Durante toda a tarde, ela sentou conosco na sala de estar e contou histórias maravilhosas de sua terra natal e sua família.

Reconheço que houve um tempo, pouco depois de ir morar com Rafael, em que considereei perguntar a ele se uma empregada era realmente necessária. Somos dois homens adultos que certamente conseguem limpar a própria sujeira. Mas logo descobri que a relação dele com a adorável mulher hispânica é muito mais profunda do que eu imaginava.

Toda vez que ela vem à nossa casa, seus olhos brilham com o amor de uma avó por seu neto. Percebi que Rafael mantém o lugar o mais limpo o possível para que, quando ela venha, eles tenham tempo para simplesmente conversar, comer juntos, rir e se divertir.

Rosa é a pessoa que deixa qualquer lugar um pouco mais aconchegante apenas com sua presença. E fico feliz que ela já me abraça da mesma forma carinhosa sempre que aparece, assim como faz com Rafa e seus amigos.

O bolo de cereja, entretanto, foi demais para comer em apenas um dia, então o embalamos esta manhã para trazermos para Islândia conosco.

Uma vez fora do avião e dentro do pequeno aeroporto de Reykjavík, retiramos nossa bagagem e então encontramos nosso carro alugado no estacionamento. Os pais de Rafael se ofereceram para nos buscar, mas ele

insistiu que alugássemos nosso próprio carro e os encontrássemos na casa deles.

— Você vai gostar disso — disse-me ele. Como nunca estive na Islândia antes, acreditei.

A empresa nos deu um Volkswagen Golf Mk7 com 150 cavalos de potência. Fofo.

No estacionamento subterrâneo, colocamos nossa bagagem no porta-malas. Rafael toma a chave das minhas mãos e senta no banco do motorista.

— Sério? — protesto, colocando o cinto ao lado dele. Tenho certeza que conseguiria encontrar o lugar com o GPS sem qualquer dificuldade.

— O restante do mundo segue regras diferentes da Grã-Bretanha — debocha ele, dando partida no motor e manobrando o carro para sair do subsolo. — Você apenas assustaria os locais dirigindo igual um maluco do lado errado da estrada.

Ha. Ha. Péssima desculpa. Ele só quer toda a diversão para si mesmo.

Subimos para a superfície, onde o sol poente ilumina a imensidão de neve e as pastagens secas uma última vez antes de dizer boa noite. Sem a necessidade de GPS, Rafael sai da cidade. Como parece que há apenas uma única estrada principal cruzando toda a ilha e Borganes, a pequena cidade em que seus pais vivem, está sinalizada ao longo do caminho, isso não é nenhuma surpresa.

Assim que deixamos Reykjavík para trás, Rafa pisa no acelerador e acelera pela estrada rural isolada. Puta merda, isso aqui é a porra de uma pista de corrida!

— Podemos voltar amanhã e alugar um carro para mim também, por favor? — imploro, segurando sua mão no câmbio, porque o Golf é pequeno demais para ficar de joelhos e suplicar a ele.

— Meu pai tem um ótimo Jeep que com certeza acompanha essa belezura aqui — diz Rafael, rindo.

— Você acha que ele o deixará com você para uma corrida?

— Isso não será um problema. A questão mais importante é... — Ele me lança um sorriso malicioso e mexe suas sobrancelhas rapidamente. — Qual é a aposta?

Totalmente excitado pelo desafio, deslizo meus dedos nos dele.

— O vencedor pode fazer um desejo?

— Hmm... — emite ele, sorrindo para a estrada à frente.

Apenas olho mais um pouco para ele enquanto cruzamos o país, então viro minha cabeça para o lado e olho pela janela, sentindo uma enorme paz interior. A Islândia adquire tons mais verdes e exuberantes quanto mais nos afastamos da capital, mas está ficando escuro tão rápido aqui que logo é impossível de realmente admirar a paisagem. É uma longa viagem pela noite, e só espero que não tenha nenhuma ovelha cruzando a estrada nesta parte da ilha porque no ritmo atual de Rafael isso significaria um banho de sangue no para-choque dianteiro.

No entanto, acho que todas as ovelhas já foram dormir porque já faz quase duas horas que estamos absolutamente sozinhos na estrada. Até chegarmos à área de Borganes e estacionamos em frente a uma bela casa de campo.

A garagem ampla é iluminada com luzes laranjas e quentes em lanternas nostálgicas que também iluminam o chalé branco com um brilho natalino encantador. O lugar parece ter sido esculpido a partir de um livro de contos de fadas e que gnomos e renas podem ser vistos espiando nos cantos da casa se olharmos no momento certo.

Conforme saímos do carro, a porta da frente da casa se abre e os pais de Rafael saem para nos receber. Katrín Björnsson é uma mulher alta e bela, na casa dos quarenta anos, seu sorriso competindo com as luzes ao nosso redor. Ela está num vestido longo e azul-claro com um avental azul-escuro e uma blusa branca de manga comprida por baixo que dá a impressão de fazer parte da tradição da ilha.

Em ambas as mãos, ela segura as pontas de um xale bordado que está jogado sobre seus ombros e, com ele, ela envolve o filho no abraço mais amoroso que já vi numa recepção. Seu cabelo é tão claro quanto o dele, preso num coque alto, não deixando dúvidas de onde Rafael herdou sua beleza. Abraçando-a apertado, ele pressiona seu rosto contra o pescoço dela. Um anjo abraçando o outro.

Eles trocam algumas palavras incompreensíveis em islandês, que consistem basicamente em sons que esquilos e gatos fariam, mas com uma voz que aquece meu coração. Depois que Rafael solta sua mãe e abraça o pai também, todos se voltam para mim, e percebo que meu nome é mencionado na conversa entre eles.

Erik Björnsson aperta minha mão, dizendo algo amigável através de sua barba loura. Não é difícil adivinhar, mesmo numa língua estrangeira, que ele acabou de me dar as boas-vindas à Islândia. Mais difícil de entender é o

que Katrín diz quando me afoga numa enxurrada de palavras islandesas, e eu simplesmente abro o sorriso mais caloroso que tenho para ela.

— Mamãe! — Rafael ri e coloca um braço em volta dos ombros dela. — Você tem que falar em inglês com ele. Ele não entendeu nada do que você disse.

Um adorável rubor pinta suas bochechas quando ela pega minha mão entre as suas, que estão bem quentes.

— Ah querido, perdão — desculpa-se ela, num inglês perfeito, logo em seguida. — Estamos longe de Londres há tempo demais e eu tendo a esquecer. — A brisa fria sopra os poucos fios que escaparam do coque em volta de seu rosto. — É tão maravilhoso finalmente te conhecer, Sebastian. Por favor, entre e seja bem-vindo à nossa casa. — O vento a faz esfregar os braços, mas não tira o sorriso de seus lábios. — Fiz pato assado recheado e batatas para o jantar. Vocês dois devem estar famintos depois da viagem.

Deus, ela é aquele tipo de pessoa que dá vontade de abraçar e nunca mais soltar pelo resto da vida. A família inteira é...

— Pode ir em frente e arrumar a mesa, Mamãe — diz Rafael a ela, com a mais doce fome por comida caseira brilhando em seus olhos. — Entraremos num minuto. Só preciso pegar a bagagem no carro.

Katrín faz que sim com um aceno feliz e então entra com o marido, deixando a porta entreaberta para nós. Pego nossas malas no porta-malas e as arrastamos em direção à casa. No batente, me lembro que esqueci do bolo de cereja de Rosa no banco de trás, então digo a Rafa:

— Pode entrar, já vou num minuto.

Pego a mochila no carro e a coloco sobre um ombro, fechando a porta. Conforme volto para a casa e outra brisa fria sopra na altura do meu nariz, levanto minha cabeça e paro no meio do caminho. Em silêncio, como deseja toda criança no Natal, alguns flocos de neves caem do céu.

Com um sentimento no meu coração que é um misto de melancolia e pura felicidade, me viro e olho para a paisagem no escuro que está começando a ser lentamente coberta por uma fina camada branca. Sem perceber, levanto minha mão, e quando um floco de nele cai em minha palma, apenas fico olhando para ele por segundos a fio.

Mesmo depois de um minuto, ainda está ali, lindo e delicado.

Uma mão quente e carinhosa aparece debaixo da minha e, com cuidado, fecha os meus dedos em torno do floco de neve.



— É seu para ficar — sussurra Rafael ao meu lado, e um suspiro profundo me escapa com o sentimento afetuoso que ele criou em meu coração.

Viro minha cabeça e encosto minha testa na dele por um momento, inalando seu perfume maravilhoso, potencializado pelo chão em que estamos pisando. Às vezes ainda não consigo acreditar que tudo isso tenha acontecido. Nós dois. E que final maravilhoso tivemos juntos.

— Vem, vamos entrar — diz Rafael gentilmente, dando o beijo mais doce nos meus lábios. — Está frio e eu não quero que você fique doente na sua primeira vez na Islândia.

— Um momento.

Rafael concorda e me dá mais um segundo sozinho aqui fora para realmente chegar ao nosso final feliz. Conforme meu punho fecha com um pouco mais de força em volta do floco de neve que seguro, me viro e grito:

— Rafa?

Ele para na soleira da porta, olhando para trás no halo de luz que brilha de dentro.

— Eu te amo — digo baixinho em meio ao vento.

O anjo da Islândia apoia suas mãos no batente da porta e repousa seu rosto sobre elas.

— Eu também te amo — sussurra ele de volta, dando-me um sorriso que não significa nada menos do que para sempre.

E para sempre com Rafael me parece ser exatamente o suficiente.

FIM

# Por fim

*Rafael*

Gostaria de aproveitar a oportunidade para dizer algumas palavras a todos que estão aí. Para as pessoas que não se enquadram nas normas. Para pessoas que são como eu. Gays, lésbicas, nascidos no corpo errado, que acreditam em conceitos maiores ou que são pequenos demais para este mundo. Unicórnios aparecem em muitas formas diferentes.

Uma das minhas melhores amigas uma vez me disse: “*Não seja apenas uma cor, Rafa. Seja o arco-íris inteiro.*” E mal posso te dizer como ela estava certa.

Pessoal, façam o que vocês amam. Sejam quem vocês quiserem ser. Não deixem nada, nem ninguém impedir vocês. Nunca. Nós somos a nova geração. Somos nós que vamos mudar o mundo. Não se escondam. Façam parte disso. Vocês são lindos, maravilhosos e incríveis.

Um brinde a nós. E a um lindo futuro que está em nossas mãos.

Amo todos vocês!

Rafa

# PLAYLIST

Anson Seabra – Welcome to Wonderland  
*(Depois do País das Maravilhas)*

Sasha Sloan – Dancing With Your Ghost  
*(Cor evanescente)*

Josh Leake – Seven Years  
*(Ficando com a camiseta)*

Ruelle, Fleurie – Carry You  
*(Jantar entre amigos)*

Felix Jaehn ft. R. City, Bori – Jennie  
*(Te desafio)*

James Arthur – Certain Things  
*(Conversa no estacionamento)*

David Guetta ft. Sia – Titanium  
*(Apaixonado por um unicórnio)*

Ed Sheeran ft YEBBA – Best part of me  
*(Mensagens)*

Julian Westlin – Faith Will Do  
*(Gabriel)*

Max Oaso ft. Camishe – Every Breath You Take  
*(Uma joaninha na perna dela)*

Freya Ridings – Lost Without You  
*(Era uma vez um quarto em Eastbourne)*

Dash Berlin ft. Emma Hewitt – Waiting  
*(Ultrapassado)*

Morgan Saint – Glass House  
*(Regras aceitas)*

Max Schneider – I'll Come Back For You  
*(Palavras diferentes do que ele pretendia dizer)*

Imagine Dragons – Bad Liar  
*(Fragmentos de um espelho despedaçado)*

P!nk – What About Us  
*(Um jogo de verdade ou bebedeira)*

Piano Love Ballad – Miss Her  
*(Sete segundos)*

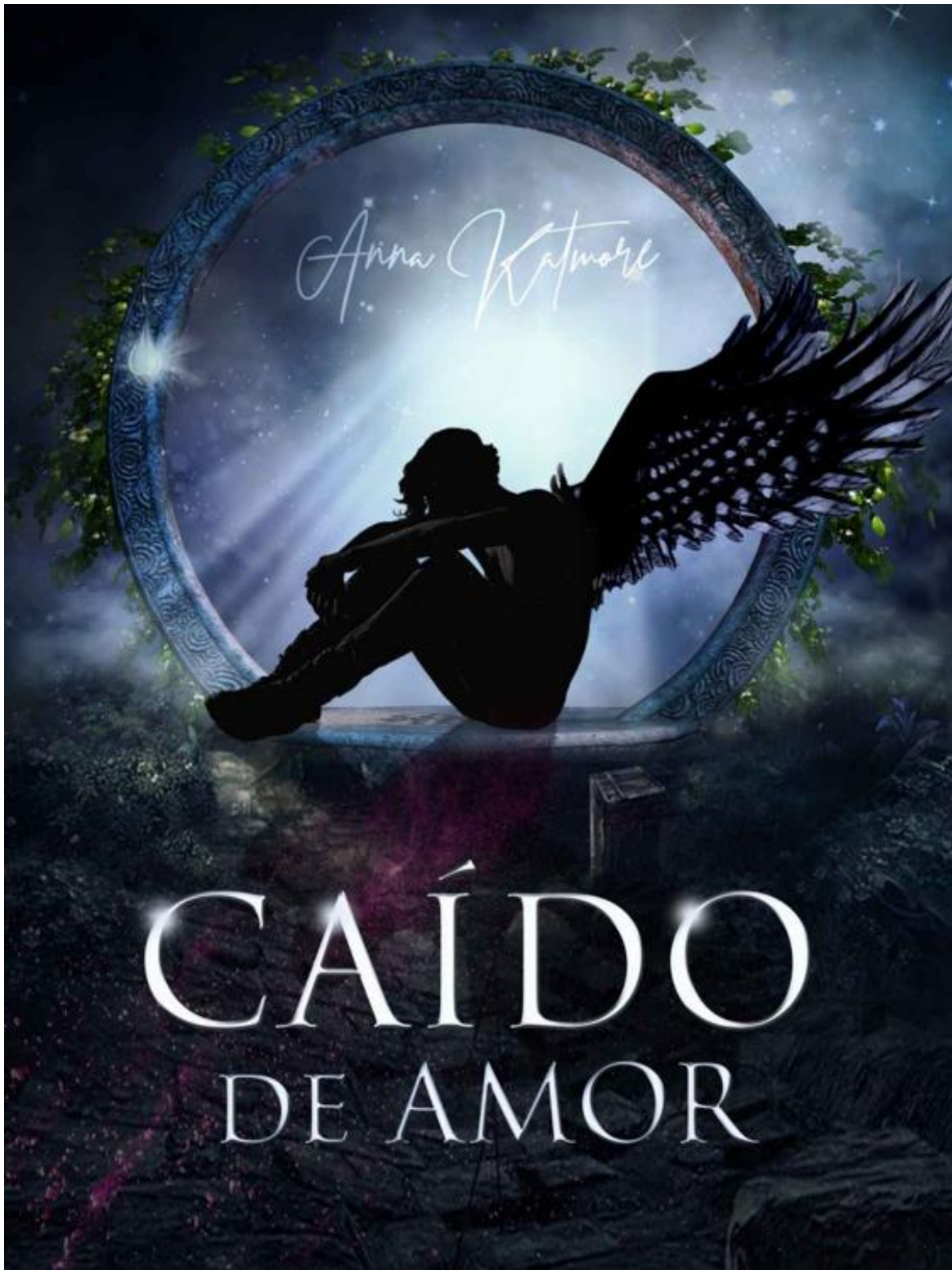
Snow Patrol – Chasing Cars  
*(Sem ar)*

Troye Sivan – Lost Boy  
*(Saindo do armário)*

Andy Grammer – Don't Give Up On Me  
*(O fim de uma noite. E o fim de um conto)*

Travis Van Hoff – Mars  
*(Epílogo 1)*

Jacob Lee – I Belong To You  
*(Epílogo 2)*



## CAÍDO DE AMOR

Há doze anos, minha mãe preferiu ficar com seu amante e me abandonou num orfanato. Mas eu estaria livre de tudo isso ao completar dezoito anos dali seis semanas.

Mas uma decisão errada fez com que eu fosse levada ao tribunal. A sentença? Ir trabalhar num vinhedo na França, na casa de desconhecidos e... Adivinha? Sob a responsabilidade de minha mãe desaparecida, que ainda por cima soltou a bomba que estava com uma doença terminal.

Se isso já não fosse ruim o bastante, tinha que aguentar a companhia *dele!* Quem era ele? Amante dela? Cuidador?

O importante era que, por alguma razão, ele mexia comigo ao mesmo tempo que sirenes internas me alertavam que havia algo de muito estranho naquela situação.

Até que foi a vez dele dar um passo errado, e a partir daí, fui colocada diante de um segredo que mudaria minha maneira de encarar a vida e abriria meu coração.

**Mais livros de Anna Katmore:**

**GROVER BEACH TEAM**

Drible do Amor  
A Jogada Perfeita  
Pisando na Bola  
Dating Trouble  
The Trouble with Dating Sue

**FALL FOR ME**

The Impossible Bet  
Taming Chloe Summers

**AVENTURAS NA TERRA DO NUNCA**

Um Coração na Terra do Nunca  
A Vingança de Pan

**AS CRÔNICAS DO PAÍS DAS FADAS**

Um Príncipe para Chapeuzinho  
Um Lobo em seu Caminho

\*

Meu Vampiro Secreto

\*

Caído de Amor

## Conheça mais sobre a Autora



“Escrevo histórias porque não consigo respirar sem elas.”

Anna Katmore vive em seu próprio mundo encantado, onde são permitidos somente aqueles que estão prontos para lidar com a lógica e o racionalismo. Mas tome cuidado, se passar por essa porta, você nunca mais vai querer sair...

*Disney* é a sua atitude perante a vida, e se ela pudesse, salvaria o mundo dele mesmo. Seu *patrono* é um lobo, sua varinha é um galho quebrado de uma macieira, 30 centímetros de comprimento e a ponta de chifre de unicórnio. Glitter em seus sapatos é uma obrigação, embora ela não se importe com os sapatos de vidro da *Cinderela*. Muito arriscado quebrar alguma coisa...

Para mais informações, por favor, visite [seventeenbutterflies.com](http://seventeenbutterflies.com)